Editora ABRIL
edição 2905 - ano 57 - nº 32
9 de agosto de 2024

Abril

veja

www.veja.com

Rua da cidade de Gramado: o cenário de destruição permanece

MARCHA LENTA

Cem dias após as enchentes, o Rio Grande do Sul ainda convive com inúmeras marcas da tragédia e a reconstrução do estado segue em ritmo moroso

Que orgulho ver nossos atletas
buscando seus melhores tempos.

Mas, acima de tudo,
buscando tempos melhores.

Ouro é inspirar

16 DE AGOSTO

RIO DE JANEIRO
HOTEL FAIRMONT COPACABANA

CONFERENCISTAS CONFIRMADOS:

CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO

RONALDO CAIADO
GOVERNADOR DO ESTADO
DE GOIÁS

HELDER BARBALHO
GOVERNADOR DO ESTADO
DO PARÁ

EDUARDO RIEDEL
GOVERNO DO ESTADO
DO MATO GROSSO DO SUL

RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

MAURO MENDES
GOVERNADOR DO ESTADO DO
MATO GROSSO

WILSON LIMA
GOVERNADOR DO ESTADO
DO AMAZONAS

GLADSON CAMELI
GOVERNADOR DO ESTADO
DO ACRE

FELÍCIO RAMUTH
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO
DE SÃO PAULO

EDUARDO PAES
PREFEITO DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

DIAS TOFFOLI
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF

LUIZ FUX
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF

AYRES BRITTO
PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF (2012-2014)

RAUL JUNGMANN
PRESIDENTE DO IBRAM
MINISTRO DA DEFESA (2016-2018)

ANDRÉ ESTEVES
SÓCIO-FUNDADOR DO BANCO
BTG PACTUAL

FÁBIO ARAÚJO
DIRETOR DE TECNOLOGIA DO
BANCO CENTRAL DO BRASIL

CAROLINA SANSÃO
DIRETORA DE TECNOLOGIA
DA FEBRABAN

NICOLA MICCIONE
SECRETÁRIO-CHEFE DA CASA CIVIL
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

LEONARDO LOBO
SECRETÁRIO DA FAZENDA DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA
PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS
INDÚSTRIAS DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO – FIRJAN

CAIO MEGALE
ECONOMISTA-CHEFE DA
XP INVESTIMENTOS
SECRETÁRIO DO TESOURO
NACIONAL (2019-2020)

MAURÍCIO QUADRADO
PRESIDENTE DO BANCO MASTER
DE INVESTIMENTO

PATRÍCIA ELLEN
CEO DA AYA
SECRETÁRIA DE DESENVOLV. ECONÔMICO
DO ESTADO DE SÃO PAULO (2019-2022)

PATRICK BURNETT
FUNDADOR E CEO DA
INOVETECH

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Giovanna Bastos Fraguito, Gisele Correia Ruggero, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 905 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 32. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

CARTA AO LEITOR

FRAPORT BRASIL/DIVULGAÇÃO

O DESAFIO DA RECONSTRUÇÃO

AO LONGO DA NOSSA HISTÓRIA, uma das grandes tragédias brasileiras — lamentavelmente — tem sido não aprender nada com as grandes tragédias. A cada novo desastre provocado pela natureza (infelizmente, algo cada vez mais comum por causa das mudanças climáticas), autoridades das mais variadas instâncias fazem promessas de acudir em prazo recorde as populações atingidas e asseguram que não faltarão recursos para recuperar as áreas destruídas. Passado um tempo, no entanto, tudo isso começa a cair no

CARLOS MACEDO

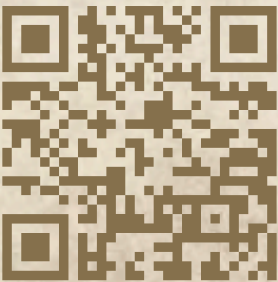
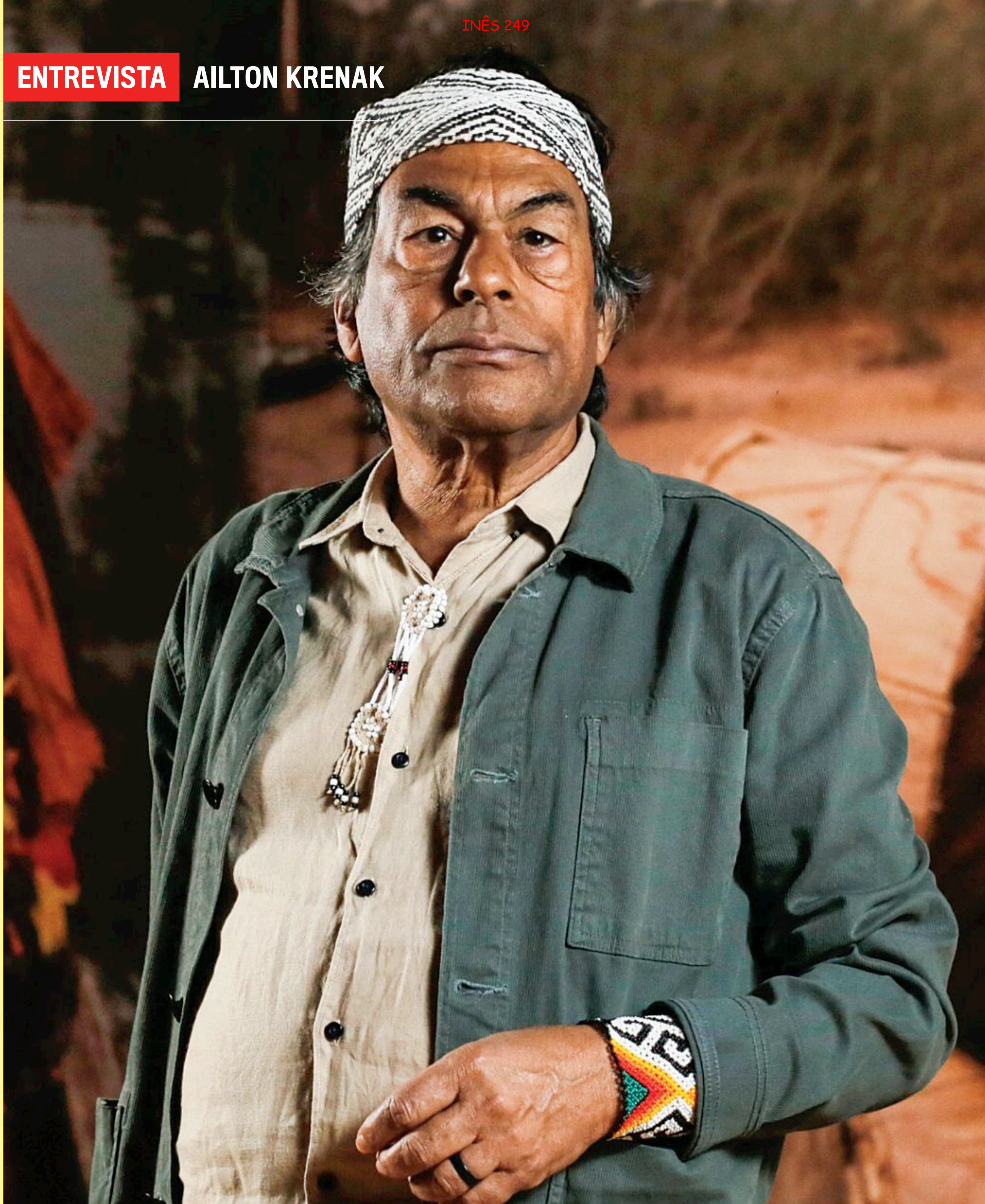
ESTRAGOS Obras no Salgado Filho e o cemitério de Muçum: passados 100 dias, sinais da tragédia ainda resistem por lá

esquecimento: a força-tarefa dos governantes migra para outros campos de prioridades políticas e a burocracia começa a criar obstáculos quase intransponíveis para a celeridade necessária ao trabalho de reconstrução. Outro caos aparece e o ciclo vicioso se repete.

Em meio à destruição provocada pela enxurrada de enormes proporções no Rio Grande do Sul e diante da comoção nacional em torno da tragédia, houve uma resposta inicial robusta, com destinação recorde de recursos públicos de forma a amenizar o drama e iniciar os esforços para o reerguimento do estado. Muita coisa se fez desde então, deve-se reconhecer, mas o fato é que a dimensão inédita das inundações não permite nenhum tipo de esmorecimento nas muitas fases ainda necessárias para devolver alguma tranquilidade ao cotidiano dos gaúchos. Passados 100 dias das enchentes, há ainda um

rastro descomunal de estragos. Para ter uma ideia do tamanho do desafio, cerca de 90% dos municípios seguem em estado de emergência ou de calamidade. A construção das moradias prometidas nem sequer saiu do papel, algo muito preocupante diante de um cenário em que há ainda perto de 3 000 desabrigados. No setor de infraestrutura, o Aeroporto Salgado Filho, de Porto Alegre, vem se recuperando lentamente do baque, com previsão de normalização de seu funcionamento somente em outubro. As estradas continuam também com muitos problemas. A estimativa mais recente dá conta de quase 3 000 quilômetros com interdições. Em resumo: o cenário está muito longe da normalidade.

Realizada durante duas semanas, a reportagem que começa na matéria “A tragédia longe do fim” desta edição conta em detalhes os esforços em andamento, assim como os entraves que emperram o ritmo da reconstrução. Encarregados da missão, os jornalistas Luiz Antônio Araujo (texto) e Carlos Macedo (foto) conferiram de perto a situação de Muçum, uma das cidades que mais sofreram com a tragédia. Cerca de um quarto da população deixou o município, localizado a 155 quilômetros da capital. A destruição não poupou nem o cemitério. “Túmulos, lápides e estátuas foram espalhados pelo terreno e até hoje não há como enterrar parte das vítimas”, relata Araujo. Sepultar esse e tantos outros problemas que ainda restam no Rio Grande do Sul exigirá muito mais das autoridades brasileiras. O drama gaúcho não pode cair no esquecimento. ■

FABIO ROSSI/AGÊNCIA O GLOBO

O GOVERNO NADA FAZ

Escritor e ativista critica a inação do Estado diante de ataques a indígenas, afirma que o ministério criado por Lula não disse a que veio e confessa estar mais pessimista sobre o futuro do planeta

VICTORIA BECHARA

AMBIENTALISTA, escritor e filósofo, Ailton Alves Lacerda Krenak, de 70 anos, virou imortal desde abril deste ano, quando se tornou o primeiro indígena na Academia Brasileira de Letras. Ativista pelos direitos dos habitantes originários, ele mostrou seu rosto ao grande público pela primeira vez ao pintá-lo com tinta de jenipapo em 1987, durante a Constituinte. No discurso, revelou que o gesto era para "expressar luto pelas insistentes agressões" a seu povo. Hoje, sua revolta é ainda maior, devido às tragédias recorrentes. No sábado 3, dez guarani-kaiowás foram feridos a tiros em um conflito por terra em Douradina (MS), episódio que se somou a outros recentes na Bahia e no Rio Grande do Sul. Apesar de Lula ter subido a rampa com o cacique Raoni e ter colocado duas indígenas para chefiar uma pasta específica e a Funai, Krenak está descontente com o governo. "Não conseguiu dizer a que veio", afirma sobre o Ministério dos Povos Indígenas. Além da violência, nesta entrevista a VEJA, ele critica a dificuldade para combater o garimpo e a lentidão na demarcação de terras. Suas críticas também vão para a realização da COP30, a conferência ambiental da ONU, em 2025 no Brasil.

Como o senhor avalia o trabalho do Ministério dos Povos Indígenas? Até agora não conseguiu dizer a que veio.

Por quê? Porque não tirou os garimpeiros da Terra Yanomami, não parou a matança dos guarani-kaiowás, não

cessou a violência contra os pataxós no sul da Bahia, não consegue enquadrar esses fazendeiros que estão montando milícia para atacar as aldeias. É um ministério, então deveria ter um confronto mais explícito entre o sistema formal da República e os bandidos que estão atuando livremente, armados, convocando carreatas. Não dá para ver que as caminhonetes têm armas? Vamos deixar milícias se organizarem no país debaixo do nariz das autoridades? Vejo a dificuldade que o governo está tendo para fazer o Ministério funcionar como um ministério, não como um gabinete paralelo.

O pano de fundo é a questão da terra. O que acha de o STF ter iniciado na última semana uma tentativa de conciliação sobre o marco temporal? Essa ideia de mesa de negociação é mais uma manobra na novela do mar-

“Ver os guarani-kaiowás fazerem um velório à beira de uma rodovia, em cima de um cavalete, é uma coisa horrorosa. Parece filme de terror. Vamos esperar o que para mudar tudo?”

co temporal, que já foi declarado inconstitucional pelo Supremo. É uma movimentação ilusória. O que o ministro Gilmar Mendes está fazendo é enrolação, está empurrando com a barriga. É uma tristeza que tenhamos chegado ao ponto de Executivo e Judiciário ficarem batendo bola, enquanto o Legislativo avança na criação de um ambiente propício ao genocídio. O nosso sistema legal não consegue inibir essa violência. Isso é muito grave. O marco temporal é pretexto para uma voragem, uma violência que subsiste mesmo após um governo *(Lula)* ter sucedido ao outro *(Bolsonaro)*.

Faltou articulação do governo Lula para barrar a aprovação do marco temporal no Congresso? Eu não sei se isso tem a ver com articulação de governo. Isso tem a ver com governança no sentido geral. E não diz respeito só ao Executivo, diz respeito também ao Congresso, ao Judiciário. Os poderes da República estão trocando tiros entre si ou trançando as pernas, feito bêbados. Nós estamos em um Estado desgovernado.

Além dessa questão da violência, quais são as demandas mais urgentes? Tem uma expressão que o povo indígena repete de norte a sul que é: “A terra é a mãe de todas as lutas”. A terra não é mercadoria, mas faz muito tempo que o Estado brasileiro não consegue dizer o que a terra é. Nunca teve reforma agrária, não tem

demarcação de área legítima, vivemos um assalto repetido às fronteiras agrícolas — a da vez agora é a Amazônia. As terras públicas estão sendo apropriadas por empresas e sujeitos espertos. Isso é tão escrachado, tão repetidamente discutido, que chega a cansar a inteligência repetir essa conversa. Parece que nós somos idiotas, né?

E quem seriam os culpados? Eu não acredito nesse negócio de culpa. Culpa tem a ver com religião, não com a política. A gente pode falar de responsabilidade. A responsabilidade é de uma sucessão de governos, todos controlados por oligarquias e pelo capital. Ter a esperteza e a grana como fundamentos em uma sociedade só pode reproduzir violência e desordem. A gente viveu um período tão miserável da vida política que ainda não conseguimos estancar toda a consequência daquela verborragia, das besteiras que ministros diziam. Se uma pessoa ocupa um cargo na estrutura do Estado e anuncia que vai "passar a boiada", ela incentiva a violência e a invasão de patrimônio da União. E ela continua por aí com cargo de deputado, o que significa que somos tolerantes com esse tipo de abuso. Ver os guarani-kaiowás fazerem um velório à beira de uma rodovia, em cima de um cavalete, é uma coisa horrorosa. Parece filme de terror. Vamos esperar o quê? Um desastre monumental para ver que precisamos mudar tudo?

A Terra Indígena Yanomami é palco de uma crise sem precedentes por conta do garimpo ilegal. É possível vencer essa guerra, como prometeu o presidente Lula? O garimpo, dentro ou fora de terra indígena, está causando uma desordem ambiental irreparável, envenenando as águas com mercúrio, drogando o solo. Daqui a pouco as pessoas não vão poder cultivar porque a terra estará doente. A ideia de regularizar a atividade da mineração, que é muito polêmica, tem sido considerada uma das maneiras de acionar o sistema capitalista na defesa do que interessa a eles, que é o lucro, o controle. Mas o garimpo não dá lucro para o sistema todo. O garimpo é uma sangria. É uma questão social grave. O Estado não está equipado para confrontar essa invasão e não tem consenso dentro do governo sobre o que fazer com o garimpeiro. Tem gente que fala em reaproveitar esses milhares de pessoas, colocando-as numa atividade regulamentada. Essa é uma medida que exige muita competência do Estado. E tem que ter muita boa vontade para resolver.

Dá para conciliar preservação ambiental e desenvolvimento econômico? Se o desenvolvimento econômico passar por regulamentações, pode ser possível. Mas não dá para chamar urubu de meu louro. Não dá para ter a invasão garimpeira, a contaminação com mercúrio e a bioeconomia no mesmo lugar. Tem que tirar o garimpo para depois ter, por exemplo, uma atividade de minera-

ção que possa ser fiscalizada, controlada e analisada. Eu vivo às margens do Rio Doce, em Minas Gerais. Nos últimos oito anos, fomos privados do acesso ao rio pela atividade mineradora. As tragédias de Mariana e Brumadinho devastaram bacias hidrográficas. Quer dizer, mesmo a mineração com status de empresa organizada deixa rastros.

A Amazônia brasileira vai sediar a COP30, em Belém, em 2025. Qual imagem iremos transmitir ao mundo?
Acho que vamos mostrar uma imagem eufórica, cheia de expectativas e promessas de futuro, assim como ocorre na Olimpíada. Só que, quando terminar, ninguém vai ter coragem de beber a água do Rio Sena.

“Vamos mostrar na COP uma imagem eufórica, cheia de expectativas e promessas de futuro, assim como em Paris. Só que, quando terminar, ninguém vai ter coragem de beber a água do Sena”

O senhor assumiu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras neste ano. O que tem feito desde então? Eu vou fazer uma piada. As pessoas que vão para a ABL são simbolicamente consideradas imortais, não é isso? Então, eu tenho a eternidade toda para fazer alguma coisa *(risos)*. Três meses é muito pouco. Eu prometi que levaria as línguas indígenas para a Academia. Os países de língua portuguesa no mundo têm o mesmo propósito, que é o de projetar a língua de Camões para além dos lugares que ela já alcançou. Tudo bem, mas aqui, neste país colonizado, existem 305 outras línguas. Eles querem promover a lusofonia, e a gente quer uma sinfonia. Uma sinfonia de línguas. Estou trabalhando para isso, em uma plataforma onde os falantes de idiomas indígenas possam, usando um celular, gravar mensagens sonoras, textos, vídeos, imagens, conteúdos. Estou chamando a plataforma de "língua-mãe". Essa experiência já está sendo implementada junto com o Museu da Pessoa, que está oferecendo uma colaboração muito bacana, a de abrigar na plataforma já existente todo o acervo indígena. Eu acho que para o Brasil poder ostentar essa diversidade linguística, da mesma forma que ostenta a biodiversidade da floresta, nós todos temos que cooperar. De monocultura já basta a soja. A gente não precisa de monocultura de língua.

O senhor fez um discurso histórico na Assembleia Constituinte. De lá para cá, a sua percepção em rela-

ção ao futuro do planeta e da sociedade mudou? O mundo continua sendo o mesmo e velho mundo, com muita guerra, muita disputa, muita predação e com a novidade das mudanças climáticas, que não deixam ninguém de fora. Assim como a globalização é um fenômeno econômico, as mudanças climáticas são um acontecimento sistêmico, planetário. Nós estamos dentro dele e ninguém escapa, nem rico, nem pobre. Estamos todos diante de uma possibilidade real de os humanos passarem por uma experiência dramática. Ou então passarem a viver em condições tão miseráveis que o abismo entre quem tem e quem não tem pode ser intransponível. Podemos chegar a uma situação em que todas as nossas ideias de conciliar a diversidade dos povos deixem de ser um programa e a gente tenha que se voltar para administrar conflitos, guerras e o abismo social. Aquela coisa de o Trump querer fechar os Estados Unidos ao resto do mundo é um anúncio disso. A Europa também quer que os imigrantes se danem. Já temos quase 1 bilhão de pessoas zanzando pelo planeta na condição de refugiados. Refugiados climáticos, exilados políticos, fugitivos da pobreza, todo tipo de miséria.

Pesquisa Datafolha mostrou que quase toda a população percebe mudanças climáticas no cotidiano, mas os brasileiros são mais pessimistas do que otimistas sobre uma melhora. Onde o senhor se encaixa? Eu estou

com a maioria. Imagine se entra uma bactéria estranha no seu organismo. Se o seu organismo estiver saudável, o que ele vai fazer com a bactéria? Expulsá-la. O organismo saudável do planeta vai expulsar o *Homo sapiens* daqui, vai esmagar os humanos. Só que não de uma vez, nem na sua totalidade. A humanidade vai adoecer, ser atacada por pandemias, sofrer desestruturação socioambiental, perder as experiências sociais que construiu até hoje. Essa sociabilidade precária que a gente tem vai erodir, vai se esvaziar, porque as pessoas vão perdendo a confiança no mundo que pode vir depois dessa experiência das mudanças climáticas e da desestruturação dos governos. É um cenário meio apavorante. Mas onde buscar uma luz, um raio de sol e esperança, quando a verdade é tão brutal? ■

DIA DE RAINHA

A CENA não variava muito. A cada vez que Simone Biles, a ginasta que empurra a barra dos limites humanos para cima, pisava no tablado da arena de Bercy, em Paris, não dava outra. Ela levou o ouro uma, duas, três vezes nesta Olimpíada, com exibições de deixar a arquibancada espantada. Ao seu lado, em degrau mais baixo no pódio, lá estava Rebeca Andrade, ora com a prata, ora com o bronze. Eis que na segunda-feira 5 tudo

ELSA/GETTY IMAGES

se inverteu de forma espetacular. Quando todas as bolsas de apostas depositavam as fichas em Biles, absoluta no solo, quem saiu da prova com a medalha dourada muito bem acomodada no pescoço foi a brasileira, protagonista de um desses cliques que ficam para a história.

Enquanto ela celebrava sua conquista, embalada por gritos de "rainha, rainha", Biles *(à esq.)* e sua colega de equipe americana Jordan Chiles, que ganhou o bronze, faziam uma merecida reverência à campeã daquela tarde. Uma bela demonstração de que, para muito além da polarização que se viu nestes dias, com a torcida rachada entre Brasil e Estados Unidos e o duelo travado pelas duas ginastas, o que se sobrepôs foi o *fair play* e um espetáculo daqueles para ter na memória. "Ela me faz sempre tentar ser melhor. Já é uma lenda e ainda vai brilhar muito em sua vida de atleta", disse Biles, com a prata no peito. Aos 25 anos, Rebeca, que viveu as asperezas de uma infância pobre e, ainda pequena, ia aos treinos a pé em Guarulhos, na Grande São Paulo, projetou-se como nunca para o mundo e chegou ao fim da competição com um recorde — é a maior medalhista brasileira em Olimpíadas, com seis medalhas. Sorridente e espontânea, ela, que tem 1,55 metro, avaliou: "Estou maior, estou gigante". Está e para sempre estará. ■

Monica Weinberg, ***de Paris***

“CANNABIS É MEDICAMENTO”

Aos 51 anos e em turnê de despedida com sua popular banda de reggae, o Natiruts, o músico fala da atuação como ativista pela legalização da maconha – e defende seu valor econômico

ATIVISTA Luís Mauricio no palco com o Natiruts: “A política atual é enxugar gelo”

DIVULGAÇÃO

O Natiruts está em turnê de despedida dos palcos e fará quatro shows no Allianz Parque, em São Paulo, com ingressos já esgotados. Por que parar agora? Jamais imaginávamos essa comoção. Nunca fomos celebridades, e sempre fomos honestos com nosso reggae. Procuramos não repetir fórmulas, mas chegou um momento em que percebemos que estávamos fazendo mais do mesmo. Sentimos que chegou a hora de pendurar as chuteiras. Agora, minha missão é quebrar os preconceitos e desmistificar a maconha.

O que o levou a assumir a presidência da Associação Brasileira de Cannabis e Cânhamo Industrial? Tenho um amigo neurologista que trabalha com óleos à base de canabidiol (CBD) e entrei nesse universo para entender a vida dos pacientes. Percebi uma dificuldade dos médicos em conseguir os produtos e montei uma empresa nos Estados Unidos para trabalhar com uma resolução da Anvisa que permite a importação direta para o paciente. Recebi depoimentos emocionantes de mães de filhos com epilepsia ou com autismo que tiveram melhoras significativas.

Ainda há muito preconceito em relação à maconha? Sim. E há outros benefícios da planta que muita gente desconhece, como o cânhamo industrial. É uma matéria-prima maravilhosa para a indústria têxtil e a do papel. É possível fazer mais de 25 000 produtos com cânhamo. Estamos tentando abrir os olhos da bancada ruralista para o fato

de que o cânhamo tem valor absurdo no crédito de carbono. Requer quatro vezes menos água que o algodão e fornece uma fibra mais resistente. E ajuda a regenerar o solo — enquanto o eucalipto, da indústria de papel, o destrói.

Como viu a decisão recente do STF que estabeleceu o limite de 40 gramas de maconha para diferenciar o usuário do traficante? É um tema urgente para nós que tentamos diferenciar o usuário do traficante. Até a decisão do STF, o que estava acontecendo era um encarceramento em massa de uma população preta e pobre, às vezes por uma quantidade ínfima.

Tem esperança de que o Congresso regulamente o uso da maconha? Há medo dos congressistas em relação ao que o eleitor possa pensar. Mas seria ótimo que os políticos saíssem do armário e botassem a cara a tapa. O Brasil está perdendo uma grande oportunidade. A política atual é a de enxugar gelo. O tráfico continua do mesmo jeito. O dinheiro gasto para combatê-lo poderia ser usado de modo inteligente. ■

Felipe Branco Cruz

SOPRO DE BOM HUMOR

KARIME XAVIER/FOLHAPRESS

Caçulinha era mais do que o alívio musical do *Domingão do Faustão,* programa de auditório do qual participou de 1989 a 2009. O multi-instrumentista, nascido **Rubens Antônio da Silva,** era um sopro de bom humor e simpatia, traços que imprimia por onde quer que fosse. Natural de Piracicaba, vinha de família de músicos. Ganhou o nome artístico porque seu tio, Rubens da Silva, que fez dupla sertaneja nos anos 1930 e 1940 com seu pai, Mariano da Silva, era chamado Caçula. Ao nascer, em 1938, logo lhe colaram o apelido que o acompanhou pelo resto da vida. Tinha ouvido absoluto e sabia identificar, com rara precisão, a nota associada a qualquer tipo de som. Essa capacidade permitiu que dominasse instrumentos diversos, como violão, piano e acordeom. Começou a tocar aos 8 anos, mas a sua estreia no mundo fonográfico aconteceria só aos 21, quando lançou o primeiro 78 rotações, com as faixas *Pelé* e *Noiva do Sargento.* Versátil e eclético, gravou mais de trinta discos e tocou com grandes nomes da música brasileira, de Caetano Veloso a Chico Buarque, passando por Elis Regina (1945-1982), Gal Costa (1945-2022) e Milton Nascimento. Morreu na segunda-feira 5, após dez dias internado para se tratar de um infarto. Tinha 86 anos.

CARISMA Caçulinha: ouvido absoluto o levou a dominar vários instrumentos

REFERÊNCIA NO MERCADO

O executivo **Daniel Darahem** tinha a cara do JP Morgan Brasil, banco que foi sua casa durante 27 anos. Em 1994, formou-se em administração de empresas pela Fundação Getulio Vargas de São Paulo, mas iniciou a carreira em 1997, no antigo Banco Patrimônio, que foi adquirido pelo Chase Manhattan no final da década. Tornou-se um dos poucos brasileiros a permanecer na empresa que mudaria de nome e marcaria sua trajetória no mercado financeiro local. Ocupou várias posições na hierarquia e trabalhou em Hong Kong durante cerca de quatro anos, antes de assumir o cargo de CEO, em outubro de 2020. Morreu na sexta-feira 2, aos 51 anos, após um longo tratamento de câncer na garganta. Deixa a mulher e dois filhos.

PERSISTENTE
Darahem: longa trajetória no banco JP Morgan

DIVULGAÇÃO

VIRTUOSO DO VIOLONCELO

O violoncelista **Antonio Meneses** foi um dos músicos eruditos mais respeitados de sua geração. O brasileiro se apresentou com as orquestras de Berlim, Londres, Viena, Paris, Moscou, Nova York e Tóquio, em parceria com maestros igualmente grandes, como o austríaco Herbert von Karajan e os italianos Claudio Abbado e Riccardo Muti. Para a Deutsche Grammophon, gravou *Duplo Concerto de Brahms*, com Anne-Sophie Mütter, e *Don Quixote*, de Richard Strauss, além das obras completas para violoncelo de Villa-Lobos. Nascido no Recife, em 1957, foi criado no Rio de Janeiro e se mudou para a Europa ainda na juventude. Morreu no sábado 3, na Basileia, na Suíça, aos 66 anos. Havia sido diagnosticado em junho com glioblastoma multiforme, um tipo agressivo de tumor cerebral. Atendendo a um pedido pessoal, não houve funeral. ■

WÖSTMANN/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

DOMÍNIO Meneses em ação: músico erudito respeitado entre seus pares

RONALD PEÑA R./EFE

“Os venezuelanos expressaram claramente a vontade deles. Conseguiremos que sua decisão seja respeitada.”

EDMUNDO GONZÁLEZ, candidato da oposição à Presidência venezuelana, reivindicando a vitória sobre Nicolás Maduro após manifestações tomarem as ruas do país em meio a pleito marcado por desconfiança e pressão internacional

"Não podemos pensar em eleger para a prefeitura alguém que nunca trabalhou na vida. Alguém que, quando foi à rua, invadiu a propriedade alheia."

JAIR BOLSONARO, durante lançamento da campanha de Ricardo Nunes à reeleição em São Paulo, em ato marcado por ataques ao rival Guilherme Boulos, "defensor da ditadura venezuelana"

"Sou a única que tem o diálogo e a condição de aglutinar o governador Tarcísio e o presidente Lula para podermos focar em São Paulo."

TABATA AMARAL, deputada federal e candidata à prefeitura da capital paulista, expondo seu suposto diferencial em relação aos adversários

"Eles também são resultado da ação do homem."

OSVALDO GAJARDO, membro do WWF-Brasil, após ser divulgado balanço com o recorde de incêndios na Amazônia em quase vinte anos, diante de um cenário de secas históricas

"São patógenos ainda confinados a regiões específicas, mas com potencial de se espalhar globalmente."

NAOMI FORRESTER-SOTO, cientista britânica, resumindo novo alerta da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre vírus e bactérias capazes de provocar outra pandemia

"É oficial.
Estou me aposentando."

LUANA ALONSO, nadadora paraguaia de 20 anos, eleita uma das musas da Olimpíada, ao anunciar, irritada, o fim da carreira nas piscinas após eliminação prematura da competição

"Milton é sagrado."

ESPERANZA SPALDING, premiada contrabaixista e cantora de jazz americana, sobre parceria e novo álbum ao lado de Milton Nascimento

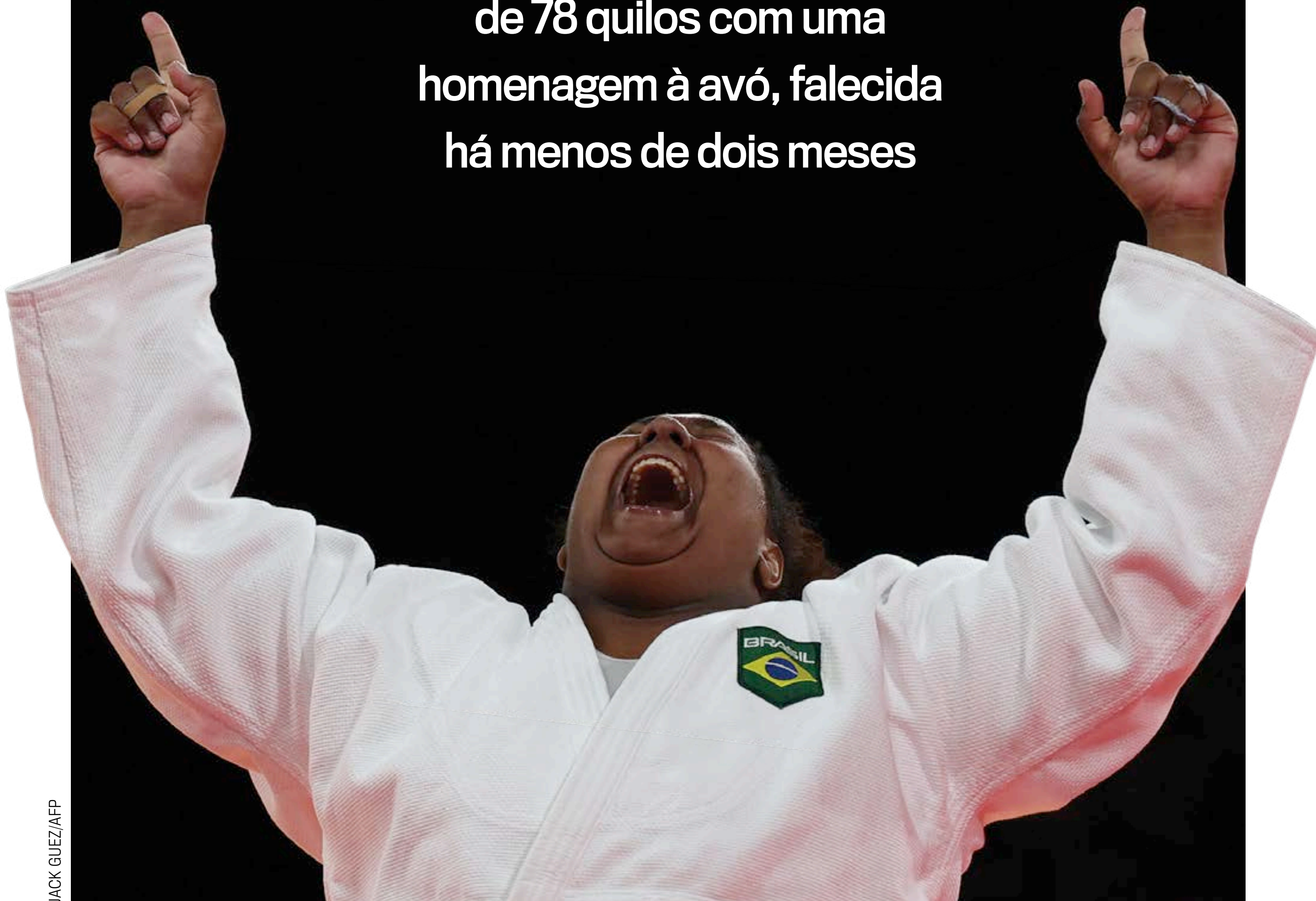
"Tentei o meu melhor, mas é claro que fiquei muito decepcionado."

HUGO CALDERANO, esperança de medalha brasileira no tênis de mesa, depois de perder o bronze para oponente francês

"Ao continuar sua associação com a Coca-Cola, o movimento olímpico corre o risco de ser cúmplice da intensificação de uma epidemia global de má nutrição e degradação ambiental."

TRISH COTTER, pesquisadora australiana, criticando o vínculo da marca de refrigerantes com o evento esportivo, em editorial publicado no periódico científico *British Medical Journal*

"É para a vó, mãe!"

BEATRIZ SOUZA,
judoca que levou a primeira medalha de ouro para o Brasil nos Jogos de Paris, celebrando, em lágrimas, a vitória na categoria acima de 78 quilos com uma homenagem à avó, falecida há menos de dois meses

JACK GUEZ/AFP

FERNANDO SCHÜLER

UM NOVO JEITO DE CAMINHAR

"NOSSA REVOLUÇÃO é armada", disse Maduro, em um de seus infinitos pronunciamentos. Ele fala como se estivesse em um programa de TV, e há sempre uma pequena plateia de militares e funcionários aplaudindo. Naquele dia, o sentido de suas palavras era claro: o que existe na Venezuela é uma revolução. Não se trata de um processo que, em um certo momento, possa passar ao comando de María Corina Machado, a amiga de Vargas Llosa e Javier Milei. Não há compatibilidade possível entre uma revolução e certas bobagens típicas de uma democracia liberal. Eleições livres, por exemplo. Um tribunal independente, ou mesmo aquele teatro que foram os Acordos de Barbados. Vem aí a segunda parte da sentença: a revolução tem o Exército. González Urrutia pode ter feito 80% dos votos. Pode também fazer enormes comícios e ser reconhecido como presidente por quarenta ou cinquenta países, como aconteceu com Juan Guaidó. Mas é um profeta desarmado. Não haverá uma Revolução de Veludo, como se fez com Havel, no Lanterna Mágica, em Praga. E essa é a primeira lição dos últimos dias, na Venezuela.

É possível especular que as eleições tenham complicado um pouco as coisas para o regime. Guaidó não foi eleito, ao contrário de Urrutia, que, além de tudo, parece ter ganhado por ampla margem. É evidente que isso faz diferença, se a ideia de legitimidade democrática ainda fizer algum sentido. E há María Corina, uma mulher de fala pausada e firme, que entende de política, tem carisma e apoios mundo afora. E votos, na Venezuela. Dito isso, a oposição vai perder o jogo, mais uma vez. Afora o controle total das instituições, Maduro dispõe daquilo que conta de fato: uma aliança sólida com o eixo liderado por China e Rússia na nova Guerra Fria global. E conta com uma segunda camada de apoio diplomático no continente, a partir do eixo formado por Brasil, México e Colômbia. A partir daí, o maior ou menor apoio de países democráticos, incluindo Estados Unidos e União Europeia, surge como um dado relevante, mas longe de ser decisivo.

De todo esse cenário melancólico surge a figura de Lula, que se tornou uma peça-chave em todo esse teatro. E era previsível que fosse assim. Lula é hoje o "líder histórico" da esquerda latino-americana. Não tem, vamos convir, nenhuma chance real de mudar qualquer coisa no processo. Se caísse algum raio "democrático" em sua cabeça e ele decidisse reconhecer Urrutia, nada de fato aconteceria. Maduro diria que Lula enlouqueceu, e seria mais uma vez aplaudido por sua plateia privativa.

Mas há um peso simbólico. Lula sabe disso, e se equilibra em uma linha tênue: precisa manter sua fidelidade aos amigos ditadores latinos. E precisa preservar sua imagem global de um "democrata". De qualquer forma, Lula dará um jeito nisso.

MÃO DE FERRO Nicolás Maduro: controle total das instituições venezuelanas

Ele é um craque, afinal de contas, e também possui com sua plateia cativa. Em algum momento, dirá que é preciso “respeitar um país soberano”, recomendará uma nova rodada de negociações, quem sabe agora em Aruba, e tudo ficará na mesma. E novamente cumprirá seu papel de principal fiador do chavismo no continente.

O governo opera claramente nessa direção. E com maestria. Observem a retórica esperta sobre “aguardar a divulgação das atas”. Sobre “recorrer à Justiça” e a necessidade de

RONALD PEÑA R./EFE

“Lula se tornou uma peça-chave em todo esse teatro das eleições”

“negociação”. A conversa aparentemente sóbria sobre “evitar um novo Guaidó”. E a tese cínica de que o problema deveria ser resolvido “pelos próprios venezuelanos”. No conjunto, uma imensa e desavergonhada conversa fiada. Não há Justiça independente na Venezuela e a conversa sobre apresentar atas e abrir alguma negociação (sobre o que, exatamente?) é apenas uma forma de o regime ganhar tempo. O ponto que o governo brasileiro recusa é exatamente o único que poderia dar algum alento ao processo, e mesmo por isso rechaçado por Maduro: a supervisão externa de uma recontagem dos votos. Foi esse o ponto recusado pelo Brasil da resolução da OEA que faria uma condenação a Maduro. E é o tema crucial. O único que o regime chavista não pode aceitar.

Não há nenhuma novidade nisso. Acho engraçado ler, na mídia, que Lula está cometendo um “erro”. Se há uma virtude nas atitudes de Lula em todo esse processo é a coerência. Lula apoiou o regime chavista, na Venezuela, desde o seu início. Regime que produziu sistematicamente uma autocracia, desde o

seu início, quando subordinou os demais poderes, e em especial a Suprema Corte, ao Executivo. Isto é, ao próprio Hugo Chávez. E todos se lembram do "Chávez, a tua vitória será a nossa vitória", gravado por Lula nas eleições de 2012. O mesmo se dá com o PT. Ainda agora, em 2022, quando explodiram manifestações populares em Cuba, feitas por gente miserável gritando "liberdade" pelas ruas destruídas de Havana, o que fez o PT? Uma nota de "apoio e solidariedade incondicionais ao povo e ao governo de Cuba". Novidade zero. Quando Fidel morreu, Lula disse que sentia "como a perda de um irmão mais velho", chamando-o de "o maior dos latino-americanos". Vale o mesmo para a Nicarágua. Ainda na antevéspera da campanha eleitoral brasileira, Lula deu uma entrevista à TV espanhola sugerindo não haver nada de mais com os mandatos sucessivos do ditador Daniel Ortega. "Se a Angela Merkel pode, por que o Ortega não poderia?", sugeriu.

Isso poderia ser diferente? É claro que sim. O vezo autoritário não é um destino. É uma escolha. Ainda me lembro do chanceler Luiz Felipe Lampreia, no governo de FHC, cometendo o sacrilégio de se reunir com Elizardo Sánchez, dissidente cubano e presidente da comissão nacional de direitos humanos. Foi pouco, na verdade, mas marcou uma posição de certa dignidade. É o mesmo caso de Gabriel Boric, que traduz uma ideia bastante distinta do que significa ser um líder de esquerda. Ele deixa claro que há uma linha que não deve ser cruzada. Suas posições me fazem lembrar da distinção que um dia escutei de Jorge Castañeda: na América Latina, dizia ele, temos a esquer-

da carnívora e a esquerda vegetariana. Carnívoros seriam cubanos e chavistas, enquanto Lula, os chilenos e uruguaios, da Frente Ampla, seriam a gente boa da esquerda, ajustada aos modos e valores da democracia liberal. A distinção é boa, mas não funciona com Lula, no plano das simpatias latinas, em que o gosto pela carne parece evidente.

A última moda de parte de nossa esquerda é sugerir que, agora que as coisas ficaram de fato vergonhosas, o chavismo não seria mais um regime de esquerda. Na dança das palavras, teríamos um estranho conceito imune aos fatos. Ainda me lembro do argumento de Francisco Weffort, nos anos 80, à época da transição, perguntando "Por que Democracia?", em um livro hoje esquecido. Sua esperança, quem sabe, era de que a esquerda pudesse ter aprendido alguma coisa com o rastro de violência e autoritarismo da tradição socialista e revolucionária, e pudesse incorporar a democracia como um valor. Não apenas como um novo caminho, dizia ele, mas "um novo jeito de caminhar". Guardei aquelas palavras e agora elas me voltam, quando vejo a indiferença diante dos mortos na Venezuela, diante de uma eleição vergonhosamente fraudada e de uma revolução pífia, que não passa de um exercício cotidiano de violência. A verdade é que, quase quatro décadas depois de nosso reencontro com a democracia, aquela provocação do professor Weffort prossegue em aberto, à procura de uma resposta. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

IMÓVEIS

O preço médio dos endereços residenciais no país subiu 0,76% em julho. Foi a maior alta registrada em uma década.

BETS

Segundo estimativas da Strategy&, consultoria estratégica da PwC, o mercado de apostas esportivas no país pode alcançar um faturamento anual de 130 bilhões de reais até o final de 2024.

ANITTA

A cantora é a única brasileira finalista na mais nova edição do MTV Video Music Awards: ela concorre em três categorias.

DESCE

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

A pasta teve de se retratar por ter trocado a foto de Rebeca Andrade no pódio do ouro pela imagem de um computador para celebrar conquistas do governo.

GOOGLE

A Justiça americana decidiu que a empresa violou as leis de competição para preservar sua liderança nas buscas on-line.

CAZÉTV

O sucesso parece ter subido à cabeça do canal. Nas transmissões dos Jogos de Paris, comentaristas e convidados protagonizaram uma sucessão de pisadas de bola.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia
e Nicholas Shores

Chegou a hora

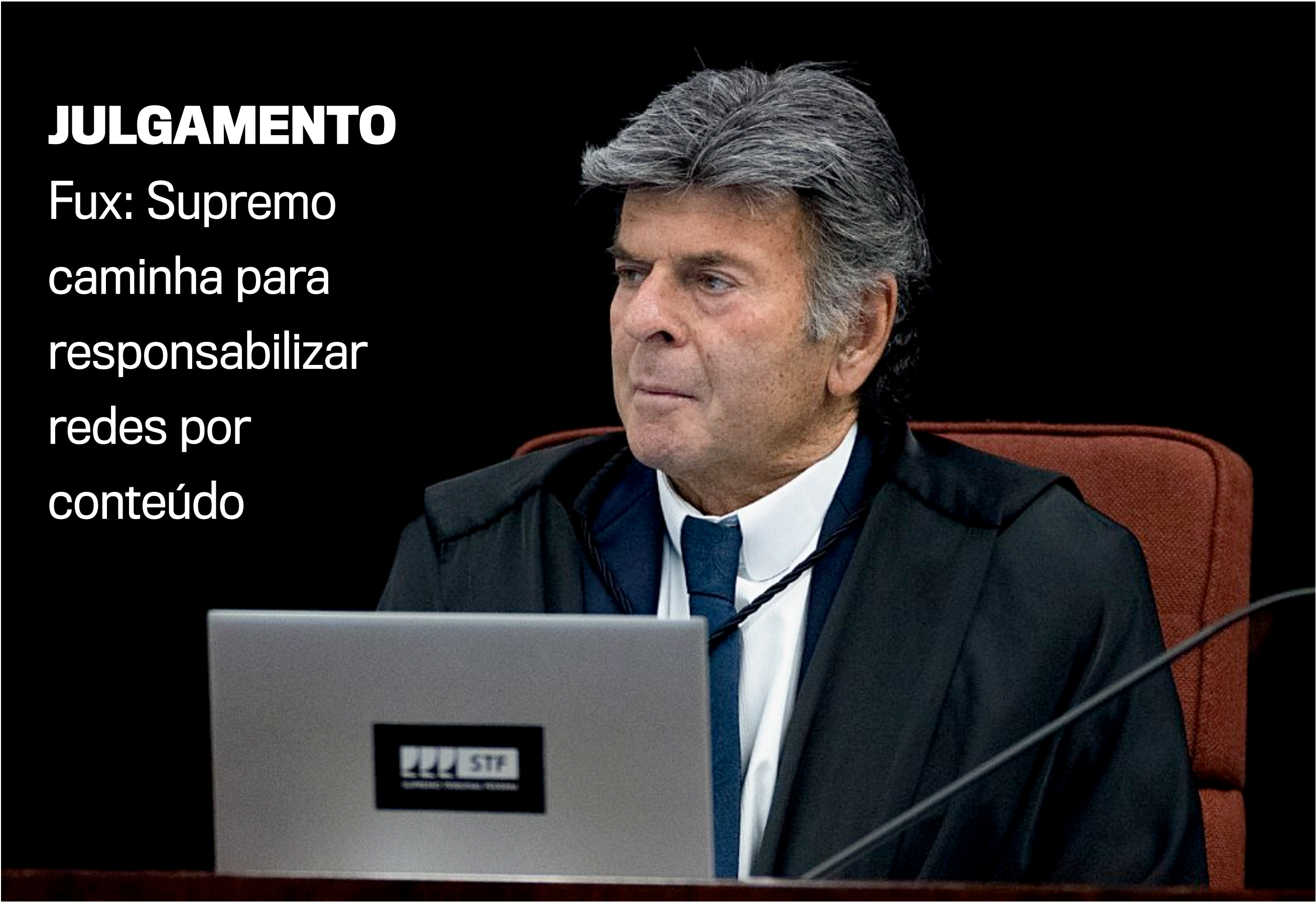
Com a campanha na rua e a ameaça constante das *fake news,* o ministro **Luiz Fux** decidiu enfrentar no STF um tema crucial para a eleição: a responsabilização das redes sociais pelo conteúdo postado. Fux vai liberar o caso para julgamento no plenário da Corte nos próximos dias. “Chegou a hora de enfrentar esse tema”, diz Fux.

Não é terra sem lei

Fux e Dias Toffoli têm ações do caso. Os dois devem apresentar um voto conjunto sobre o tema. A tendência é de responsabilização das plataformas por conteúdos falsos e ofensivos.

Verdades inconvenientes

Cármen Lúcia repreendeu o

JULGAMENTO
Fux: Supremo caminha para responsabilizar redes por conteúdo

ANDRESSA ANHOLETE/SCO/STF.

STJ, nesta semana, por falta de transparência nos julgamentos virtuais do tribunal. Ministros do STJ, claro, não gostaram.

Semestre na tranca

Filipe Martins completou seis meses na prisão. A defesa de Jair Bolsonaro vê coação no caso. “A exemplo do coronel Cid, a expansão ilegal da prisão é para coagi-lo a delatar”, diz o advogado Paulo Cunha Bueno.

Nas asas do poder

A Aeronáutica enviou ao TCU, recentemente, dados sigilosos de quem pegou carona em voos da FAB de Lula, Alckmin, Barroso, Arthur Lira, Rodrigo Pacheco e Paulo Gonet.

Quem pegou carona?

O TCU devolveu a lista por receio de vazamentos dos nomes que voaram com essas autoridades. Afinal de contas, vai que aparece o nome de alguém que não era para voar tão alto assim.

Coração de mãe

Muitos ministros de Lula, no entanto, precisam divulgar a lista de caronas. Há de tudo lá. De assessores a cônjuges, amigos e políticos voando de FAB.

No escuro

Sob proteção brasileira, a Embaixada da Argentina em Caracas, com seis opositores de Maduro refugiados, seguia, nesta semana, sem luz elétrica.

Fala mais, pra ver

Javier Milei só agradeceu ao Brasil por proteger a embaixada *hermana* depois de receber um tranco sigiloso do

Itamaraty por atacar Lula nas redes.

Como faz?

O Itamaraty herdou uma confusão ao assumir a Embaixada do Peru em Caracas. O staff é todo brasileiro, mas milhares de peruanos buscam o local.

Teve fraude

Lula, segundo um auxiliar, já deixou claro que não acredita na vitória de Maduro. Só não fala em público.

Me diga com quem andas

Para Ronaldo Caiado, a leniência do PT com Maduro será cobrada, segundo pesquisas, nas urnas: "O PT vai se inviabilizar nas eleições, principalmente nas grandes cidades".

Ditador é ditador

Governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, do PSB, vai na mesma linha: "O governo Maduro é autoritário, populista. Não dá para ser complacente com governos autoritários".

Juntos até o fim

Apesar das discordâncias sobre Maduro, o PSB é vice do PT nas disputas por prefeituras de 118 cidades país afora.

Uma década depois

O desastre aéreo com Eduardo Campos completa dez anos no dia 13. O PSB, nesse período, foi alvo de dezessete processos por causa do acidente na campanha de 2014. Já venceu treze.

Falta de civilidade

Uma reunião do Ministério

INSTAGRAM @JDORIAJR

PARIS Macron e Doria: o francês vai receber empresários brasileiros

do Trabalho com representantes de aplicativos de entrega descambou outro dia para baixaria. Gilberto Carvalho era o que mais xingava, segundo um empresário.

Queimando dinheiro

O combate ao fogo no Pantanal já levou o governo de Mato Grosso do Sul a comprometer 33 milhões de reais de seu orçamento do estado.

Depois dos jogos

Em setembro, o LIDE de **João Doria** vai levar trinta empresários brasileiros para uma reunião de trabalho com o presidente da França, **Emmanuel Macron,**

no Palácio do Eliseu. A agenda incluirá ministros do governo francês.

Segredos atômicos

Um levantamento interno na Eletronuclear mostra que alguns dos executivos da estatal gozam de salários e privilégios faraônicos. Pelo menos 150 deles ganham acima de 100 000 reais por mês. Detalhe: as informações não aparecem no Portal da Transparência.

Todo mundo feliz

Gastar, aliás, com funcionários tem sido uma constante nas estatais e no governo. O Planalto concedeu, recentemente, várias gratificações salariais a servidores do Palácio da Alvorada.

O último

Com Alberto Youssef livre da tornozeleira, só sobrou Pedro Correia entre os delatores da Lava-Jato com o adereço.

Confiança no futuro

As operações de crédito envolvendo pequenos negócios no país, segundo o Sebrae, bateram na casa dos 6,5 milhões de empréstimos, melhor resultado dos últimos oito anos.

Casamento arranjado

PT e PSOL seguem em atrito pelo controle da campanha de Guilherme Boulos. O petismo deu dinheiro e quer ser ouvido. Boulos, no entanto, diz que vai fazer o que acredita — e ponto-final.

O que realmente importa

A filósofa Lúcia Helena Galvão lança neste mês o li-

vro *Vamos Conversar sobre a Felicidade?* (Papirus 7 Mares), com reflexões de integrantes do curso de felicidade da Unicamp.

JOÃO MIGUEL JÚNIOR/TV GLOBO

PJ Braga: alvo da Receita Federal na gestão Bolsonaro, ele venceu o Leão

O famoso rapaz

O governo autorizou o aporte de 5,1 milhões de reais na produção do longa *A Paixão de Belchior*, filme de Carlos Peralta e produção de Henrique Lima que narrará as histórias do famoso cantor no período em que viveu anônimo no RS.

Acabou o pesadelo

O Carf derrubou um processo da Receita contra o ator **Gabriel Braga Nunes,** por atuar como PJ para a Globo. Segundo o advogado Leonardo Antonelli, foi o primeiro caso movido pelo governo Bolsonaro contra artistas globais. A pejotização é legal, disse o Carf. ■

A TRAGÉDIA LONGE DO FIM

Cem dias após a catástrofe, o Rio Grande do Sul ainda convive com efeitos do desastre e a reconstrução do estado segue em ritmo lento

LAÍSA DALL'AGNOL, RAMIRO BRITES, BRUNO CANIATO E **LUIZ ANTÔNIO ARAUJO,** de Muçum (RS)

CARLOS MACEDO

ESTRAGOS Vista da área urbana de Muçum: temporais e cheias varreram a localidade desde agosto de 2023

CAPA: FOTO DE EVANDRO LEAL/AGÊNCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS

Com 4 600 habitantes no Censo de 2022, Muçum é a porta de entrada leste da microrregião do Vale do Taquari. A paisagem exuberante é o seu principal ativo turístico. Situado no fundo de um cânion da Serra Geral, no ponto em que o Rio Taquari faz uma curva de quase 360 graus em direção ao sul, pontilhada de praias de cascalho e corredeiras, o município ostenta o título de Princesa das Pontes. A mais vistosa é a Rodoferroviária Brochado da Rocha, um colosso de 289 metros de extensão e sete arcos, que liga Muçum a Roca Sales. A roda do infortúnio da pequena cidade começou a girar em 23 de agosto de 2023, quando o pior temporal de granizo de sua existência destelhou quase 1 000 casas e danificou todos os prédios públicos. Em 4 de setembro, um ciclone extratropical fez o Taquari inundar 80% da zona urbana, deixando dezoito mortos. Em novembro, uma nova cheia atingiu 70% da área. Finalmente, em 29 de abril deste ano, quando lançou sua fúria sobre Muçum pela terceira vez, o Taquari formou com o afluente Guaporé um torniquete de água em torno da área central. Vias, praças e prédios públicos submergiram em uma torrente de ondas barrentas, que espalharam destruição pela cidade. A localidade ficou dias sem luz, internet e ligação por terra com o restante do estado. O episódio pode ser considerado um marco zero da tragédia que se abateria nos dias seguintes sobre todo o Rio Grande do Sul, quando as águas obrigaram mais de meio milhão de pessoas a abandonarem suas

CARLOS MACEDO

DESOLAÇÃO O guarda municipal Jairo Marobin, em meio aos destroços de cemitério: “Os mortos salvaram Muçum”, acredita

casas e deixaram pelo caminho 182 mortos e um rastro de destruição como nunca antes se vira na história do estado.

Passados 100 dias do desastre climático, Muçum convive com bairros arrasados, lojas fechadas e escolas em ruínas. Estradas inteiras foram destruídas. A sucessão de eventos extremos levou cerca de 1 000 habitantes, quase um quarto do total, a fugirem de lá. Caminhões e caçambas ainda recolhem resíduos nas ruas. Nas encostas de até 500 metros de altura que circundam o Centro, cicatrizes cor de barro riscam o verde da vegetação. Na praça central, varrida pela última inundação, um casal de urubus alojou-se no forro de um prédio abandonado e, de tempos em tempos, pousa nos canteiros em busca de alimento. O

cemitério foi severamente atingido. Até hoje, não é possível enterrar ninguém ali. O guarda municipal Jairo Marobin, de 56 anos, andava entre os destroços dos jazigos quando a reportagem de VEJA visitou a cidade. Para ele, o local, agora um amontoado de escombros, funcionou como uma barreira para a contenção das águas. “O cemitério serviu de muro, os mortos salvaram Muçum”, assegura.

Muita coisa, no entanto, não foi salva no Rio Grande do Sul. Ao fim do pesadelo climático, além dos mortos e desalojados, havia 2,3 milhões de pessoas afetadas de alguma forma. A infraestrutura gaúcha foi dilapidada do litoral ao oeste do estado. Os esforços empreendidos desde então já recuperaram uma parte considerável do que foi devastado, mas há muito a ser feito. Existem ainda 2 846 pessoas morando em abrigos em 32 municípios. Nove em cada dez cidades continuam em situação de emergência ou de calamidade pública. O Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, continua com as pistas interditadas — a previsão é de retorno parcial das operações em outubro. A mobilidade pelo estado ainda esbarra em 38 trechos de rodovias interditados em razão da destruição pelas águas *(veja o quadro na pág. ao lado)*.

Apesar das promessas feitas em meio à tragédia, as autoridades ainda não conseguiram oferecer a resposta esperada, no ritmo de urgência necessário. Em visita a São Leopoldo, em maio, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou a cada desabrigado com quem conversou que “todo

MARCAS DA DESTRUIÇÃO

Rio Grande do Sul ainda tem mais de setenta abrigos espalhados pelo estado

2 846

PESSOAS VÍTIMAS DAS CHUVAS DE MAIO AINDA ESTÃO ALOJADAS EM 71 ABRIGOS DE 32 CIDADES

2 815 KM

DE VIAS ESTADUAIS OU FEDERAIS AINDA PRECISAM SER LIBERADOS

38

TRECHOS DE RODOVIAS PERMANECEM BLOQUEADOS

14 742

ALUNOS ESTUDAM EM MODELO REMOTO OU HÍBRIDO DEVIDO AOS DANOS ESTRUTURAIS EM SUAS ESCOLAS

90%

DOS MUNICÍPIOS (445) SEGUEM EM ESTADO DE EMERGÊNCIA OU DE CALAMIDADE

Fontes: *governo do Rio Grande do Sul, DNIT e Ministério de Portos e Aeroportos*

JÜRGEN MAYRHOFER/SECOM RS

CRATERA Via na cidade de Dona Francisca: ainda há 38 interdições no estado

mundo que perdeu a casa vai ter sua casinha". Até agora, nenhuma foi entregue. Isso a despeito de o governo, algumas semanas depois, ter baixado portaria permitindo a compra de casas prontas para desabrigados. A demanda era de 42 000 unidades. Em meados de julho, outra portaria autorizou contratar 11 500 moradias e, como incentivo para que fossem construídas "no menor tempo possível", fixou-se um bônus de 5% para projetos finalizados em dez meses. Nada aconteceu. Como recurso emergencial, o governo do Rio Grande do Sul e as prefeituras apostaram no aluguel social e nas moradias emergenciais. A instalação de 500 casas temporárias, já mobiliadas, montadas em um formato parecido ao de contêineres, que são reaproveitáveis

para outras eventuais catástrofes, começou só na semana passada, com trinta unidades em Encantado.

Um dos motivos para as pessoas atingidas não terem ainda um novo teto é um velho conhecido da vida brasileira: a lentidão da máquina estatal. O problema já havia sido reconhecido pelo ministro da Reconstrução, Paulo Pimenta, em entrevista a VEJA em julho, quando classificou a burocracia de "dilacerante". O prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), vai na mesma toada. "Não existe ainda compra de imóveis. As portarias que regulamentaram esse processo foram muito demoradas", afirma. O governador Eduardo Leite (PSDB) segue linha semelhante no discurso. "Muitas medidas anunciadas têm regulamentação complexa para acessar recursos e acabam não sendo efetivadas, o que gera um descompasso entre o tamanho do anúncio e o que efetivamente acontece", diz.

A dificuldade de acesso aos benefícios na ponta é uma crítica também do setor produtivo. Pedro Albrite, CEO e fundador da O2, que gere as finanças de 75 empresas de pequeno a grande porte, critica o rigor da análise de crédito, dada a excepcionalidade da situação, e diz que muitas empresas não receberam os incentivos públicos, o que pode desencadear uma onda de falências e recuperações judiciais. "A ajuda do Estado é justa já que o problema de muitas empresas se dá pela má estruturação dos sistemas de água, esgoto e prevenção contra enchentes das prefeituras", defende. Outro exemplo citado por Leite é o do incentivo à

HALDER RAMOS/DIVULGAÇÃO

IMPACTO PROFUNDO Rua afundada em Gramado: cidades turísticas foram duramente afetadas

manutenção de emprego, um aporte de recursos federais para pagamento de parte dos salários de trabalhadores. "A regulamentação veio de forma tão complexa e restritiva que, do 1,2 bilhão de reais anunciado, pouco mais de 100 milhões de reais foram efetivamente acessados", conta.

As críticas à demora para chegar o dinheiro federal são, em parte, pela grandeza da dependência de estado e prefeituras. O governo Lula prometeu mais de 90 bilhões de reais, sendo que 77 bilhões seriam em novos recursos — desse total, apenas 22 bilhões de reais foram de fato liberados até a última semana. Já as ações do estado somam 1,54 bilhão de reais, a maior parte no programa Volta por Cima (240 milhões de reais), que prevê o pagamen-

FRAPORT BRASIL/DIVULGAÇÃO

NO CHÃO Obra em pista do Aeroporto Salgado Filho: sem pousos nem decolagens

to de 2 500 reais em parcela única a cada família atingida pela tragédia. Anunciado pela gestão estadual como uma espécie de Plano Marshall (iniciativa dos EUA para reconstruir países aliados após a Segunda Guerra), o Plano Rio Grande só agora abriu um chamamento público para receber projetos das cidades.

Os municípios tentam se virar como podem. O caixa, que já não era folgado, ficou menor. Em Porto Alegre, a prefeitura diz que, apenas com a suspensão de cobrança do IPTU de zonas atingidas, a renúncia fiscal é de 180 milhões de reais. A arrecadação com ICMS e ISS, duas das principais fontes de receita, desabou. O fechamento do aeroporto também impactou o orçamento público. Com isso, inter-

JURGEN MAYRHOFER/SECOM

ATRASO Alojamento provisório em Encantado: nenhuma casa prometida foi construída ainda

venções importantíssimas, como a recuperação do sistema de contenção do Lago Guaíba, nem começaram. A previsão é iniciar neste mês obras como a reconstrução de dois diques (de um total de quatro), a reestruturação de comportas e casas de bomba e a revisão do muro da Avenida Mauá, que não foi capaz de segurar as águas. “O sistema de proteção tem que ser revisado na sua totalidade, porque ele se mostrou absolutamente insuficiente”, diz Melo.

A economia gaúcha, que teve um baque profundo na tragédia, ainda convive com um horizonte incerto. A indústria teve em maio a queda mais brusca da série histórica (-26,2%). Os setores de comércio e serviços, paradoxalmente, se sustentaram graças à demanda criada pela tragédia.

DONALDO HADLICH/CÓDIGO 19/FOLHAPRESS

DRAMA Eduardo Leite com desalojados: quase 3 000 ainda estão em abrigos

Os supermercados encheram-se de clientes que compraram um pouco a mais, para fazer doações ou estocar alimentos, com medo do que estava por vir. Móveis, eletrodomésticos e carros perdidos foram repostos em junho e julho, além do conserto de bens danificados. A retomada, porém, foi dependente de seguros privados, poupanças e da injeção de recursos públicos. "O que a gente não sabe é se isso se sustenta em um prazo maior ou é só o efeito da recomposição", afirmou Martinho Lazzari, economista do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul. A incerteza vem da dúvida quanto à capacidade das empresas de retomar a produção a pleno nos meses de agosto e setembro e à continuidade das políticas de transferência de renda aos

cidadãos, assim como das dificuldades logísticas com estradas rompidas e as pistas do aeroporto de Porto Alegre fechadas. Outra preocupação é em relação à agropecuária, que representa entre 8% e 10% do PIB. Os grãos de soja, milho e arroz, por uma questão sazonal, não foram tão afetados pela cheia. O cultivo de trigo já não teve a mesma sorte. Para as próximas safras, a fertilidade dos solos que foram encharcados é uma grande interrogação para os agricultores. O desemprego também põe em dúvida a capacidade de a economia se reerguer rapidamente. Em maio e junho, mais de 30 000 postos de trabalho foram cortados.

O turismo está entre os setores econômicos mais impactados. Chegar à Serra Gaúcha, por exemplo, ainda é difícil. Sem aeroporto em Porto Alegre, a alternativa são os terminais regionais, que absorvem apenas 15% da demanda. Além disso, um dos caminhos do aeroporto de Caxias do Sul às estâncias está interrompido devido ao desabamento de uma ponte. "Em julho e agosto, a maior parte do público é o gaúcho, que fica menos tempo que visitantes de outros estados. Passada a alta temporada, logo sentimos uma queda expressiva, diretamente ligada à inoperância do Salgado Filho", relata Daniel Hillebrand, presidente do Conselho de Turismo da região das Hortênsias, que abrange Canela, Gramado e outras cidades turísticas. Apenas em Gramado, houve 90% de cancelamentos em maio e junho e 50% em julho. Os empreendedores tentam vender pacotes para agências de estados próximos, como Santa Catarina e Paraná, e países vizi-

INSTAGRAM @TODOSNAARENA

FORA DE JOGO Operário na Arena do Grêmio: estádio fechado desde maio

nhos como o Uruguai. Em Gramado, a prefeitura também está tendo de resolver um assustador afundamento de solo, que obrigará à desapropriação de 31 imóveis.

Após tragédias desse tamanho, é sempre muito difícil a retomada. Catástrofe de maior escala, mas em alguns pontos parecida com a gaúcha (fenômeno climático na origem dos alagamentos, presença massiva de corpos de água e estrutura de contenção deficiente), a destruição provocada pelo furação Katrina em Nova Orleans, em 2005, exigiu dez anos de esforços. No Brasil, após décadas de negligência com infraestrutura, por interesses políticos, restrições orçamentárias e a típica burocracia estatal, não há liberação extraordinária de verbas que com-

pense o despreparo para gerir projetos em larga escala. “Quando não há capacidade gerencial para obras, não basta ter dinheiro sobrando para uma emergência. Os recursos aparecem, mas as obras não acontecem”, avalia Gustavo Fernandes, professor do Departamento de Gestão Pública da FGV/EAESP. Segundo ele, é preciso criar planos de gestão de crise a longo prazo que incluam tanto reações rápidas quanto a prevenção de estragos.

A volta à normalidade nos pampas, infelizmente, vai demorar. Em alguns casos, nada será como antes. Como na pequena Muçum, onde o prefeito Mateus Trojan (MDB), de 29 anos, enfrenta o desafio de convencer a população a transferir suas casas para longe das áreas de risco. Ele estima ser necessário reconstruir 276 moradias. Na escala de um município pequeno, é como ter de mudar a cidade de lugar num prazo curto de tempo. “Estamos no começo de uma retomada. Há uma mudança de cenário de pessimismo para uma visão de evolução nessa reconstrução”, prega Trojan. O amor do gaúcho pelo seu estado e a solidariedade dos brasileiros ajudaram a amenizar o momento mais agudo do tormento. Mas o país precisa definitivamente tirar lições dessas tragédias para que elas não mais se repitam. No estado que convive ainda com tantas cicatrizes, há muito que fazer. O Rio Grande do Sul não pode ser esquecido. ■

INÊS 249

CONTAGEM REGRESSIVA

Os esforços do presidente da Câmara para evitar que a eleição de seu sucessor se encaminhe para uma disputa fratricida e imprevisível **MARCELA MATTOS**

PACTO Lira e Lula: tentativa de acordo envolve os principais líderes políticos do país

EVARISTO SÁ/AFP

O PRESIDENTE da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), mantém guardado a sete chaves o nome do deputado que apoiará para sucedê-lo em uma das mais poderosas cadeiras da República. Quem conversa com o parlamentar não tem dúvida de que ele já definiu quem indicará na disputa que, apesar de marcada para fevereiro do próximo ano, vem sendo travada há meses nos bastidores da Casa. Conforme o roteiro planejado por Lira, o nome do escolhido será anunciado ainda neste mês de agosto, o que fez os postulantes ao cargo acelerarem as suas articulações com as diferentes correntes políticas, do PT de Lula ao PL de Jair Bolsonaro. Hoje, são três os principais cotados para receber o apoio de Lira. Todos dizem ter certeza de representar a melhor opção para comandar os deputados, garantem aglutinar a maior quantidade de votos e negam a intenção de desistir do páreo. Ou seja: o objetivo de evitar uma disputa ainda parece distante, mas o obstinado Lira não desiste de costurar um consenso e, com ele, dar uma senhora demonstração de força ao voltar à planície.

Uma etapa crucial na tentativa de acordo envolve os dois maiores líderes políticos do país. Assim que bater o martelo sobre a sua opção para sucessor, Lira pretende procurar Lula e Bolsonaro. Em um movimento programado para acontecer longe dos holofotes, ele pedirá a bênção prévia dos dois, que são expoentes máximos de PT e PL, os maiores partidos da Câmara, que somam 161 dos 257 votos necessários para eleger o futuro presidente da Casa.

INÊS 249

COLIGAÇÃO SENTO SÉ/DIVULGAÇÃO

FAVORITO Elmar Nascimento *(de azul):* articulando para abrandar resistências do PT

Disposto a demonstrar sua influência sobre o plenário, Lira quer reprisar com o seu afilhado o feito de quando se reelegeu, em fevereiro do ano passado, reunindo deputados da direita à esquerda e recebendo 464 votos de um total de 513 possíveis. Apesar de serem vitais para a vitória de qualquer postulante, as bancadas de PT e PL não têm espaço na corrida, que dribla a polarização e é dominada por nomes de centro, com destaque para os deputados Elmar Nascimento (União Brasil-BA), Antonio Brito (PSD-BA) e Marcos Pereira (Republicanos-SP).

Além de negociar com a cúpula da política nacional, Lira estabeleceu critérios para dar transparência à sua escolha. Inicialmente, ele se reuniu com os candidatos, apon-

tou as qualidades e as dificuldades de cada um deles e, depois, mandou-os ir à luta, prometendo apadrinhar quem tivesse mais condições de vitória. A ideia era que, após essa disputa prévia, ninguém ficasse contrariado ao ser preterido, já que a decisão final não seria subjetiva, mas baseada no desempenho de cada um durante essa espécie de preliminar. Hoje, a formação de um consenso parece quase impossível, e os postulantes à presidência da Câmara não dão sinais de que pretendem desistir da eleição. “Meu nome estará como candidato na disputa em fevereiro. Acredito que reúno todas as condições para unificar as diferentes alas políticas do plenário da Câmara. Mas, se houver necessidade de disputa, vamos para a disputa”, disse Marcos Pereira a VEJA. “Eu vou até o fim mesmo se tiver disputa”, foi, na mesma linha, Antonio Brito.

Nos corredores da Câmara, há consenso de que Pereira e Brito não são os nomes do coração de Arthur Lira. Se escolhesse com base apenas em preferência pessoal, ele anunciaria apoio a Elmar Nascimento, que enfrenta resistência da bancada do PT. “Busco criar as condições para ter o apoio de Arthur e trabalho para isso. Ninguém tem competitividade sem esse apoio”, afirma o parlamentar. Ciente da disposição dos colegas de lutarem pelo cargo até o fim, Lira planeja reunir numa mesma mesa os três deputados nos próximos dias. Enquanto esse encontro e o cobiçado acordo não ocorrem, o trio segue em plena campanha, uma das mais antecipadas da história recente. Em

INÊS 249

DOUGLAS GOMES/LID REPUBLICANOS

NO FRONT Pereira e Tarcísio:
"Se houver necessidade, vamos para a disputa"

meio ao recesso parlamentar, Elmar Nascimento aproveitou a agenda das eleições municipais para fazer novos acenos ao PT. Adversário do partido em seu reduto eleitoral e apoiador de Bolsonaro na última campanha, ele vem mobilizando sua base eleitoral em torno de petistas baianos e voltou a subir no palanque do governador Jerônimo Rodrigues (PT) no último fim de semana.

Antes, Nascimento também fez as pazes com o ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, considerado um dos mais influentes dentro do governo e do PT baiano. O deputado garante que essa aproximação não está relacionada à sua candidatura, apesar de o armistício entre os dois ter sido costurado depois de Rui Costa dizer que não atra-

palharia a campanha do líder do União Brasil à presidência da Câmara. “Não coloco um interesse paroquial à frente dos interesses do meu estado. Eu faço política construindo pontes, e isso significa dizer que a gente conversa. Quando o interesse da Bahia está em jogo, a gente tem que se unir”, afirmou. Na próxima semana, Nascimento deve ser oficializado como líder de um blocão de 161 deputados, o maior da Câmara, formado por oito partidos, a partir de uma articulação de Lira. Na prática, terá ainda mais protagonismo e condições de mostrar competência para liderar e agradar aos colegas, requisitos importantes, ainda mais para ele, que, entre congressistas do chamado baixo clero, tem fama de ser duro no trato.

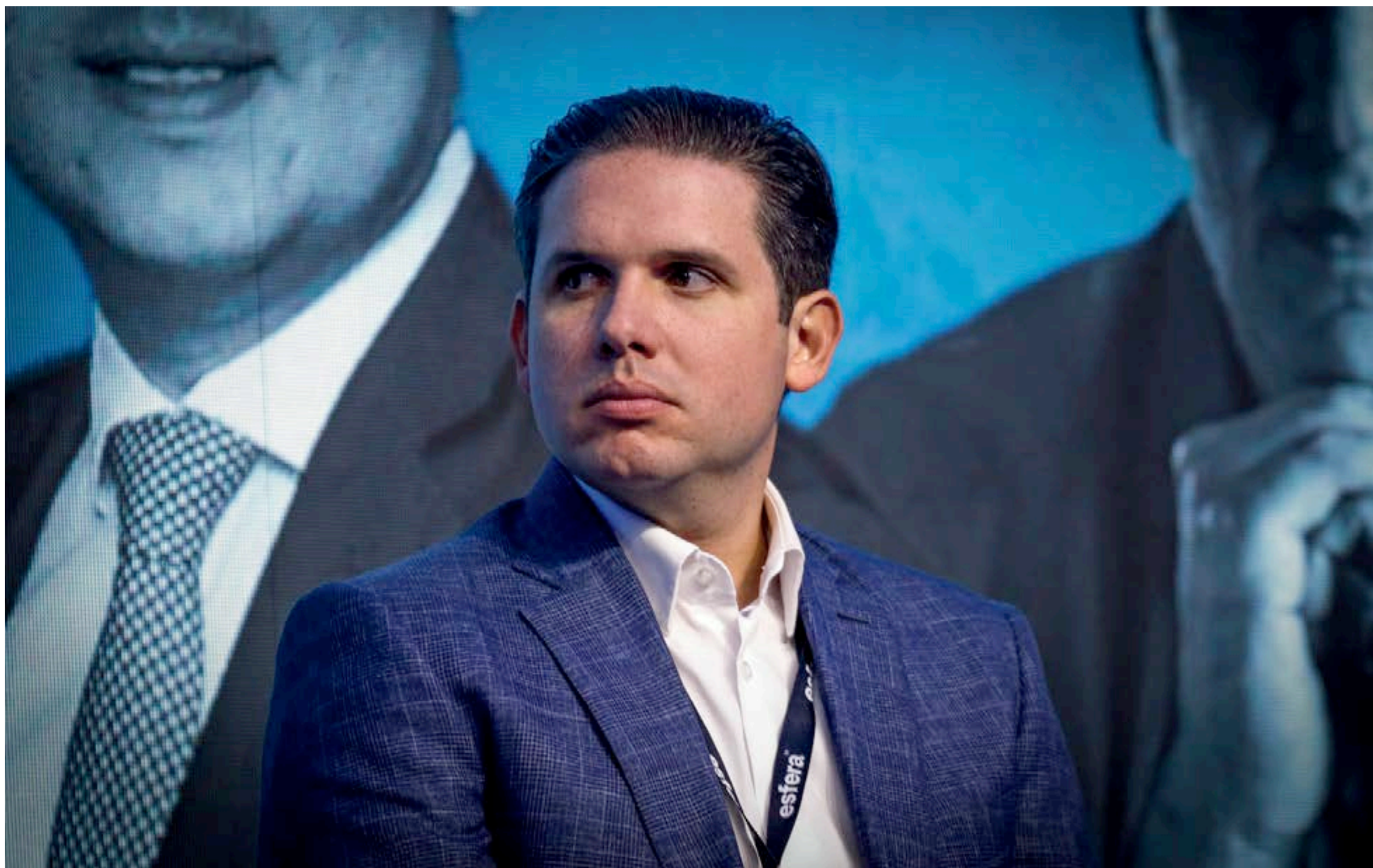
Considerado também um nome de peso, Marcos Pereira é tratado como o coringa da disputa. O presidente do Republicanos tem um acordo firmado desde 2021 com Arthur Lira, quando abriu mão de concorrer à presidência para apoiar o deputado alagoano. Na ocasião, ficou pactuado que Pereira, em contrapartida, seria o sucessor. Três anos depois, porém, não há garantia de que a fatura será paga. Bispo licenciado da Universal, Pereira chegou a ser vetado por Bolsonaro e por uma ala de líderes evangélicos, mas, garante, superou os problemas, ao mesmo tempo que se aproximou do governo e de ministros como Alexandre Padilha (Relações Institucionais) e Rui Costa. Como o republicano indica estar disposto a ir até o fim, integrantes de partidos como o MDB e o PSD já sinalizaram

PSD NA CÂMARA

UM PÉ EM CADA CANOA Gilberto Kassab e Antonio Brito, do PSD: acenos ao governo e à oposição ao mesmo tempo

que poderiam debandar para o seu lado numa eventual candidatura de Elmar, o que confirmaria o racha indesejado por Lira. Racha que certos tarefeiros tentam evitar.

Nas coxias, Pereira sofre intensa pressão, com ofertas de cargos e postos influentes, para abrir mão da candidatura e ceder espaço a um correligionário: o deputado paraibano Hugo Motta, que transita com extrema facilidade da base à oposição. Pessoas do entorno mais próximo ao presidente da Câmara alegam que a entrada de Motta mudaria todo o cenário, cessaria a disputa e resolveria o impasse de Lira. O problema é que Pereira, como se viu, não indica que vai recuar. Segundo aliados dele, seria até uma “desmoralização” fazer esse gesto em benefício de um co-

ALOISIO MAURICIO/FOTOAREN

REGRA TRÊS Hugo Motta: alternativa cogitada em caso de impasse

lega de partido a esta altura do campeonato. Já Antonio Brito, que votou em Lula em 2022, intensificou os acenos à oposição nas últimas semanas, seguindo o pragmatismo de seu partido, que comanda a secretaria de Governo do Estado de São Paulo, com Gilberto Kassab, e controla três ministérios em Brasília.

De perfil conciliador, Brito conversou com deputados do PL, reuniu-se com o presidente da legenda, Valdemar Costa Neto, e com Jair Bolsonaro, de quem ganhou a infame medalha dos três "is" — grafada com os termos "imbrochável", "imorrível" e "incomível". Na próxima terça-feira, 13, ele deve ser ajudado por uma romaria formada por sua principal base de apoio. Representantes de deze-

nove federações estaduais das Santas Casas, ou de 1 800 hospitais pelo país, vão aproveitar a ida a um congresso em Brasília para buscar parlamentares e pedir votos ao baiano. A frente das Santas Casas, comandada por Brito, tem cerca de 200 deputados.

Longe de ser uma disputa comezinha, a briga pelo comando da Câmara envolve poder, domínio sobre as principais agendas do país, aproximação com o mercado e muita projeção nacional. O investimento é alto para alcançar o posto. Candidatos preveem alugar jatinhos para viajar em campanha, gastos com hospedagem em hotéis, panfletos e contratação de pessoal. Uma bagatela de cerca de 3 milhões de reais, na previsão de um dos concorrentes. O dinheiro, claro, vem dos cofres públicos. Já para Arthur Lira o enredo encerra interesses bem particulares. Fazer o sucessor significa deixar a presidência da Câmara pela porta da frente, manter influência em Brasília e pavimentar outros projetos pessoais, como uma candidatura ao Senado ou, quem sabe até, a posse num ministério. A eleição de um nome de consenso traria paz para a Casa, não há dúvida, mas também asseguraria prestígio, muito prestígio, ao articulador do acordo. Lira sabe como poucos o que está em jogo — e não pensa em perder. ■

REFÉNS DE UM ESCÂNDALO

Tribunal diz que não é possível ter havido boa-fé no processo que culminou na fraude milionária que continua pairando sobre o chefe da Casa Civil e seus antigos auxiliares **LARYSSA BORGES**

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

"PERFEITAS CONDIÇÕES" Rui Costa: investigação sobre a compra de respiradores que nunca foram entregues já se arrasta há quase quatro anos

CONSÓRCIO NORDESTE
AL – BA – CE – MA – PB – PE – PI - RN - SE

Liquidação de Empenho

Dados do Empenho

Nº Empenho:	Nº. Processo:	Data emissão NE	Exercício:	Nº Liquidação
097004	000076 / 2020	06/04/2020	2020	97003

Unidade Orçamentária ou Unidade Administrativa Emitente: 01 -SECRETARIA EXECUTIVA

Data Liquidação: 06/04/2020

Função:	Subfunção:	Programa:	Tipo - Seq.:	Ação:
10	305	0245	1 -001	Provenção e à garantia de assistência à saúde,combate a pandemia de COVID-19

Dados da Liquidação

Credor	CNPJ:	CPF:
HEMPCARE PHARMA REPRESENTACOES LTDA	34.049.323/0001-91	

Plano de Contas: 2.1.3.1.1.01.01.00.00.0000 - fornecedores não parcelados a pagar

HISTÓRICO DA OPERAÇÃO

LIQUIDAÇÃO DE EMPENHO EMITIDO PARA OCORRER À DESPESA COM EQUIPAMENTOS HOSPITALARES A SEREM ADQUIRIDOS (300 VENTILADORES AV 2000B3), OBJETIVANDO A PROMOÇÃO E A GARANTIA DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA POPULAÇÃO DOS ESTADOS CONSORCIADOS , EM DECORRÊNCIA DA PANDEMIA DE COVID-19.

Domicílio Bancário (Principal): Tipo | Banco | Agência | Conta | Variação

-

Movimentação:	Tipo:	Data:	Saldo Anterior:	Valor Liquidado:	Saldo Atual:
Inclusão	Liquidação Total	06/04/2020	48.748.575,82	48.748.575,82	0,00

Tipo da liquidação | Retenções, Descontos e Vantagens

Certificado:

Certificamos para fins de Direito que os materiais descritos foram entregues e por nós aceitos em perfeitas condições.

EM 2020, o Brasil enfrentava os horrores da pandemia. Ainda não havia vacina, os hospitais estavam superlotados e faltavam material e remédios para tratar os doentes — ambiente perfeito para a atuação de aproveitadores. E eles surgiram aos montes, em vários estados, aplicaram golpes, saquearam dezenas de milhões de reais dos cofres públicos e continuam livres. Na semana passada, a Polícia Federal realizou uma operação de busca para tentar recuperar o dinheiro desviado em um dos casos mais emblemáticos desse período. Sem qualquer cuidado ou apuro formal, o Consórcio Nordeste, grupo que reúne os governadores da região, pagou 48 milhões de reais por 300 respiradores que nunca foram entregues. As investigações já identificaram os principais personagens envolvidos no enredo, mas ainda não foram capazes de apontar a exata responsabilidade de cada um, o que acaba deixando culpados e eventuais inocentes na mesma situação constrangedora. O ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, é um exemplo.

Na época do escândalo, Costa era presidente do Consórcio Nordeste. Seria dele, em princípio, a responsabilidade política pela tramoia. O ministro, no entanto, garante que desconhecia certos detalhes do contrato, que não sabia que a empresa escolhida para fornecer os respiradores sequer era do ramo e afirma que foi ele quem acionou a polícia, assim que tomou conhecimento das irregularidades. A sombra da suspeita, porém, continua pairando. A operação da PF da semana passada mirou o empresário baiano Cleber Isaac

ROGÉRIO ALBUQUERQUE

"COMISSÃO"
Cristiana Taddeo: empresária pagou lobistas que se diziam amigos do governador da Bahia

21.2.1. Tais conclusões, além de evidenciar o dano ao erário, cujo ressarcimento está sendo intentado pelos órgãos de controle locais, escancara a balbúrdia do processo de planejamento, de orçamentação e de mitigação de riscos desta contratação, conforme já descortinado por esta unidade técnica (peça 94, p. 14):

Ferraz Soares. Os agentes apreenderam documentos e aparelhos de celular. Segundo as investigações, ele se apresentava como "amigo" do então governador da Bahia, Rui Costa, e de sua esposa, a conselheira do Tribunal de Contas estadual, Aline Peixoto. Cleber e o lobista Fernando Galante atuaram como intermediários do contrato assinado entre o Consórcio Nordeste e a empresa Hempcare para o fornecimento dos respiradores. Por esse "serviço", os dois recebe-

ram nada menos que 12 milhões de reais a título de "comissão" — o equivalente a 25% de todo o dinheiro.

VEJA teve acesso a uma auditoria inédita do Tribunal de Contas da União (TCU) que complementa as investigações da Polícia Federal. O relatório mostra que o processo de compra foi eivado de fraudes, do princípio ao fim. A formatação do negócio, segundo os técnicos, foi feita para "dar ares risíveis de legalidade ao procedimento". Os auditores foram taxativos ao concluir que "não é possível afirmar que houve boa-fé" e que o principal auxiliar de Rui Costa no Consórcio, o então secretário-executivo do órgão, Carlos Gabas, ex-ministro do governo de Dilma Rousseff, "contribuiu efetivamente para a concretização da irregularidade". É a assinatura de Gabas que consta no documento que atestou que os equipamentos, que nunca foram entregues, haviam sido recebidos e estavam em "perfeitas condições". A compra dos respiradores, concluiu a auditoria, "além de evidenciar o dano ao erário, escancara a balbúrdia do processo de planejamento, de orçamento e de mitigação de riscos" do órgão presidido à época pelo atual chefe da Casa Civil.

A equipe do TCU destaca que os indícios de que a aquisição era suspeita eram evidentes desde o início, mas mesmo assim o negócio foi levado adiante. A Hempcare foi aberta nove meses antes da assinatura do contrato, tinha um capital social irrisório e apresentava como credenciais a "expertise" na importação de roupas de praia da China e medicamentos à base de maconha. "Se eu trago biquíni,

INSTAGRAM @CLEBERISAACFERRAZ

REPRODUÇÃO

BOLSOS CHEIOS Isaac e Galante: 12 milhões de reais por intermediação

trago respirador", comentou à época Cristiana Prestes Taddeo, dona da empresa, convidada a assumir a tarefa de comprar os respiradores, já que não houve licitação. Depois do escândalo, ela devolveu a parte do dinheiro que havia recebido, fez um acordo de delação premiada com a Justiça, contou detalhes da trapaça e se livrou da prisão. O TCU não poupou os gestores do Consórcio Nordeste: "É razoável afirmar que era possível ao responsável ter consciência da ilicitude do ato que praticara e que lhe era exigível conduta diversa daquela que adotou, consideradas as circunstâncias que o cercavam. Ademais, não foi possível constatar excludentes de ilicitude, de culpabilidade e de punibilidade", descreveu a auditoria, em referência aos procedimentos administrativos adotados por Gabas.

VEJA também teve acesso a um laudo do Ministério Público que apresentou em números a dimensão da fraude. Os

peritos concluíram que os respiradores vendidos ao Consórcio Nordeste apresentavam sobrepreço de até 318% na comparação com equipamentos oferecidos por outros fabricantes. O documento ressalta ainda que, se os respiradores tivessem sido entregues, o que não aconteceu, ainda assim os cofres públicos teriam amargado prejuízos de mais de 28 milhões de reais. O inquérito que há quase quatro anos mantém Rui Costa na incômoda situação de investigado ganhou robustez com o acordo de delação premiada da dona da Hempcare. Em conversas com interlocutores, Cristiana contou que Cleber Isaac, o empresário que intermediou o contrato, falava em nome do governador, dizia que era o melhor amigo dele e que, por isso, mandava na Bahia. Nas negociações para a aquisição dos aparelhos, segundo a empresária, ele mostrava prints de supostas conversas com Rui Costa e tinha registrado em seu celular um contato com o nome de "Doutor". Seria o número do telefone reservado do então governador. O negócio, portanto, dependeria dele para ir em frente. E, para ir em frente, era preciso pagar a "comissão". Isaac, evidentemente, pode ter inventado essa história.

Por ter Rui Costa no rol de investigados, o processo que começou na Bahia foi enviado ao Superior Tribunal de Justiça (STJ), foro do petista quando ele era governador, deslocado para o Supremo Tribunal Federal (STF) após a nomeação dele para a Casa Civil e, desde maio do ano passado, está sob responsabilidade da Justiça Federal baiana. Segundo a Procuradoria-Geral da República, com o caso "inaugurou-

se um modelo licitatório em que a empresa contratada não tinha experiência no objeto contratual, os valores alçam patamares milionários, recursos públicos são pagos antecipadamente e o resultado dessa mistura de ingredientes não poderia ser outro senão o desperdício de dinheiro público". O parecer diz ainda que o caso tem indícios de estelionato, fraude em licitação, tráfico de influência, lavagem de dinheiro e corrupção, "com a possível atuação criminosa do Governador do Estado da Bahia Rui Costa".

O ministro não fala sobre o assunto. Em nota divulgada em abril, antes da última incursão policial, reafirmou que partiu dele a ordem para que o caso fosse apurado e disse que espera que "a investigação seja concluída e os responsáveis punidos por seus crimes". Quando prestou depoimento à polícia, em 2020, explicou que, ao autorizar a contratação da Hempcare, não atentou a detalhes estranhos como, por exemplo, o nome da empresa. "Essa denominação não me chamou a atenção, até porque eu não tenho pleno domínio da língua inglesa", relatou. *Hemp* é maconha em inglês; *care* é cuidado. O ministro disse também que, na época, sua equipe deu aval técnico para a aquisição dos respiradores da forma como foi feita. Se estiver correto, Costa seria vítima dos golpistas e não suspeito. Procurado, Carlos Gabas e os demais investigados não quiseram se manifestar. Cabe à Polícia Federal esclarecer quem efetivamente fez ou deixou de fazer algo que permitiu a fraude. O inquérito não tem data para ser concluído. ■

MURILLO DE ARAGÃO

PREOCUPANTES SINAIS DOS TEMPOS

O futuro próximo se mostra pouco animador

OS CHAMADOS "sinais dos tempos" são vistos como advertências ou indícios que precisam ser analisados e compreendidos para que a sociedade possa se preparar para o futuro. Há muito, os sinais dos tempos não são bons. A polarização política consome o pragmatismo. Os desencontros predominam nas agendas. O multilateralismo está em crise. E problemas dos séculos passados, como desigualdade, racismo e intolerância religiosa, prosseguem ocupando os espaços da vida.

Recentemente, investidores desmontaram um dos maiores *carry trades* de todos os tempos, em uma clara demonstração de aversão a risco. Migraram seus investimentos para aplicações conservadoras. Temores de recessão assustaram o mercado em todo o mundo. Na geopolítica mundial, os arranjos que se formam apontam para temas perigosos e situações delicadas.

Uma rápida mirada ao redor acrescenta preocupações relevantes ao cenário. Na vizinhança, a Argentina não mostrou condições de se recuperar e corre o risco de viver agu-

dos retrocessos. A Venezuela enveredou por uma viagem de miséria, pobreza, tráfico de drogas e corrupção cujo fim é incerto. Na Europa, os novos líderes tampouco estão à altura dos conflitos que prosseguem por conta da invasão russa na Ucrânia, da guerra no Oriente Médio e da questão da imigração. As tensões crescentes entre Irã e Israel podem piorar ainda mais o quadro na região.

No Oriente, existe o espectro de ações bélicas em Taiwan e a economia chinesa anda de lado com uma queda brutal no consumo. Até mesmo o mercado de alto luxo foi duramente atingido no primeiro semestre do ano. O FMI aponta que, sem mudanças estruturais, a economia chinesa perderá ainda mais dinamismo.

No Japão, o índice acionário Nikkei, na primeira semana de agosto, apresentou queda semelhante ao verificado no *crash* da Black Monday de 1987.

"Um mundo que parecia alegre com o *boom* das commodities e a globalização voltou-se para o confronto, o conflito e a desconfiança"

As expectativas de desaquecimento também chegam aos Estados Unidos. Em meio a temores de recessão, as eleições presidenciais norte-americanas têm como protagonistas dois nomes com imensas fragilidades. Kamala Harris, uma vice-presidente opaca, e o polêmico Donald Trump. Nenhum deles transmite confiança frente aos desafios existentes.

Um mundo que parecia alegre com o *boom* das commodities e a globalização voltou-se para o confronto, o conflito e a desconfiança. O terrorismo, que se insinuava como o grande vilão da paz mundial, tem a companhia da crescente globalização do crime organizado. Como pano de fundo, há a polarização radicalizada da política, promovendo preconceito, incerteza e insegurança.

Os sinais prosseguem ruins com a decadência das instituições, que, mesmo em ambientes democráticos, se envolvem em conflitos internos enquanto o mundo pega fogo — literalmente, considerando o aquecimento global. As lideranças hoje postas, como disse, tampouco parecem preparadas para tempos ainda mais difíceis, ou para evitar que o ambiente acabe se deteriorando gravemente. Parafraseando Montaigne, o mundo está cheio de material inflamável e as lideranças circundam as crises com tochas ardentes de insanidade, despreparo e radicalismo. ■

INÊS 249

A HERANÇA DO MINISTRO

A máquina criada por Flávio Dino para dominar a política do Maranhão continua funcionando bem, como comprova a disputa municipal por São Luís

VALMAR HUPSEL FILHO

EVENTO Lançamento de Duarte Jr., em outubro: na época já cotado para o Supremo, Dino aparece no cartaz

INSTAGRAM @DUARTEJR_

QUANDO foi eleito governador do Maranhão, em 2014, Flávio Dino rompeu a hegemonia política de cinco décadas da família Sarney e provocou uma rearrumação das forças políticas locais. Nos últimos nove anos, oito deles comandando a máquina do estado e um como senador eleito licenciado para comandar o Ministério da Justiça, Dino conseguiu estruturar o seu próprio grupo político, reunindo uma gama numerosa de partidos de diversas vertentes ideológicas — do PP ao PCdoB —, que no caminho abarcou inclusive a própria família Sarney. Afastado formalmente da política desde novembro passado, quando foi indicado pelo presidente Lula a ministro do Supremo Tribunal Federal — cargo que assumiu em fevereiro deste ano —, Dino vê a barca política que montou ainda em pleno movimento nas eleições deste ano.

Há sinais da herança do agora ministro do STF em todo lugar. A começar pelo candidato escolhido pelo seu antigo grupo para disputar a prefeitura de São Luís. O deputado federal Duarte Jr., do mesmo partido ao qual Dino pertencia, o PSB, é um professor universitário e advogado de 37 anos que entrou para a política pelas mãos de Dino, a quem até hoje se refere como "professor". Ex-aluno do hoje ministro na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Maranhão, o postulante a prefeito foi convidado, logo após a formatura, para o comando de postos da administração estadual quando o seu professor virou governador. A chefia de órgãos como o Procon e o Viva Cidadão (serviço de

INÊS 249

FACEBOOK @PROFESSORDUARTEJR

ALIADOS O padrinho e o hoje candidato, em 2018: convívio desde a faculdade

emissão de documentos) o credenciou a ser eleito deputado estadual em 2018 e federal em 2022, ambos com o apoio do padrinho. Sua única derrota eleitoral foi em 2020, quando tentou a prefeitura de São Luís pela primeira vez. Na ocasião, foi superado pelo então deputado federal Eduardo Braide (PSD), que neste ano tenta a reeleição.

Outra evidência do legado de Dino é a aliança montada para a disputa pela prefeitura. Das dez legendas que apoiaram as campanhas de Dino ao Senado e de seu vice, Carlos Brandão, ao governo do estado, em 2022, nove estarão na campanha de Duarte Jr. *(veja o quadro na pág. ao lado).* No total, a coligação terá doze partidos, reproduzindo a miscelânea ideológica característica das alianças formadas pelo seu padrinho. A chapa reúne siglas à direita e à esquerda e traz um ineditismo na atual campanha: é a única coligação de candidato a prefeito em uma capital que reúne PT e PL

TESTE DE PATERNIDADE

Nove dos dez partidos que apoiaram a chapa de Dino em 2022 estarão com Duarte Jr. em 2024

2022

Eleição de Carlos Brandão a governador e Flávio Dino a senador, ambos do PSB

PSB

PT

PCdoB

Partido Verde

PSDB

cidadania

Progressistas

podemos

PATRIOTA

MDB

2024

Campanha de Duarte Jr. (PSB) à prefeitura de São Luís

PSB *
PT *
PCdoB *
Partido Verde *
PSDB *
cidadania *
Progressistas *
podemos *
PRD 25 PARTIDO RENOVAÇÃO DEMOCRÁTICA **
UNIÃO BRASIL
PL PARTIDO LIBERAL
AVANTE

* Siglas que estavam na aliança formada por Dino em 2022

** A chapa de 2022 tinha o Patriota, legenda que se uniu ao PTB para formar o PRD

Fonte: *TSE*

no mesmo palanque. A união entre as legendas que polarizam o cenário nacional tem potencial para criar atritos. No início do mês, o PL divulgou resolução proibindo alianças de seus filiados com partidos de esquerda, em especial o PT e o PSOL. Integrantes do grupo afirmam que pretendem contornar a situação com diálogo. O argumento é o de que o presidente do PL no estado, o deputado federal Josimar Maranhãozinho, é distante do bolsonarismo e tem relação antiga e consolidada com Duarte Jr., a quem apoiou na eleição municipal de 2020. "Nossa chapa simboliza o que é a sociedade, plural, onde as pessoas divergem sem se tornarem inimigas", afirma Duarte Jr., lembrando que o PL integrou o governo do Maranhão durante a gestão de Flávio Dino. "Conseguimos mostrar unidade, compor uma frente ampla e demonstrar que a vontade de fazer uma São Luís melhor é maior que as diferenças", argumenta.

Além do governador Carlos Brandão e do candidato a prefeito de São Luís, outros aliados importantes de Dino seguem no topo da articulação política do estado. A fidelidade ao hoje magistrado gerou até uma situação esdrúxula do ponto de vista partidário, mas que se explica pelas articulações e movimentos políticos locais de seus atores. A senadora Eliziane Gama (PSD-MA), que está temporariamente afastada do Senado, já declarou apoio à candidatura de Duarte Jr. em vez de se aliar ao atual prefeito Eduardo Braide, que é de seu partido. Embora esteja hoje no PSD, Eliziane fez parte das coligações de Dino desde 2014 e

atuou no Senado a favor da nomeação dele para o STF. “Foi um acerto que fizemos quando da minha filiação ao PSD, e isso foi acertado com Gilberto Kassab”, diz ela, referindo-se ao presidente nacional da sigla.

O domínio do grupo montado por Dino no estado ofusca até o maior ícone político local. O ex-presidente José Sarney, do alto de seus 94 anos, tem recebido pessoas e aparecido em fotos com políticos, mas deve se manter neutro na eleição deste ano. A avaliação de interlocutores é a de que seu poder de influência, no entanto, ainda é grande, não só do ponto de vista político, mas também pelo fato de controlar veículos de comunicação locais. José Sarney, assim como Roseana Sarney, foram derrotados por Dino em 2014, mas se aproximaram do hoje ministro — tanto que, em 2022, Roseana foi eleita deputada federal pelo MDB na coligação formada pelo então governador. Hoje, o MDB está dividido. O diretório estadual, presidido por Marcus Brandão, irmão do governador Carlos Brandão, apoia Duarte Jr., enquanto a direção municipal, presidida pelo deputado Cleber Verde, seguirá ao lado de Eduardo Braide. O presidente nacional da legenda, Baleia Rossi, garante que não há atrito. “Foi tudo acertado previamente”, diz.

O controle do estado por famílias tradicionais é uma marca no Maranhão. O principal adversário do grupo criado por Dino, o prefeito Eduardo Braide, de 48 anos, vem de uma família conhecida na política, embora de alcance regional. É filho do ex-deputado estadual Carlos Braide e ir-

INSTAGRAM @ELIZIANEGAMA

FORÇA Eliziane Gama e Sarney: o ex-presidente deverá ficar neutro, mas tem ainda grande poder de influência no estado

mão do deputado estadual Fernando Braide (PSC). Ele mesmo passou pela Assembleia Legislativa do Maranhão, por dois mandatos, e pela Câmara dos Deputados antes de se eleger prefeito. Nesta campanha à reeleição, seu principal desafio é se desvencilhar do caso que está sendo chamado de "carro do milhão". No final de julho, a polícia apreendeu um veículo com 1,1 milhão de reais em dinheiro em seu interior. Diversos elementos reunidos pela investigação ligam o veículo, o local onde ele foi estacionado e os dois homens flagrados por câmeras de segurança ao prefeito e sua família. A polícia local estima que a investigação dure de dois a seis meses, mas é certo que o assunto será explorado na campanha. "Quem não deve não teme, pois sei que nada tenho a ver com esse episódio", diz Braide. Outro desafio será impedir a nacionalização do debate e focar nos assuntos da cidade. Enquanto Duarte Jr. vai explorar a imagem e o apoio de Lula, com previsão até de receber o

INÊS 249

INSTAGRAM @EDUARDOBRAIDE

O RIVAL Eduardo Braide: prefeito tenta reeleição contra grupo criado por Dino

presidente na cidade em setembro, Braide tentará evitar que seja impingida a ele a imagem de candidato bolsonarista.

Padrinho de Duarte Jr., Dino alcançou o protagonismo político no Maranhão com a vitória ao governo estadual em 2014, quando fez toda a sua campanha focada na necessidade de derrotar o clã Sarney. “Hoje viramos a página do nosso estado. Finalmente entramos no século XXI. Derrotamos para sempre o coronelismo e o regime oligárquico maranhense”, disse logo após a vitória. Uma de suas críticas ferozes era à situação de miséria que imperava no estado, mas o Maranhão que deixou para seu grupo não avançou muito no combate a essa chaga: tem o pior índice de desenvolvimento humano (IDH) e a pior renda domiciliar per capita do país, segundo os dados mais recentes. O desafio de derrotar a pobreza permanece — assim como permanecem os arranjos com as tradicionais oligarquias e a forte influência do atual ministro do STF na cena política local. ■

CRISTOVAM BUARQUE

MESA, ESCOLA E BOLA

A desigualdade na qualidade do ensino ainda domina o jogo

O PRESIDENTE LULA demonstra indignação com a realidade das famílias sem comida farta à mesa nem diploma universitário na parede. Daí sua ênfase no ProUni, nas cotas, no Fies, na abertura de universidades públicas e no apoio às particulares. Graças a ações como essas, o Brasil mudou o perfil racial e social da população com acesso ao ensino superior. Porém, a desigualdade educacional conforme a renda e o endereço do aluno não diminuiu. Apesar dos avanços na democratização da educação, aumentou a distância entre pobres e ricos quando comparamos a qualidade do ensino.

Além da persistência do analfabetismo pleno ou funcional entre as pessoas de baixa renda e os afrodescendentes, a educação de base com excelência continua restrita aos alunos que podem pagar boas escolas ou aos poucos que conseguem matrícula em raras escolas públicas de qualidade, quase todas federais. Apesar do substancial aumento nas matrículas do ensino fundamental, o mesmo não ocorreu com a frequência, a assistência, a permanência e o aprendizado em si. Poucos

terminam o ensino médio com o conhecimento necessário para pleitear ingresso no superior. Raríssimos obtêm vaga nos disputados cursos de boas universidades. A exclusão continua ao longo dos estudos e até mesmo depois de formados.

A desigualdade não desaparecerá enquanto o acesso a escolas de base com qualidade continuar restrito. Universidade para todos é uma ilusão demagógica se o sistema educacional não superar a divisão entre "escolas senzala", para a maioria pobre, e "escolas casa-grande", para a minoria rica. O entorno do presidente precisa perceber que os produtos da mesa são comprados, mas a educação universitária é conquista de cada indivíduo, desde que tenha acesso à escola pública de qualidade. A mudança necessária não está em políticas que aumentem as vagas para ingresso no ensino superior. Está em garantir a universalização do egresso oriundo de escolas com a máxima qualidade para todos.

"A bola permite que a elite do futebol não decorra do elitismo social. O Brasil precisa 'redondear' suas escolas"

O Brasil já fez esse movimento com o futebol: a bola redonda e as regras do jogo permitem que a elite futebolística não decorra do elitismo social; os craques chegam pelo talento, não pela renda da família. Mais do que vagas no ensino superior, o Brasil precisa "redondear" suas escolas: todas com a mesma qualidade suficiente para cada brasileiro ter o mapa que lhe permita buscar sua felicidade e as ferramentas que o ajudem na construção de um país melhor.

Aqueles que, por vocação, desejarem continuar poderão usar a persistência e o talento para levar o Brasil a um Prêmio Nobel, tanto quanto a bola redonda leva nossos melhores jogadores à Copa do Mundo. Quando isso acontecer, teremos produtividade para criar renda nacional suficiente e estrutura distributiva eficiente que permitam a cada família comprar o que precisa para a mesa. Até lá, felizmente temos bolsas, cotas e financiamentos como forma provisória de reduzir a penúria e evitar a condenação permanente do Brasil.

Ocorre que a maioria pobre, que jamais aceitaria ver seus filhos condenados a jogar com bolas quadradas e os filhos dos ricos com bolas redondas, aceita que as escolas com qualidade sejam reservadas aos que podem pagar. Talvez por isso, apesar de sua indignação diante da desigualdade social, o presidente Lula nunca tenha se convencido a definir uma estratégia para "redondear" as escolas. ■

EFEITO COLATERAL

Quadrilhas de criminosos se especializam em contrabando e falsificação de medicamentos, investindo alto agora nas novas drogas para emagrecimento **ISABELLA ALONSO PANHO**

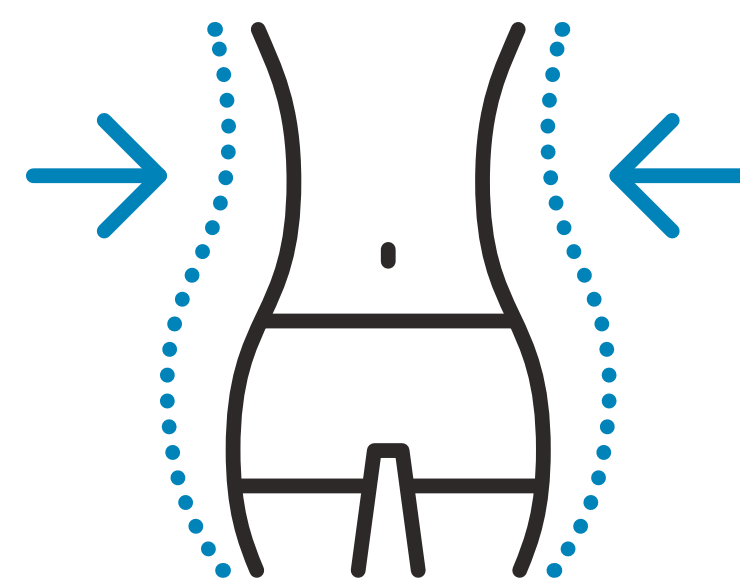
NAS REDES Ozempic: oferta da caneta é encontrada em grupos de Facebook e Telegram sem nenhuma garantia de armazenamento adequado

JOSÉ SARMENTO MATOS/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

UM NOVO elemento na bagagem dos passageiros que desembarcam no aeroporto de Guarulhos, no estado de São Paulo, começou a chamar a atenção das autoridades alfandegárias. No fim do mês passado, Polícia e Receita Federal deflagraram conjuntamente a Operação Off Label e apreenderam caixas de Mounjaro, um medicamento da farmacêutica americana Eli Lilly usado no tratamento de diabetes e também para emagrecer. O fármaco, que não é produzido no Brasil, tem como princípio ativo a tirzepatida e promete resultados ainda melhores do que o famoso Ozempic, da dinamarquesa Novo Nordisk, feito a partir da semaglutida. A investigação começou depois da prisão de um homem que vinha de Dubai com 32 caixas do Mounjaro, compradas por 75 000 reais, menos da metade do preço da importação legal do fármaco. Segundo a investigação, o criminoso é casado com uma médica do Maranhão, autora das receitas usadas para comprar os medicamentos, que iriam abastecer clínicas estéticas de São Paulo. As 32 caixas eram frutos de apenas uma viagem. Entre abril e julho deste ano, o casal fez onze.

Não foi um caso isolado. Somente em 2024, foram apreendidas 157 caixas de Mounjaro no aeroporto de Guarulhos, resultando em quatro prisões. Médicos ou pessoas aliciadas por eles têm viajado aos Emirados Árabes, à Turquia e aos Estados Unidos para comprar esses remédios, muitas vezes com receitas frias, e revendê-los em solo nacional. “Antes de chegar ao Brasil, muitos fazem ponte aé-

FARMÁCIA NADA POPULAR

Os principais produtos no mercado de emagrecimento rápido

FEITOS COM **SEMAGLUTIDA** E FABRICADOS PELA FARMACÊUTICA NOVO NORDISK, DA DINAMARCA

OZEMPIC

Popularizou as "canetas para emagrecer". A caixa com quatro canetas, suficiente para um mês, custa em torno de 1000 reais

WEGOVY

Recém-chegado ao Brasil, a nova caneta promete resultados melhores por ter concentrações bem mais altas de semaglutida. A caixa para um mês pode passar de 1900 reais

RYBELSUS

Mais antigo entre os remédios com semaglutida, é fabricado em comprimidos. Seu efeito é muito mais reduzido. Uma caixa para um mês custa entre 500 e 800 reais

FEITO COM **TIRZEPATIDA** E FABRICADO PELA FARMACÊUTICA ELI LILLY, DOS EUA

MOUNJARO

É a única "caneta emagrecedora" que não é fabricada no Brasil. A importação é permitida, mas o preço elevado alimenta o mercado paralelo. Uma caixa passa de 3 800 reais

rea em Londres, França e Alemanha para driblar a fiscalização. O lucro é muito grande", afirma o delegado da PF Luis Pardi. Em uma outra investigação, a Receita apreendeu 140 caixas que abasteceriam o consultório de um único médico em São Paulo, trazidas por viajantes variados. O que caracteriza a intenção de revenda é a quantidade. "Há um limite de 1 000 dólares por viajante. Para medicação, vale a mesma coisa", explica Leo Rodrigues, auditor fiscal da Receita. Segundo ele, o prejuízo aos cofres públicos com a sonegação de impostos sobre essas drogas passou de 1 milhão de reais só em 2024.

Os medicamentos feitos a partir da semaglutida e da tirzepatida representam uma revolução no tratamento da obesidade, doença que atinge mais de 1 bilhão de pessoas no mundo todo. Sua eficácia nos tratamentos elevou à estratosfera os lucros das farmacêuticas responsáveis por eles. Exemplo maior disso é a Novo Nordisk, dona do Ozempic, cujo valor de mercado cresceu 51%, chegando à marca de 556 bilhões de dólares. O salto foi tamanho que impactou positivamente até o PIB da Dinamarca.

No Brasil, além de o comércio ilegal ter se tornado um problema de Justiça e do Fisco, o caso pode virar uma bomba-relógio na saúde pública. As medicações contrabandeadas raramente observam condições sanitárias, como respeito à validade, preservação das embalagens e armazenamento correto. A semaglutida e a tirzepatida precisam ficar em ambientes com temperatura entre 2 e

INÊS 249

RECEITA FEDERAL/DIVULGAÇÃO

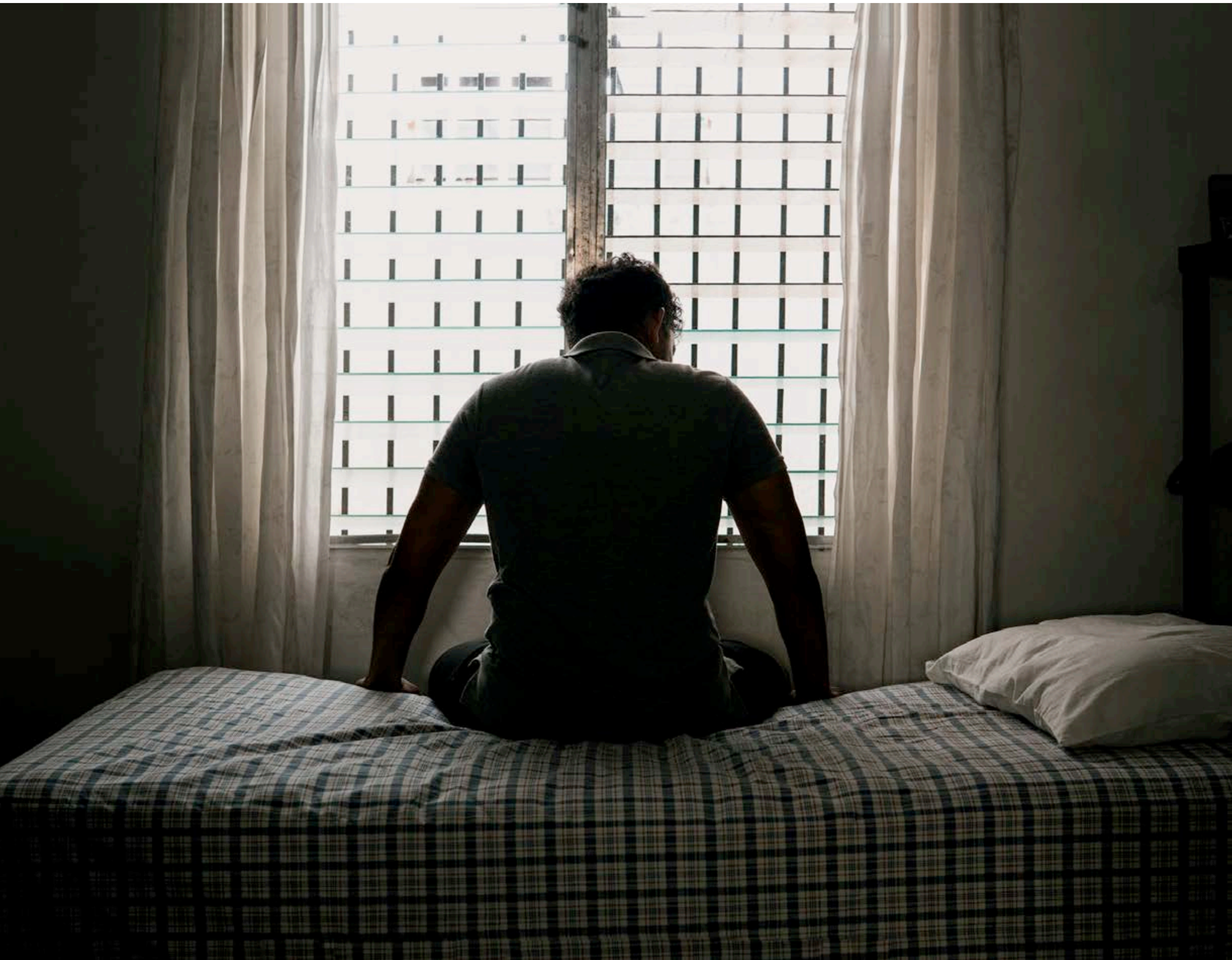
LUCRO ALTO Mounjaro: remédio chega ao país pela metade do preço

8 graus, condição impossível de ser mantida em uma mala de viagem durante quinze horas de voo. Se não bastasse, a engrenagem do mercado ilegal de remédios para emagrecer tem como clientes, em sua maioria, pessoas que se automedicam com essas drogas, um risco tremendo. “Em uma consulta séria, separamos o que é necessidade de tratar a obesidade, que é uma doença complexa, do desejo social de emagrecer”, afirma o endocrinologis-

ta Marcio Mancini, chefe do Grupo de Obesidade do Hospital das Clínicas da USP. Tomar esse tipo de droga por conta própria significa correr riscos de sofrer com efeitos colaterais como pancreatite aguda e obstrução intestinal, em casos mais extremos.

As redes sociais viraram outro canal de comércio ilegal. Em grupos do Telegram e do Facebook, é possível encontrar com facilidade caixas do Ozempic, sem a exigência de receita, pela metade do preço da farmácia. Esses canais também vendem o Wegovy, legalizado no Brasil no dia 1º. Na internet há também muitos médicos oferecendo receitas por teleconsulta. Em plataformas de comércio varejista pipocam pílulas de Ozempic "manipulado", que podem ser ingeridas diariamente, ao invés das injeções. A semaglutida, princípio do fármaco, ainda está protegida pela legislação de patentes e, por isso, esses similares são falsos. Em junho, a OMS emitiu um alerta sobre o comércio de Ozempic falsificado dentro do Brasil. Está mesmo na hora de as autoridades multiplicarem esforços para evitar que criminosos engordem seus lucros, colocando em risco pacientes que acham um bom negócio arriscar a saúde em troca de um desconto enganoso. ■

INIMIGO ÍNTIMO

Casos de suicídio entre policiais disparam no Brasil e acendem um alerta para mais esse risco de uma profissão que convive com o perigo **LUDMILLA DE LIMA** E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

SEM SOCORRO Depressão profunda: ideal do super-herói entre agentes da lei dificulta pedido de ajuda

DJAVAN RODRIGUEZ/SHUTTERSTOCK

NÃO HÁ COMO ser diferente: quem tem como missão garantir a lei e a ordem em uma sociedade marcada pela violência convive diariamente com altas doses de estresse. Em teoria, policiais recebem treinamentos adequados para lidar com situações de risco e contam com apoio médico e psicológico se, de uma hora para outra, a farda se transformar em um pesado fardo. Na prática, contudo, o que se observa é que os profissionais das forças de segurança têm encontrado dentro de si um inimigo maior do que os criminosos que combatem nas ruas. Pela primeira vez na história, as mortes decorrentes de suicídios superam a soma dos óbitos causados por confronto — tanto em serviço quanto nos períodos de folga. Até pouco tempo atrás, o problema era trancafiado a sete chaves nas delegacias e batalhões, mas, diante da gravidade do quadro, as corporações começam a tomar providências.

Elas são necessárias e urgentes. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontam que 110 policiais militares e civis da ativa tiraram a própria vida em 2023, enquanto 107 morreram em combate — 46 casos no decorrer do trabalho e 61 durante os “bicos”. Em relação a 2022, a taxa de suicídios cresceu 26,2%. Acre, Amapá, Ceará, Mato Grosso e os estados das regiões Sul e Sudeste são os que mais preocupam. Donos dos maiores efetivos da Polícia Militar, São Paulo e Rio de Janeiro registraram aumento de 80% e 116%, respectivamente. Em 2023, os dois estados não notificaram suicídios de policiais civis. Nesse caso, segundo

CARL DE SOUZA/AFP

FOGO CRUZADO PM em ação: enfrentamento constante potencializa estresse

os especialistas, os números refletem a intensificação dos combates às facções criminosas. "A gente vive uma realidade de violência endêmica, sem se importar com o policial que vive um confronto permanente", aponta a desembargadora Ivana David, do TJ-SP, especialista em direito criminal. "Já presidi audiência em que um policial que patrulhava a cracolândia dizia ficar doente, sentindo-se no limite entre o bem e o mal", completa.

Não são raros os casos que acarretam depressão profunda. A idealização do perfil do super-herói, que impera na formação desde a academia, contribui para intensificar o problema, já que pedir socorro aos superiores, colegas e psicólogos é visto como sinal de fraqueza. "No meio militar, o suicídio é um tabu maior do que o visto na sociedade", afir-

ma Juliana Martins, psicóloga e coordenadora do Fórum. "O aumento de casos mostra que estamos falhando em proteger o policial." O segundo-sargento da PM do Rio Ricardo Azevedo da Silva ganhou a admiração de colegas ao resgatar duas crianças de uma van escolar sequestrada sem disparar um tiro sequer, mas sua coragem escondia, na verdade, tendências suicidas. "Ele era visto como maluco, colocava a vida em risco em vão. Isso devia servir de alerta para o comando", lamenta o irmão do agente. Apesar de dar diversos sinais de instabilidade emocional, Silva seguiu na ativa e armado até que matou a companheira, e só não se suicidou porque foi convencido pelo filho a se entregar. Preso, tentou tirar a vida dentro do hospital. Hoje, segue detido na unidade psiquiátrica do complexo de Bangu.

Quem está na base da hierarquia militar sofre ainda com humilhações dos superiores. Dados do Centro de Atenção Psicossocial apontam que os cabos e soldados são, disparado, os que mais abreviam a vida. No mês passado, um soldado de São Paulo ameaçou se matar durante uma transmissão ao vivo no Instagram, feita a partir de uma base militar. Não levou a cabo a tentativa, mas acabou sendo ridicularizado por um capitão em postagens e nos Stories. Dívidas, abuso de álcool e o acesso facilitado às drogas são combustíveis explosivos que potencializam uma rotina cansativa marcada por longas jornadas oficiais e "bicos" como segurança nas horas de folga. "Se o policial pede afastamento, a arma fica acautelada, e ele não tem mais como complementar a renda", escla-

rece Márcia Cordeiro, presidente da Associação Representativa de Policiais e Bombeiros Militares do Rio.

Por mais que pareça contraditório, a falta de adrenalina também funciona como fator de risco. Acostumado a uma rotina "ligada nos 220", o marido de Ana (nome fictício) ficou deprimido ao ir para a reserva. Se enforcou com uma corda, em casa. "Ele era apaixonado pela farda e se arrependia de ter se aposentado", conta a esposa, revelando que o PM evitava ser identificado e entrou em pânico meses antes de sua morte, quando presenciou um arrastão. O alerta sobre a categoria levou a Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp) a lançar neste ano o Escuta SUSP, com atendimento psicológico on-line para agentes de segurança, em parceria com universidades federais. "Há um diálogo com os comandos para que incentivem os policiais a se apresentarem", diz Mario Sarrubbo, à frente da Senasp. "O tratamento diminui afastamentos e transforma as instituições em ambientes mais saudáveis", aposta.

Especialistas são unânimes em alertar que, sem o apoio de superiores, a tropa tende a seguir evitando o assunto, mesmo diante de sofrimento intenso. "O comandante tem que estar com o coração e a porta abertos para o policial", diz a tenente-coronel Claudia Moraes, cientista social e porta-voz da PM fluminense. A gravidade do tema exige ações urgentes. Afinal, um policial armado sem dispor de plenas condições psicológicas não coloca em risco apenas a própria vida. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich

EXPANSÃO Werneck, presidente da Gerdau: plano de nova fábrica no México

Arriba com o aço

A Gerdau deve investir 500 milhões de dólares na construção de uma nova fábrica no México. "Estamos estudando localidades para a planta e o assunto está avançando bem", diz **Gustavo Werneck,** presidente da empresa. O martelo será batido até o fim do ano.

Preciso ser verde

A multinacional brasileira planeja investir mais 6,3 bilhões de reais até 2026 em

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

infraestrutura, como novas fábricas e adaptações de parques existentes. Quase metade do investimento da Gerdau será para diminuir as emissões de carbono.

Sem pressa

O grupo francês Casino, que detém 22,5% das ações do Pão de Açúcar, está no mercado em busca de interessados nessa fatia, mas sem pressa. "Eles são vendedores no timing deles", diz um executivo que acompanha de perto as movimentações dos franceses.

Banho de loja

Enquanto o Casino não define a venda, o GPA retoma a agenda de investimentos. O grupo vai alocar cerca de 150 milhões de reais nos próximos meses para a abertura de novas lojas de pequeno porte. Desde 2022, foram 400 milhões de reais em pequenos mercados.

Para quem pode

A Embraer quer acelerar as vendas do jato executivo Phenom 100 EX no Brasil, o modelo "mais em conta" da companhia. Cada unidade não sai por menos de 6 milhões de dólares. "Nós não competimos por preço, competimos por qualidade", diz Ricardo Carvalhal, diretor de vendas da Embraer. "Não queremos ser os mais baratos."

Somando marcas

O Grupo Veste, dono das marcas de roupa Le Lis, Dudalina e John John, está no mercado em busca de boas oportunidades de aquisição no segmento de moda premium e marcas

digitais. Tudo para enfrentar o Grupo Azzas 2154, gigante formado pela fusão da Arezzo com a Soma.

Laboratório de teste

A trading Timbro, de Jorge Guinle, fechou contrato de arrendamento de um laboratório da Jaguar para homologação de novos carros no interior do Rio de Janeiro. Já há três montadoras interessadas em utilizar o espaço.

Comércio intenso

No ano passado, a Timbro movimentou 12 bilhões de reais. A expectativa é ultrapassar 20 bilhões de reais neste ano, impulsionada pela exportação de commodities agrícolas, como açúcar e algodão. Cerca de 8 bilhões de reais devem vir só da intermediação desses dois insumos.

Doces planos

Com mais de 3 bilhões de dólares de faturamento global, a Haribo, marca de doces alemã, está partindo para a ampliação de sua fábrica em Bauru, no interior de São Paulo. Na área comercial, o objetivo é dobrar para 300 000 o número de pontos de venda no Brasil nos próximos anos.

Amor aos bichos

A atenção com os bichos de estimação continua a ser um mercado em alta no Brasil. O número de pet shops cresceu 9% nos últimos doze meses. E o de clínicas veterinárias, 18%. O levantamento é da gestora Equus Capital. ■

OFERECIMENTO

kovr seguradora

INÊS 249

A HORA DAS CORREÇÕES

A volatilidade nas bolsas de valores expõe as expectativas em torno da mudança de rumo da economia americana e seus reflexos no mundo

JULIANA ELIAS E **JULIANA MACHADO**

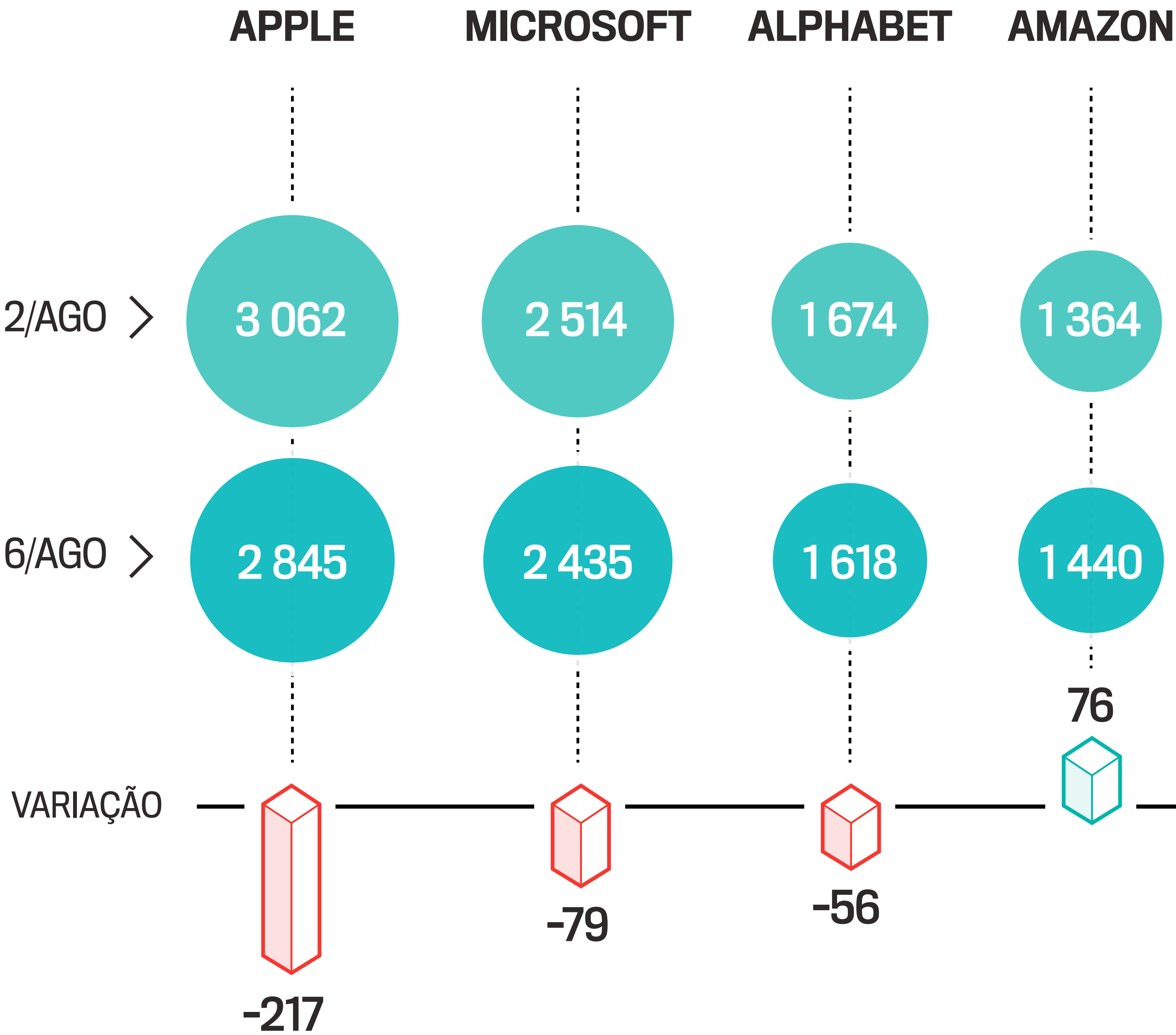
SUSTO Painel da bolsa de Tóquio: um dia de queda histórica

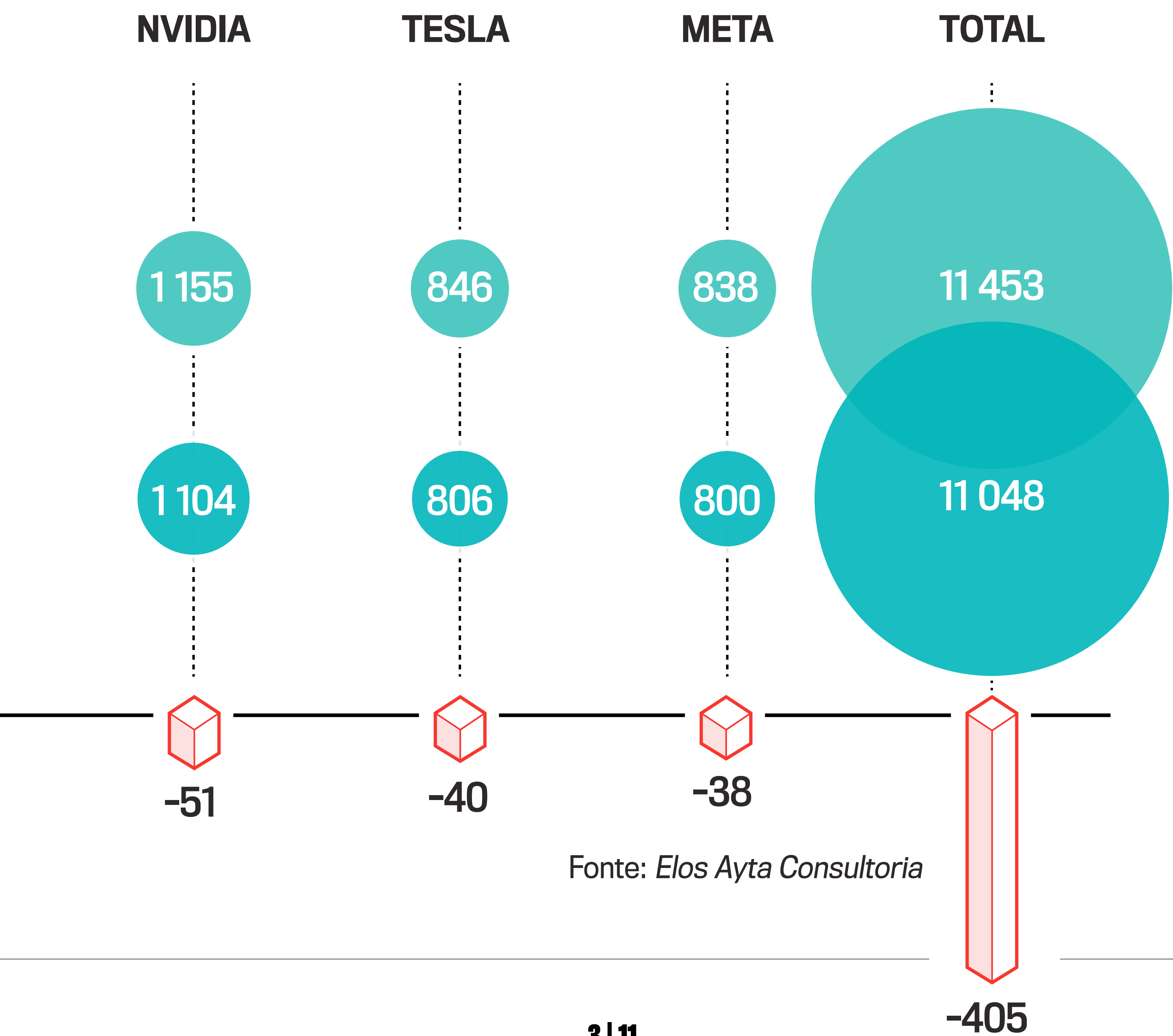
TOMOHIRO OHSUMI/GETTY IMAGES

O sol nem sequer havia nascido para os mercados da Europa, Estados Unidos e Brasil quando gestores e operadores se preparavam para enfrentar a onda de vendas de ativos que começou na Ásia, sem saber ao certo qual seria a sua magnitude. No dia 5 de agosto, a nova "segunda-feira sangrenta" era esperada para as bolsas do Ocidente após o Nikkei, principal índice

AS PERDAS DAS MAGNÍFICAS

Evolução do valor de mercado de empresas de tecnologia dos EUA (em bilhões de dólares)

	APPLE	MICROSOFT	ALPHABET	AMAZON
2/AGO	3 062	2 514	1 674	1 364
6/AGO	2 845	2 435	1 618	1 440
VARIAÇÃO	-217	-79	-56	76

da bolsa do Japão, cair 12%, arrastando consigo a Coreia do Sul, onde o Kospi tombou 8,77%, e Taiwan, cujo TWII cedeu 8,35%. No fim, as bolsas americanas, que vinham de recordes históricos, encerraram o dia de forma mais calma, mas também no vermelho: o Dow Jones caiu 2,60%, o Nasdaq perdeu 3,43% e o S&P 500 cedeu 3%. No Brasil, o Ibovespa absorveu o choque e fechou em queda de 0,46%. No dia seguinte, todos os índices se recuperaram. A bolsa japonesa teve a maior alta desde 2008, enquanto os índices de Wall Street a São Paulo também subiram, deixando ainda

Fonte: *Elos Ayta Consultoria*

mais perguntas do que respostas: foi uma correção de movimentos exagerados ou uma mudança de rota?

Guardadas as proporções, a história se repete. A queda da bolsa de Tóquio remonta a 19 de outubro de 1987, quando preocupações com a economia global e uma alta de juros pelo Federal Reserve (Fed), o banco central dos Estados Unidos, motivaram uma das piores turbulências nos mercados financeiros. Naquele dia, a primeira "segunda-feira sangrenta", o Dow Jones caiu 22% — a maior perda já registrada em um único dia pelo índice desde sua criação, em 1896. O Nikkei, no mesmo caminho, teve baixa de 23%.

Dessa vez, são vários os estopins que explicam a histeria do fatídico 5 de agosto de 2024. Um deles veio do mercado japonês: na quarta-feira anterior, 31 de julho, o Banco Central do Japão (BoJ) subira os juros pela segunda vez desde 2007. A medida levou a um desmonte das operações de *carry trade,* isto é, quando investidores buscam empréstimos em países com taxas de juro mais baixas para aplicar em ativos de países com juros elevados. Essa estratégia guiou em boa medida a procura tanto por ações de tecnologia e inteligência artificial nos Estados Unidos quanto por títulos de países emergentes. Com o BoJ corrigindo o rumo, investidores precisaram correr para cobrir suas posições, levando à queda das bolsas e à fuga da moeda americana para o iene, que atingiu o maior nível desde janeiro. O VIX, índice que mede a volatilidade da bolsa de Nova York e serve como uma espécie de "termômetro do medo" dos investidores, en-

cerrou em alta de 65%, mas chegou a disparar 181% na sessão. No Brasil, o dólar alcançou 5,87 reais.

"No Japão, o maior risco é a desancoragem das expectativas de inflação, e o BoJ teme que vire uma espiral inflacionária", afirma o economista-chefe da ARX Investimentos, Gabriel Barros. "O banco precisa subir o juro, e isso significa

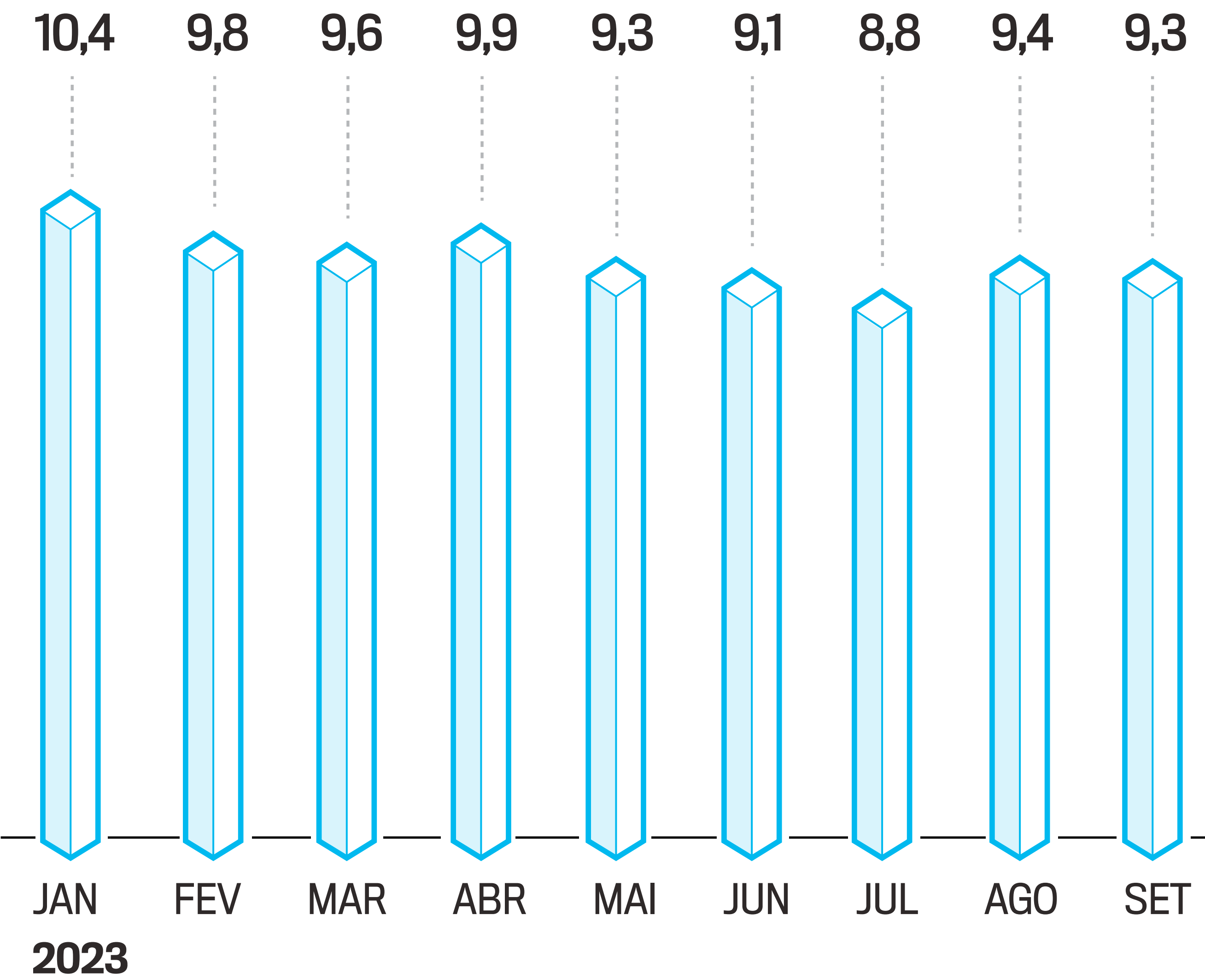
TRABALHO Balcão de emprego nos Estados Unidos: menos oferta

ALLISON JOYCE/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

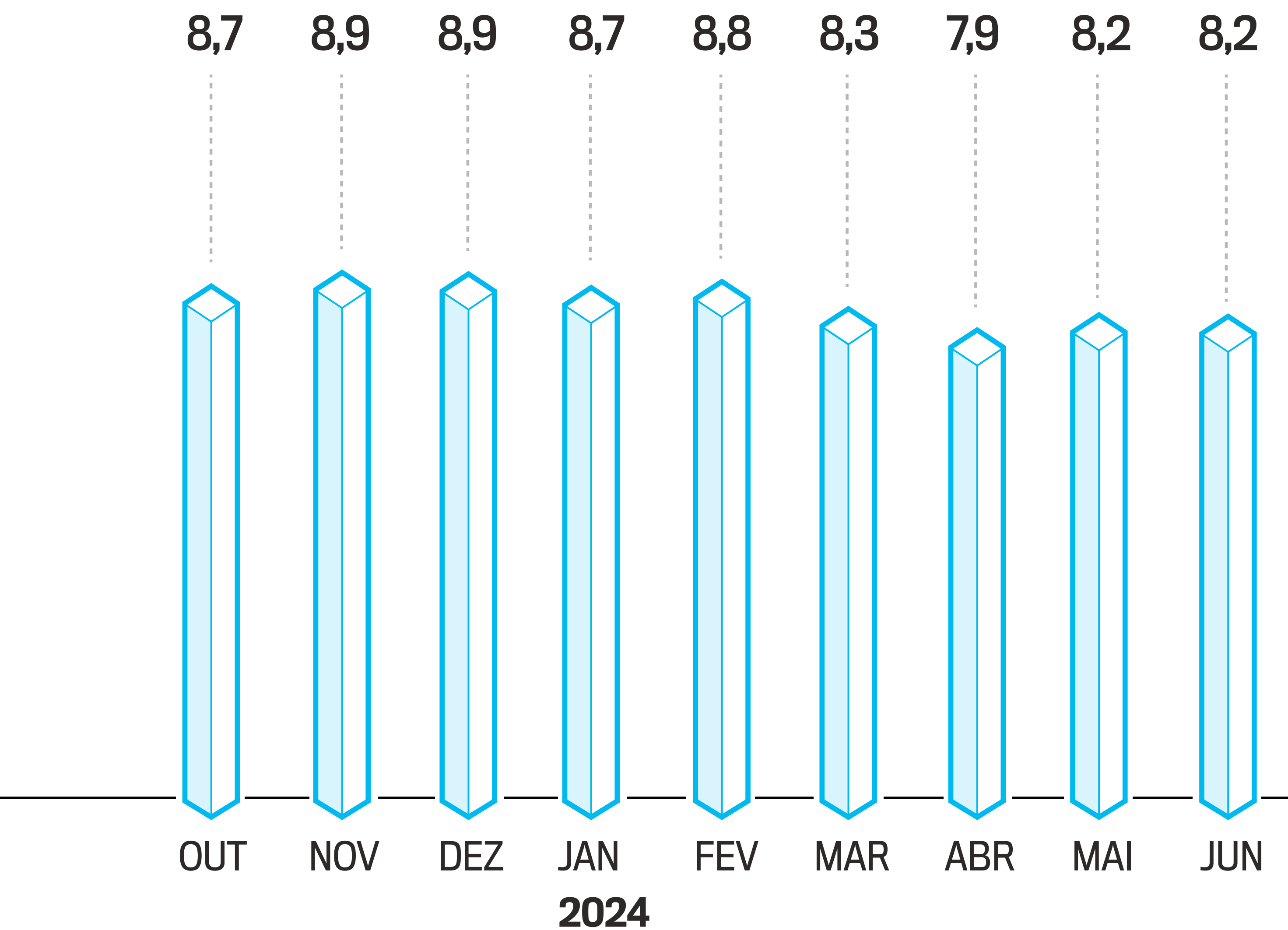
pressão adicional para moedas emergentes e para o dólar." Do outro lado do mundo, nos Estados Unidos, dados de emprego divulgados na sexta-feira 2 mostraram uma geração de vagas mais fraca e um aumento da taxa de desemprego mais alto do que o esperado. O relatório conhecido como Payroll, pela primeira vez em muito tempo, equiparou-se a

EM DESACELERAÇÃO

Evolução do mercado de trabalho dos EUA
(em milhões de vagas ofertadas)

JAN 2023	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
10,4	9,8	9,6	9,9	9,3	9,1	8,8	9,4	9,3

outro relatório local, o Jolts, que já apontava um mercado de trabalho com redução do vigor. Diante disso, ganha força a leitura de que o esfriamento da atividade abre espaço para o tão aguardado afrouxamento monetário. “Uma redução de juros poderá estar na mesa na reunião de setembro”, disse Jerome Powell, presidente do Fed, na semana passada.

O problema é que um “pouso forçado” da economia americana, ou seja, uma recessão, em vez de uma desaceleração suave, assombra investidores há tempos. Isso promoveria a saída de capital de diversos mercados e destruiria a lucrati-

OUT	NOV	DEZ	JAN 2024	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
8,7	8,9	8,9	8,7	8,8	8,3	7,9	8,2	8,2

Fonte: *Bureau of Labor Statistics*

vidade das empresas — um medo que pautou em boa medida a forte reação vista no Oriente na segunda-feira. Alguns economistas classificam o movimento como exagerado *(veja a coluna de Alexandre Schwartsman),* mas não se pode negar que o debate continua aberto entre os especialistas. “Recessões são um processo cumulativo, não um evento, e já havia sinais de desaceleração da economia dos Estados Unidos há vários meses”, diz Tony Volpon, ex-diretor do Banco Central do Brasil e professor da Universidade Georgetown, em Washington. Ele menciona pioras gradativas em indicadores como os de inadimplência, em alta, e da renda, que não cresce, mas que acabaram ofuscados por meses de geração de emprego forte e uma inflação resistente. Esses elementos atrasaram a tarefa do Fed de baixar os juros. “Havia uma ala dos analistas que olhava para essa desaceleração e dizia que o Fed já tinha perdido a hora de cortar os juros, mas era uma minoria. Com os dados divulgados na semana passada, esse grupo ficou maior”, completa Volpon.

A todo esse ambiente se somou uma temporada de balanços sem brilho das companhias de tecnologia — justamente aquelas que vinham puxando os recordes em Wall Street. A correção, então, veio a galope. A Apple, por si só, liderou as baixas, também em resposta à decisão do mega-investidor Warren Buffett, da gestora Berkshire Hathaway, de se desfazer de quase metade da sua posição na companhia. Mas quase todas as big techs americanas foram atingidas. As chamadas “sete magníficas” tiveram uma perda de

VULNERÁVEIS

O Brasil tem indicadores macroeconômicos preocupantes

DÉFICIT PRIMÁRIO
(acumulado em 12 meses, até junho)
272 BILHÕES DE REAIS
(2,44% do PIB)

⊕

DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO
(alta no ano, até junho)
5,9%, PARA 8,7 TRILHÕES DE REAIS
(77,8% do PIB)

⊕

INFLAÇÃO
(acumulada em 12 meses, até junho)
4,23%, ACIMA DA META DE 3%

⊕

VALORIZAÇÃO DO DÓLAR ANTE O REAL
(acumulado do ano)
16,6%

Fontes: *IBGE, BC, Investing.com*

INÊS 249

KEVIN DIETSCH/GETTY IMAGES

ALÍVIO Powell, do BC americano: mais perto do corte de juro

valor de mercado conjunta de 400 bilhões de dólares em apenas três pregões. “O mercado está em um processo normal de reavaliação da tese de inteligência artificial”, diz Luis Otavio Leal, economista-chefe da gestora G5 Partners. “Acredito que possa haver uma correção, mas apenas um movimento natural do investidor de embolsar ganhos na Nvidia, por exemplo, e comprar *small caps* (empresas menores na bolsa), que ganham mais com a queda dos juros.”

Dentro desse cenário, o Brasil é um agente passivo e está mal posicionado, com capacidade limitada para aproveitar algumas benesses que a redução de juros americanos poderá trazer. “A nossa política monetária depende quase na totalidade das atitudes locais, que é o que explica o Brasil ter passado a maior parte do ano na contramão”, afirma Luiz Fernando Figueiredo, ex-diretor do BC e presidente

INÊS 249

NA MESA Diretoria do Banco Central: incerteza sobre o comando e o roteiro da instituição

do conselho de administração da Jive Investments. Entra na conta doméstica o desarranjo das contas públicas federais, com gastos que não param de aumentar, um governo que resiste ao controle, um déficit que segue comendo os ganhos de receitas e uma dívida que continua crescendo. "É por isso que já vínhamos numa deterioração geral das expectativas, com projeções da inflação para cima, taxa de câmbio mais alta e a bolsa caindo", diz Figueiredo.

Não bastasse a evolução decepcionante da agenda fiscal, aspectos de ordem política no Brasil embaçam a cena. Nos últimos dias, o futuro do BC voltou a ser assunto em voga, após rumores de que o presidente Lula deverá escolher ainda neste mês quem substituirá Roberto Campos Neto no comando da instituição em 2025. Trata-se de mais um ponto de tensão e de incerteza quanto à nossa necessidade de uma boa correção. ■

RAPHAEL RIBEIRO/BCB

ALEXANDRE SCHWARTSMAN

SÓ É SE LHE PARECE

Receios de recessão nos Estados Unidos soam exagerados

OS DADOS mais recentes do mercado de trabalho americano vieram piores do que o esperado. Tanto a criação de novos postos de trabalho (114 000) quanto a taxa de desemprego (4,3%) desapontaram também relativamente ao observado até meados deste ano, quando a geração atingiu perto de 220 000 vagas por mês, enquanto o desemprego médio ficou ao redor de 3,9%.

A reação do mercado financeiro foi imediata. Com receio de que a economia americana entre em recessão, taxas de juros caíram, o dólar perdeu valor contra as moedas de países desenvolvidos e as bolsas sofreram, com repercussões pelo mundo todo, inclusive por aqui.

Há mesmo motivo para se preocupar com uma recessão nos Estados Unidos? Bem, sempre há; afinal de contas, mesmo com o peso crescente da China, os EUA ainda representam perto de um quarto da economia global. Quando pegam um resfriado, diz o ditado, o resto do mundo corre o risco de pegar uma séria gripe.

A questão, porém, é se há razões concretas para tanto. Entendo que não. A economia americana deve continuar

a mostrar alguma desaceleração, isto é, crescimento ainda positivo, porém em ritmo mais lento, mas não uma recessão propriamente dita.

Apesar dos números mais fracos do mercado de trabalho em julho, outros indicadores sugerem que a economia permanece firme. As empresas americanas, por exemplo, apresentaram em junho algo como 8,2 milhões de vagas em aberto, isto é, posições que não conseguem preencher. Comparando, o desemprego total naquele mês atingia 6,8 milhões. Há, portanto, mais ofertas de emprego do que pessoas disponíveis para ocupar as vagas.

Obviamente, não há, nem nunca houve, casamento perfeito entre vagas e desempregados. Alguns empregos requerem habilidades que não necessariamente estão disponíveis; ou estão, mas em lugares distantes; ou, ainda, faltam mecanismos que tornem tais "casamentos" viá-

"O mercado de trabalho americano ainda precisa de desaceleração para trazer a inflação de volta à meta"

veis. Por vários motivos, é natural que nem todas as vagas possam ser preenchidas.

Mesmo, porém, levando tais imperfeições (ou “fricções”) em consideração, em termos históricos a relação entre vagas em aberto e a taxa de desemprego permanece em patamares bastante superiores aos observados em períodos recessivos. Hoje, tal relação se encontra perto de 1,2; nas recessões deste século, entre 0,4 e 0,6.

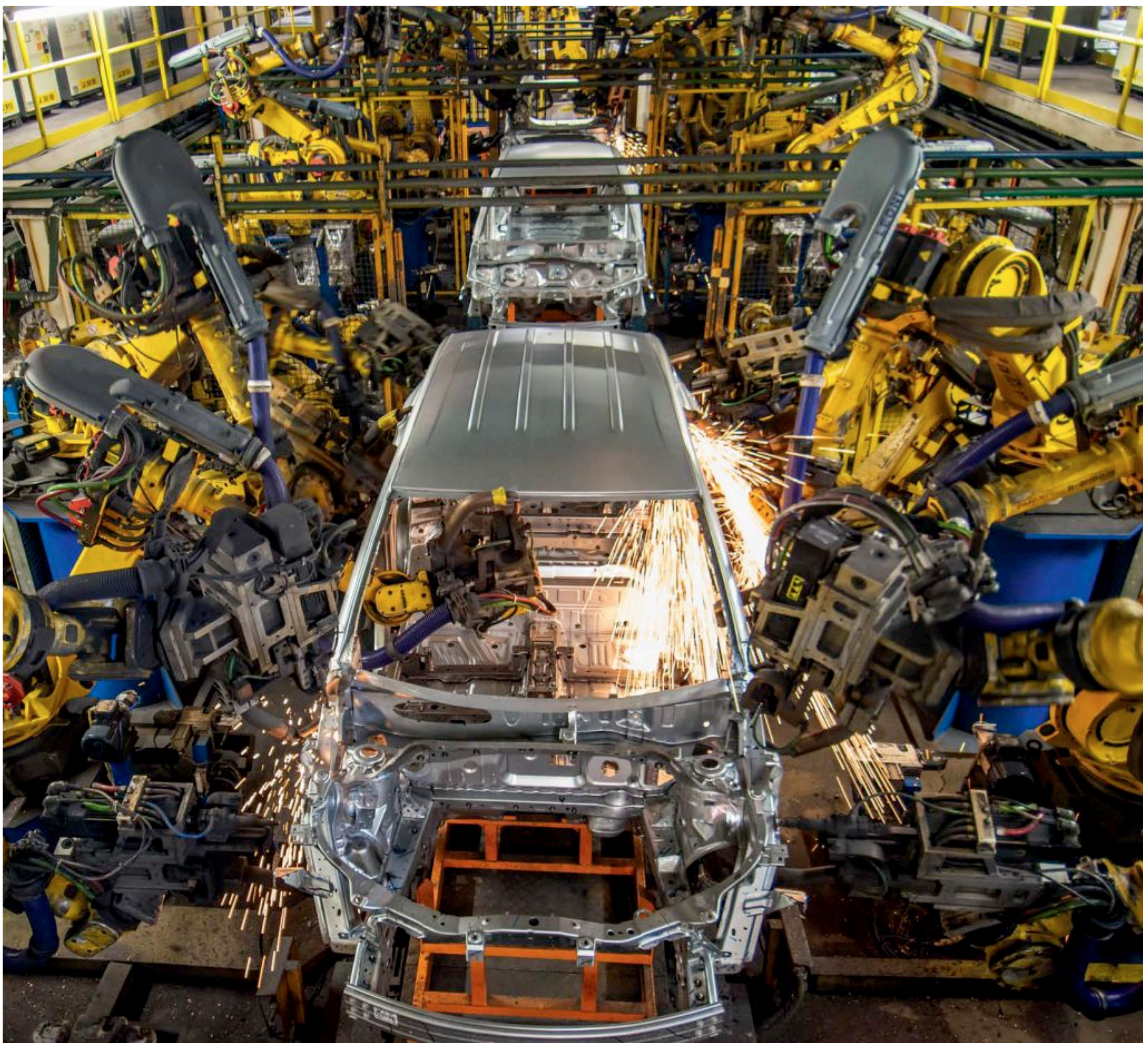
Em particular, momentos de relativo equilíbrio no mercado de trabalho, quando o crescimento dos salários se alinha ao necessário para manter a inflação na meta, registram valores na casa de 0,7 a 0,8. Ou seja, não apenas o mercado de trabalho parece distante de uma recessão, como provavelmente ainda precisa passar por alguma desaceleração para trazer a inflação de volta à meta.

Dado isso, ainda espero que o Federal Reserve comece a reduzir a taxa de juros em setembro, já se antecipando à convergência da inflação à meta, esperada para ocorrer ao longo de 2025.

Não podemos, contudo, imaginar que isso se traduzirá em movimento similar aqui no Brasil. Ao contrário dos EUA, registramos acentuação do aperto no mercado de trabalho, que pressiona a inflação em geral (e os preços dos serviços em particular). O BC ainda toureia para não ter de subir o juro. ■

O BRASIL INTELIGENTE

Empresas recorrem à inteligência artificial para melhorar a eficiência, enquanto o governo lança plano para incentivar seu desenvolvimento no país

LUANA ZANOBIA E **MÁRCIO JULIBONI**

GENERAL MOTORS DO BRASIL

TIPO EXPORTAÇÃO Fábrica da GM: IA criada na filial brasileira checa defeitos e será usada nos Estados Unidos

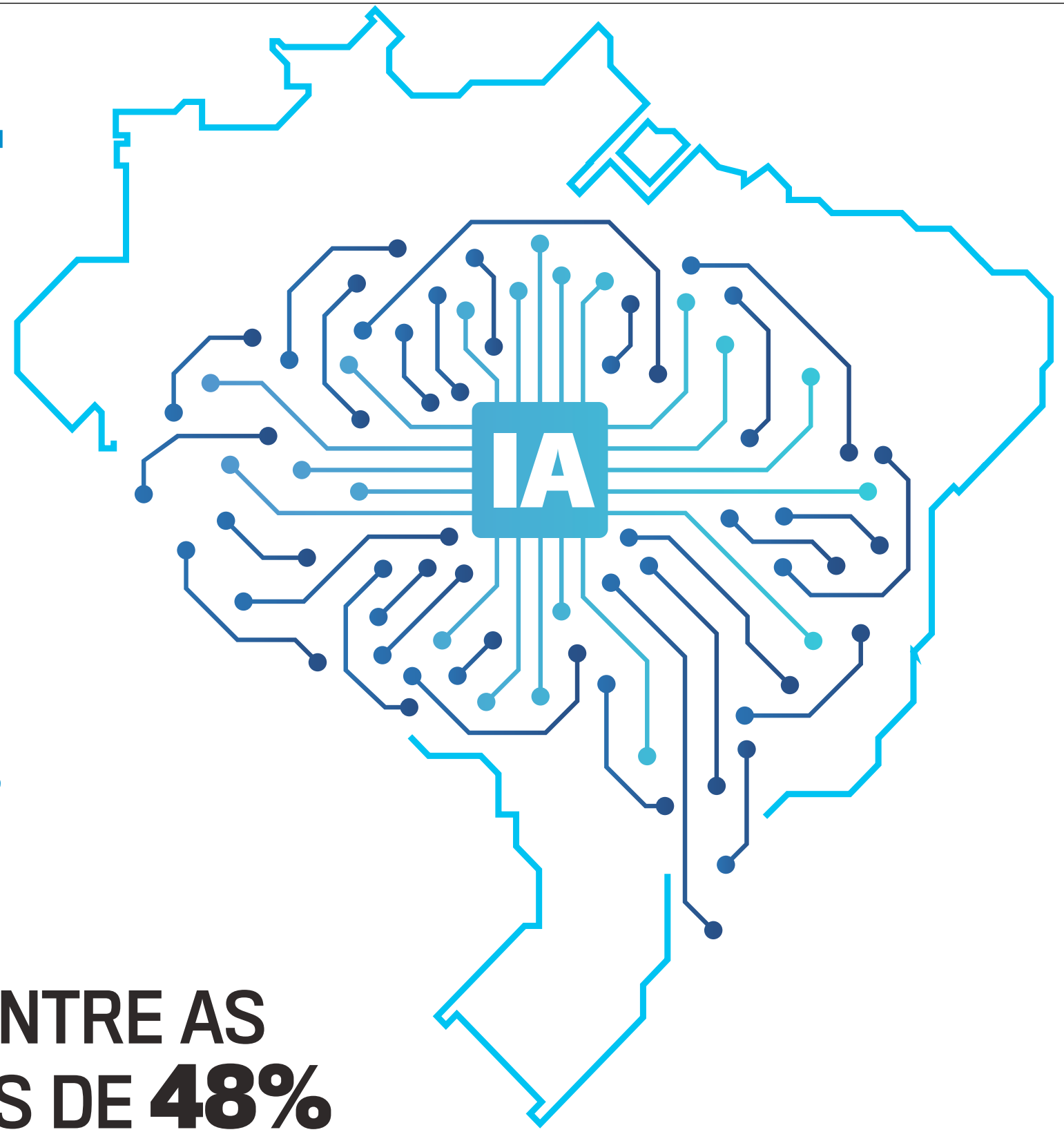
O BRASIL nunca perde uma oportunidade de perder oportunidades, já dizia o economista Roberto Campos. Mas a eclosão da inteligência artificial (IA) representa uma nova chance de redenção. Trata-se de um negócio promissor. O mercado global de IA deve crescer 28% ao ano e saltar de 184 bilhões de dólares para 827 bilhões de 2024 a 2030, segundo a consultoria alemã Statista. Se o Brasil acompanhar o ritmo, o mercado de IA por aqui passará de 3,6 bilhões de dólares para 16,3 bilhões no mesmo período. A força da nova tecnologia levou o governo a lançar o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA), com investimentos previstos de 23 bilhões de reais até 2028. Quase 14 bilhões irão para incentivar a adoção pelas empresas. Nessa conta, estão 2 bilhões de reais para instalar centros de processamento de dados que consumam energia renovável, em resposta à crescente preocupação mundial com o pesado impacto ambiental do setor de tecnologia. Basta lembrar que uma aplicação de IA consome até 100 vezes mais energia do que uma simples pesquisa no Google. “O Brasil pode se tornar um fornecedor global de soluções de IA alimentadas por energia limpa”, afirma Alessandro Lombardi, presidente da Elea Digital, empresa nacional que tem o banco americano Goldman Sachs como sócio e opera nove data centers.

O PBIA escalou a Petrobras para participar da modernização do supercomputador Santos Dumont, instalado no Laboratório Nacional de Computação Científica, em Petrópolis (RJ). O projeto consumirá 1,8 bilhão de reais em cinco

O USO NAS EMPRESAS

A inteligência artificial entra na pauta das companhias brasileiras

A IA GENERATIVA ESTÁ ENTRE AS PRINCIPAIS PRIORIDADES DE **48%** DAS EMPRESAS BRASILEIRAS; ENTRE AS AMERICANAS, A TAXA É DE **87%**

NO BRASIL, A IA GENERATIVA AUMENTA A GERAÇÃO DE CAIXA DAS EMPRESAS EM **10%** A **15%**

O QUE AS COMPANHIAS BRASILEIRAS ESPERAM GANHAR

76% Aumento da eficiência/produtividade

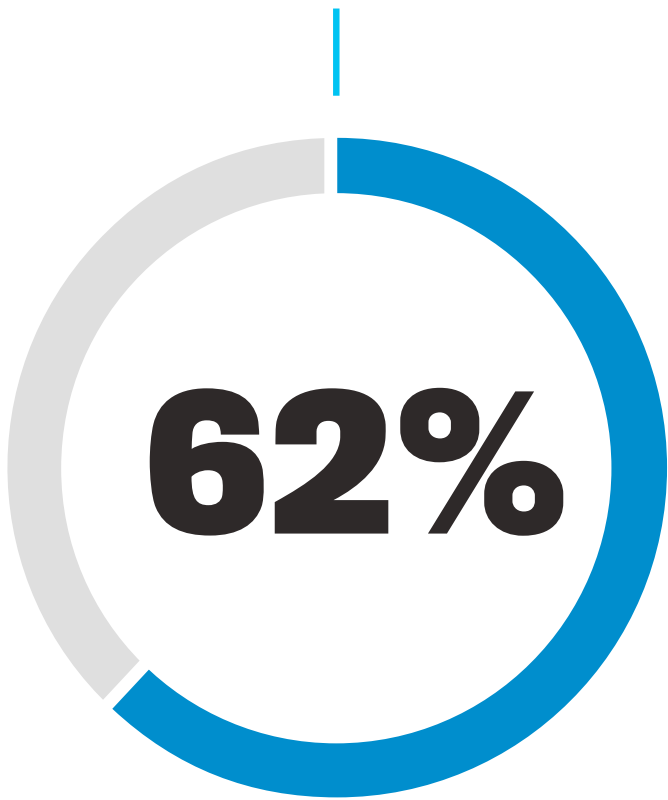
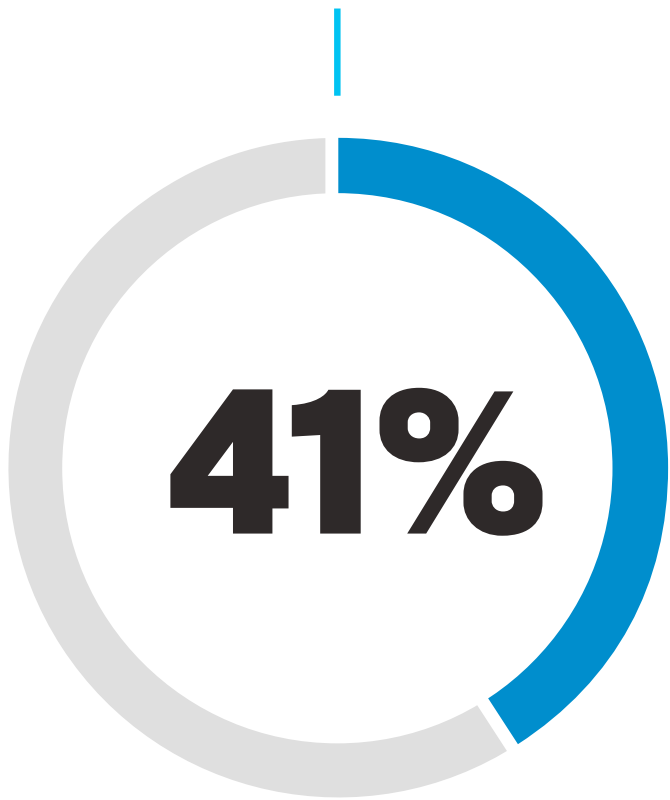
69% Melhora na experiência do cliente

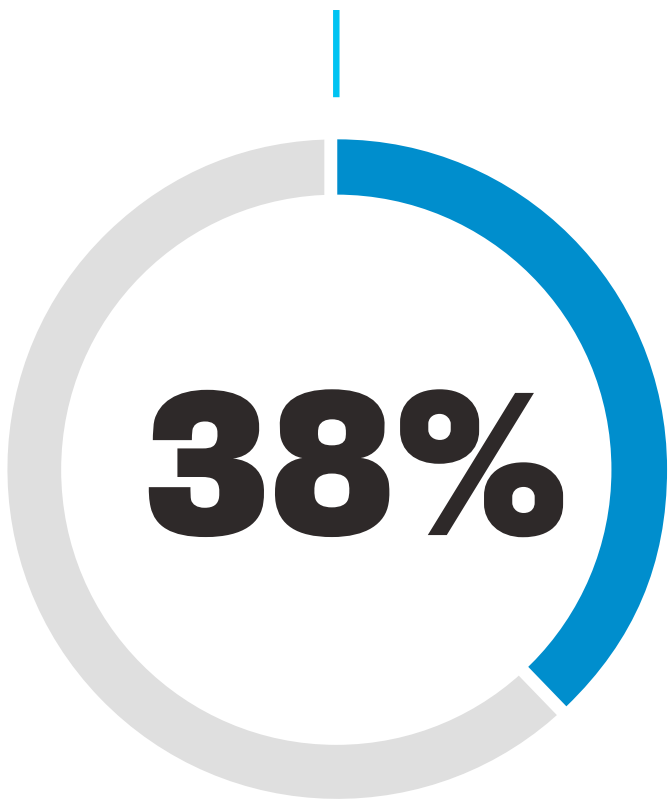
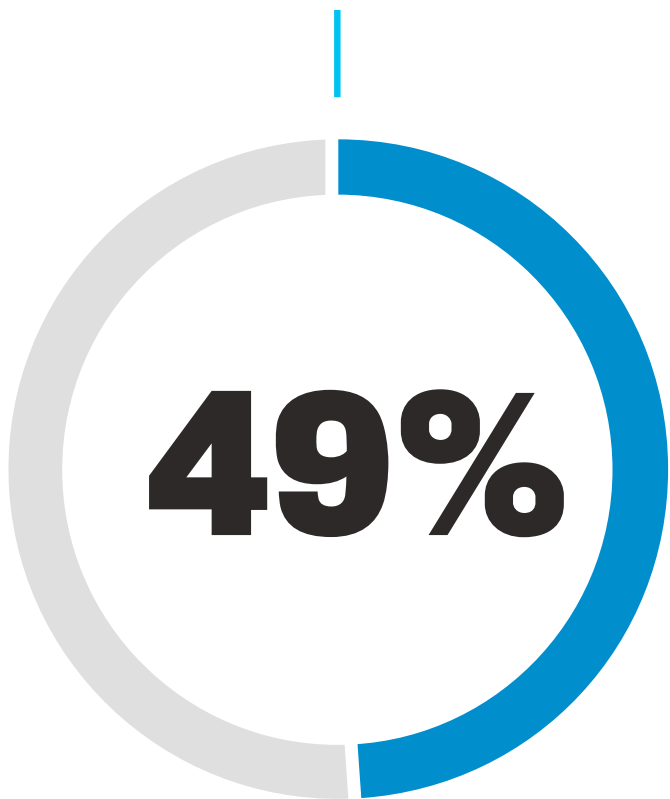
47% Receita crescente

27% Menor tempo de produção

POR QUE A IA NÃO AVANÇA MAIS RÁPIDO?

FALTA DE EXPERTISE

BRASIL	ESTADOS UNIDOS
62%	41%

SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO E PROTEÇÃO DOS DADOS

BRASIL	ESTADOS UNIDOS
38%	49%

Fonte: *Bain & Company*

NELIA ROCHA/MCTIC

PLANO Supercomputador: entre os mais potentes

anos, incluindo recursos da estatal, da Fapesp, a agência paulista de fomento à pesquisa, e do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O objetivo é colocar o Santos Dumont entre os cinco supercomputadores mais potentes do mundo. Em contrapartida, a estatal usará a máquina para aplicações de IA em áreas como inspeção remota de plataformas, caracterização de reservas petrolíferas e modelos aperfeiçoados de produção. “Vamos nos beneficiar desse ecossistema de inovação”, diz Rafael Moraes, gerente de P&D do Cenpes, o centro de pesquisas da Petrobras. Como o plano federal prevê a compra de equipamentos para cinco centros regionais de computação, a empresa também ajudará na implantação da infraestrutura que os conectará a núcleos de pesquisa país afora.

Como sempre, o setor privado não esperou o governo para abraçar a novidade. Segundo a Bain & Company, a IA é prioridade para 48% das companhias brasileiras, que buscam incrementos de até 15% na geração de caixa, por meio dos ganhos de produtividade trazidos pela nova tecnologia. “O uso de IA permite a automação quase total da produção, reduzindo o tempo das tarefas em cerca de 20%”, diz Felipe Fiamozzini, sócio da Bain. Pioneiras na automação industrial, as montadoras já começam a adotar a inovação. A GM do Brasil criou um sistema de IA para detectar defeitos na carroceria dos veículos. Além de acelerar o processo, a ferramenta elimina possíveis erros humanos. Desenvolvida em parceria com o Instituto Tecnológico de Aeronáutica, a novidade será exportada para as fábricas da GM nos Estados Unidos e na Alemanha. Já a farmacêutica União Química adotou a IA para analisar, em segundos, o crédito de seus mais de 100 000 clientes. Além de abreviar um processo que levava dias, a solução reduziu a inadimplência. “Seria necessário um exército de pessoas para essas análises”, afirma Sérgio Ricardo da Silva, diretor financeiro da União Química.

Na Nestlé, uma central monitora a produção das catorze fábricas brasileiras. Os dados são analisados por 45 aplicações de IA para prever problemas e melhorar a eficiência. A tecnologia também ajuda os vendedores a selecionar, entre os 1 300 produtos do portfólio, os mais adequados para os mais de 300 000 clientes. “Revolucionamos a interação

DIVULGAÇÃO

CONTROLE Centro de dados da Nestlé: a IA monitora a produção no país todo

com eles", diz Brunno Ragonha, diretor de ciência e análise de dados da empresa. O varejo também se rendeu à inovação. Neste ano, o Magazine Luiza criou uma diretoria específica para a área. Um dos objetivos é treinar o "cérebro da Lu", a influenciadora virtual da marca, para interagir de modo mais inteligente com os consumidores, sugerindo produtos e esclarecendo dúvidas. A ferramenta está em teste, ajudando na escolha de smartphones. "Muitos preferem ir a uma loja, porque é difícil entender as diferenças entre vários modelos no site", diz Caio Gomes, diretor de IA da varejista. "A tecnologia resolve isso." Um dos frasistas mais perspicazes do Brasil, Roberto Campos também disse que o mundo não será salvo pela caridade, mas pela eficiência. Usar a inteligência — tanto a humana quanto a artificial — é um caminho certeiro para isso. ■

ALTA TENSÃO

Assassinatos de lideranças terroristas em Beirute e Teerã colocam Israel na mira de ataques retaliatórios, acirrando a sempre presente ameaça de ampliação dos conflitos regionais

AMANDA PÉCHY

CÉU EM FOGO Defesa israelense intercepta mísseis iranianos: a ameaça se repete mais uma vez

JALAA MAREY/AFP

Repetindo um roteiro que já se desenrolara em abril, o governo israelense recomendou à população estocar água e alimentos, paramédicos reforçaram o treinamento em caso de emergência nacional, hospitais traçaram planos para remover pacientes e companhias aéreas cancelaram voos para o país. Pela segunda vez desde o início da guerra na Faixa de Gaza, em 7 de outubro, paira sobre o Oriente Médio a sombra de uma iminente ofensiva do Irã, agora para vingar dois ataques: o bombardeio em Beirute, assumido pelas Forças Armadas de Israel, que matou um alto comandante do Hezbollah, a milícia libanesa apoiada pelo regime dos aiatolás, e o assassinato do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, em plena Teerã, horas depois de comparecer à posse do novo presidente iraniano — uma explosão que ninguém reivindicou, mas também não precisava. "A estabilidade regional depende da punição do regime sionista", disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do país, Nasser Kanaani, reavivando a ameaça perenemente embutida nos embates regionais: a de que um ato de provocação faça transbordar o caldeirão de hostilidades, redundando em um conflito de proporções mundiais.

Ao longo da semana, uma maratona de tensas reuniões diplomáticas tentava minimizar os danos da retaliação, considerada inevitável. Em abril, depois que Israel atingiu sua embaixada na Síria, o Irã lançou mais de 300 mísseis e drones contra o inimigo — o primeiro ataque direto em décadas. Naquela ocasião, porém, a represália seguiu um planejamento

WILL OLIVER/EPA/EFE

FAÍSCAS Bibi Netanyahu e Ali Khamenei *(abaixo):* enfrentamento de inimigos

KHAMENEI.IR/AFP

montado para manter a situação sob controle: enquanto a poderosa defesa aérea de Israel interceptava quase 100% dos disparos, iranianos saíam às ruas em plena madrugada para celebrar a chuva de mísseis, e israelenses, aliviados, restauravam a confiança em sua segurança. Nitidamente, ninguém, naquele momento, queria uma ampliação do conflito. Ao que tudo indica, a mesma disposição se repete agora, mas cada fagulha tem potencial para, se não atrair o Irã — uma das grandes potências militares regionais — para o centro da guerra, convencer a cúpula do Hezbollah a partir para o tudo ou nada, o que prenunciaria uma tragédia. Calcula-se que a milícia sediada no Líbano tenha até 10 000 combatentes ativos e 20 000 reservistas, juntamente com um vasto arsenal de tanques e 150 000 foguetes de longo alcance que a

torna, de acordo com o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, “o protagonista não estatal mais fortemente armado do mundo”. “Israel tem condições de sustentar uma guerra contra o Irã e aliados, com ajuda dos Estados Unidos. Mas, em um primeiro momento, um ataque total do Hezbollah poderia sobrecarregar as defesas israelenses”, diz Boaz Atzili, cientista político da American University, em Washington.

Por enquanto, o esforço diplomático para conter o conflito tem dado resultado, com o empurrão fundamental do histórico de derrotas militares árabes frente a Israel — do Hezbollah inclusive. Uma guerra aberta entre os dois em 2006 matou quase 2 000 pessoas e deslocou outras 500 000, levando o líder da milícia, Hassan Nasrallah, a reconhecer posteriormente que não teria levado a luta adiante se soubesse o tamanho da sequela. “Eles temem os danos substanciais dos contra-ataques de Israel, difíceis de justificar para os civis da região”, afirma Sean Foley, autor de *Os Estados Árabes do Golfo: Além do Petróleo e do Islamismo.* Igual raciocínio deve permear o alcance dos atos do líder supremo iraniano Ali Khamenei, assoberbado pela insatisfação da população com frequentes cortes de energia, escassez de água, crise econômica e repressão.

Nessa linha fina de interesses, as maiores dúvidas recaem sobre as intenções do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, que há dez meses ordena bombardeios e ataques terrestres na Faixa de Gaza, sem dar sinal de planos de pôr fim à operação antiterrorista. Uma pesquisa de opinião divulgada em julho revelou que 72% dos israelenses desejam sua renún-

cia pelas falhas na segurança durante a invasão do grupo palestino Hamas em outubro, que resultou na morte de 1 200 pessoas, mais de 5 000 feridos e 250 sequestrados. Entrincheirado na promessa de “eliminar totalmente o Hamas”, e dependente do apoio dos ultrarradicais de sua coalizão de governo (o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, declarou há poucos dias que matar de fome os 2 milhões de palestinos em Gaza pode ser “justificado e moral”), Netanyahu parece decidido a agir por conta própria, sem prestar contas a países aliados.

Ele é visto, inclusive, como um dos principais empecilhos a um cessar-fogo na Faixa de Gaza, onde quase 40 000 morreram desde outubro. Já existe uma estrutura para o acordo, avalizado pela ONU e todas as grandes potências: uma trégua temporária, que incluiria a libertação dos mais de 100 reféns israelenses ainda em cativeiro, depois de uma mais duradoura, para estabelecer os termos de uma nova administração no território. Haniyeh era uma voz importante nas tratativas. “Como a mediação pode ser bem-sucedida quando um dos lados assassina o negociador do outro lado?”, questionou o xeque Mohammed bin Abdulrahman Al Thani, primeiro-ministro do Catar, onde ele vivia. Mas a última palavra sempre esteve em poder de Yahya Sinwar, o comandante do Hamas dentro de Gaza, que é acusado de coordenar o ataque de outubro e que o grupo anunciou assumir agora também sua liderança geral. Entre a racionalidade da política e a insanidade dos extremismos, o Oriente Médio — e o mundo — treme a cada nova explosão. ■

JOGO INDEFINIDO

A vice que virou candidata imprimiu humor e animação na campanha e dificultou a vida de Trump. Mas ninguém arrisca palpite para a eleição de novembro

ERNESTO NEVES

ALEGRIA, ALEGRIA Harris e seu vice, Walz: ele inventou de chamar Trump de "esquisito" – e o termo pegou

ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES/AFP

FALTANDO noventa dias para as eleições nos Estados Unidos, a substituição de Joe Biden por Kamala Harris na chapa democrata mudou significativamente o rumo da campanha eleitoral. Do lado democrata, até recentemente habitado por um candidato que a maioria não queria e que mais se escondia do que se apresentava em público, Harris caiu na estrada, em comícios em série carregados de animação, rap e risadas (a dela mesma, uma gargalhada que surpreende e espanta, virou marca registrada). Em um deles, na terça-feira 6, na Filadélfia, apresentou seu vice, o governador de Minnesota, Tim Walz — um senhor bonachão e bem-humorado, em tudo e por tudo diferente do intenso republicano JD Vance. Ela tem pressa e quer imprimir seu lema de "governo do futuro" na mente do eleitorado o quanto antes. Do lado republicano, Donald Trump tem a desvantagem de continuar o mesmo, evocando as glórias (muitas ficcionais) de seu primeiro mandato e a imagem de fortão capaz de aniquilar as elites, com um fato novo: a necessidade de reformatar completamente o alvo de seus ataques.

Energizado pela mudança, o comitê democrata vem batendo recordes de arrecadação, um movimento puxado não só por grandes doadores, como também por filiados comuns que ansiavam por renovação. Harris destaca em cada discurso e entrevista seu passado de promotora e procuradora a serviço da lei e do combate ao crime, em contraponto a Trump, condenado em maio por fraude fiscal. Também endureceu a postura contra a imigração ilegal — o bicho-papão que tira o sono dos americanos —, citando as medidas recentes toma-

INÊS 249

MEDIAPUNCH INC/ALAMY/FOTOARENA

MUDANÇA DE RUMO Trump: bolando novos ataques a uma nova rival

das pelo governo Biden para fechar a fronteira, uma tentativa de neutralizar um de seus pontos fracos: colocada à frente da força-tarefa para tratar da questão, pouco ou nada fez de relevante. Uma das viradas mais bem-sucedidas da campanha democrata foi a invenção justamente do pouco conhecido Walz: em uma entrevista, disse que Trump e Vance são "esquisitos" *(weird)* — e o termo pegou. Em anúncios, memes e vídeos na internet, o ex-presidente como ameaça à democracia, ideia constantemente martelada por Biden que pouco dizia ao crucial eleitor branco de classe média baixa, foi substituído por mensagens bem-humoradas sobre sua esquisitice. "É uma ideia simples, com palavras que fazem parte do cotidiano das pessoas", diz David Karpf, especialista em comuni-

cação da Universidade George Washington. "Até agora, Trump não conseguiu rebater de forma eficaz."

Com Walz, Harris parece querer abrir a porta da sua Casa Branca para o sujeito comum, simpático, de fala simples, nascido e criado no interiorzão, pai dedicado — tudo o que ela, fruto da progressista Califórnia, não é. Ex-professor de geografia, ex-treinador de futebol americano que fez do time da escola campeão estadual, ex-integrante da Guarda Nacional, apreciador da caça e da pesca, o governador de 60 anos defende causas liberais: garantiu em seu estado o direito ao aborto, restringiu o porte de armas e apoiou a legalização da maconha. "Ele demonstra uma combinação de fatores muito interessante. Tem experiência militar e uma identidade rural do Meio-Oeste. Ao mesmo tempo, é porta-voz eficiente de valores progressistas", diz Cary Coglianese, professor de ciências políticas da Universidade da Pensilvânia.

Diante dos novos adversários, a dupla Trump-Vance tenta calibrar o contra-ataque. Harris vem sendo pintada como ultraesquerdista, distante das aspirações do cidadão comum e um perigo para a preservação dos valores americanos. "Como Kamala Harris, Tim Walz é um perigoso extremista liberal, e o sonho californiano de Harris-Walz é o pesadelo de todos os americanos", disparou Karoline Leavitt, porta-voz da campanha trumpista, em comunicado. O ex-presidente também fez referências racistas à rival, filha de pai negro e mãe indiana ("Ela antes promovia apenas a herança indiana. Eu mesmo nem sabia que ela era negra até alguns

anos atrás. Agora quer ser conhecida como negra", disse), e frequentemente ridiculariza sua "risada maluca".

A entrada de Harris na corrida pela Casa Branca afetou, como era de se esperar, a posição de Trump nas intenções de voto, em que ele aparecia invariavelmente à frente de Biden desde o debate, em junho, que escancarou a debilidade do presidente de 81 anos. Segundo o agregador de pesquisas Five ThirtyEight, a candidata democrata, que apareceu empatada com o adversário no momento seguinte ao lançamento da candidatura, agora avançou um pouco e tem 45% das preferências, ante 43% dele. Mas a briga continua apertadíssima e talvez permaneça assim, porque a polarização política divide a nação ao meio, a maioria dos americanos já decidiu em quem vai votar e o contingente dos indecisos é pequeno e volúvel. Nesse cenário, a dupla Harris-Walz teve impacto positivo entre as mulheres (segundo levantamento do *New York Times*/Siena College, a democrata tem vantagem de 14 pontos entre as eleitoras, que nunca engoliram Trump, mas também não se animavam a sair de casa para votar em Biden) e os jovens, outro nicho crucial. Mas provavelmente terá dificuldade para cooptar a população rural dos estados pêndulos — aqueles que de fato decidem a eleição — que não bateu o martelo pelo republicano, mas tem aversão a discursos de esquerda. O mais provável é que o panorama siga incerto — até porque, segundo os analistas, a maioria dos eleitores presta pouca ou nenhuma atenção à campanha eleitoral até os estágios finais da corrida. Resumindo: até novembro, tudo pode acontecer. ■

VALMIR MORATELLI

PROFISSÃO: MÃE

Fora da TV Globo desde 2019, **ANGÉLICA,** 50 anos, tem encontrado tempo para se dedicar à família, coisa que nunca conseguiu fazer direito enquanto esteve à frente das atrações da emissora. Entre as pequenas conquistas do dia a dia, comemora o reencontro com o marido, Luciano Huck. "A gente melhorou nossa intimidade. Dou crédito a mim mesma, porque tirei esse tempo para me conhecer. Estar mais em casa fazia falta ao casamento", diz. As agruras de mãe também passaram a atordoar a apresentadora, que luta para manter os filhos, Joaquim, 19, Benício, 16, e Eva, 11, longe do celular. Principalmente, na hora do jantar. "Cada vez mais os jovens conversam com a cabeça baixa, mirando a tela. Falta a troca, o olhar, e isso está me deixando desesperada", desabafa, sem saber como lidar com a geração Z. O papel de mãe é mesmo difícil.

INSTAGRAM @ANGELICAKSY

INÊS 249

JOÃO RAPOSO/SBT

SÓ DIVERSÃO

Desde que Eliana trocou o SBT pela TV Globo, **CELSO PORTIOLLI,** 57 anos, se tornou onipresente durante os fins de semana com o seu *Domingo Legal.* Nada que o apresentador não tire de letra, afinal está há mais de quinze anos à frente da atração. O problema tem sido conciliar a nova rotina com a prole. “Meus filhos não têm o pai no almoço, nem no jantar”, lamenta. Para evitar conflitos, ele recorre à habilidade conciliadora adquirida nos tempos em que foi vereador pelo PDT, nos idos dos anos 1990, no interior de Mato Grosso do Sul. Política, porém, é assunto proibido no programa. “Ali é um espaço de entretenimento. Minha preocupação é oferecer conteúdo divertido aos telespectadores”, garante Celso, que mantém a postura mesmo tendo entre seus principais patrocinadores o grupo Havan, de Luciano Hang, um fervoroso bolsonarista.

KARWAI TANG/GETTY IMAGES

CORAÇÃO DIVIDIDO

Filha caçula de Gisele Bündchen e **TOM BRADY,** 47 anos, **VIVIAN LAKE,** 11, viajou com o pai até Paris para acompanhar a emocionante disputa entre Simone Biles e Rebeca Andrade nas finais individuais por aparelhos da ginástica artística. A simpática garota ficou o tempo todo ao lado do pai na arquibancada da Arena Bercy, enquanto assistia, vidrada, à competição entre a americana e a brasileira, sem demonstrar para que lado estava torcendo. Já o astro do futebol americano surgiu incrédulo no telão do ginásio após a queda de Simone na trave — que a deixou fora do pódio. “Nossa!”, disse ele, levando as mãos à cabeça, tal qual centenas de americanos presentes. Fofa e diplomática, Vivian aplaudiu efusivamente o pódio formado, pela primeira vez, por três ginastas negras, fazendo prevalecer o espírito esportivo.

CLIMÃO EM FAMÍLIA

Se ainda se refugiasse no Palácio de Buckingham, **MEGHAN MARKLE,** 43 anos, não precisaria fazer muito esforço para ser notícia. Mas, no limbo reservado aos ex-integrantes da família real, a duquesa de Sussex (o título foi mantido) segue a linha "minha vida é um livro aberto", que garante manchetes sobre o lado mais cruel dos Windsor. No lançamento de seu novo programa de apoio às famílias com traumas causados nas redes sociais, a ex-princesa admitiu que pensou em tirar a própria vida após casar-se com Harry. "Só posso dar um relato superficial da minha experiência, mas não gostaria que outra pessoa se sentisse dessa forma", relatou a Oprah Winfrey. Meghan também encara um processo de difamação movido pela própria irmã, **SAMANTHA,** 59, que não aceitou não ser reconhecida como parente em uma entrevista da atriz, em 2021. Não é só na família do rei que falta empatia.

ARQUIVO PESSOAL

CHRIS JACKSON/WPA POOL/GETTY IMAGES

QUASE ETERNO

ETTORE FERRARI/EPA/EFE

Só um tema agita mais Hollywood do que casamentos de celebridades: divórcios. A separação da vez é a de **JENNIFER LOPEZ,** 55 anos, e **BEN AFFLECK,** 51 anos, que ronda os tabloides desde que a cantora passou a ser vista sem aliança, há três meses. Ao retornar para Los Angeles nesta semana, após longa estada nos badalados Hamptons, a atriz deu mais um sinal de que virou de vez a página da relação com Ben ao colocar à venda a mansão do casal, em Beverly Hills, pela bagatela de 68 milhões de dólares. “Eles não se falam mais nem por telefone, e isso atrasa o divórcio”, relatou um amigo dos ex-queridinhos ao site TMZ. Os dois viveram um romance entre 2002 e 2004, quando chegaram a noivar, mas cancelaram o matrimônio. Quase duas décadas depois, em 2021, retomaram a relação com direito a juras de amor eterno em duas cerimônias. Se desta vez é para valer, só eles sabem. ■

CORPOS EM MOVIMENTO

Alguns atletas fizeram da Olimpíada um passeio ao tempo em que a mecânica de músculos e ossos valia mais do que a tecnologia de ponta dos equipamentos esportivos

FÁBIO ALTMAN, de Paris

PEIXE O francês Léon Marchand, de 22 anos, quatro medalhas de ouro: mãos finas e corpo delgado para a modalidade

ADAM PRETTY/GETTY IMAGES

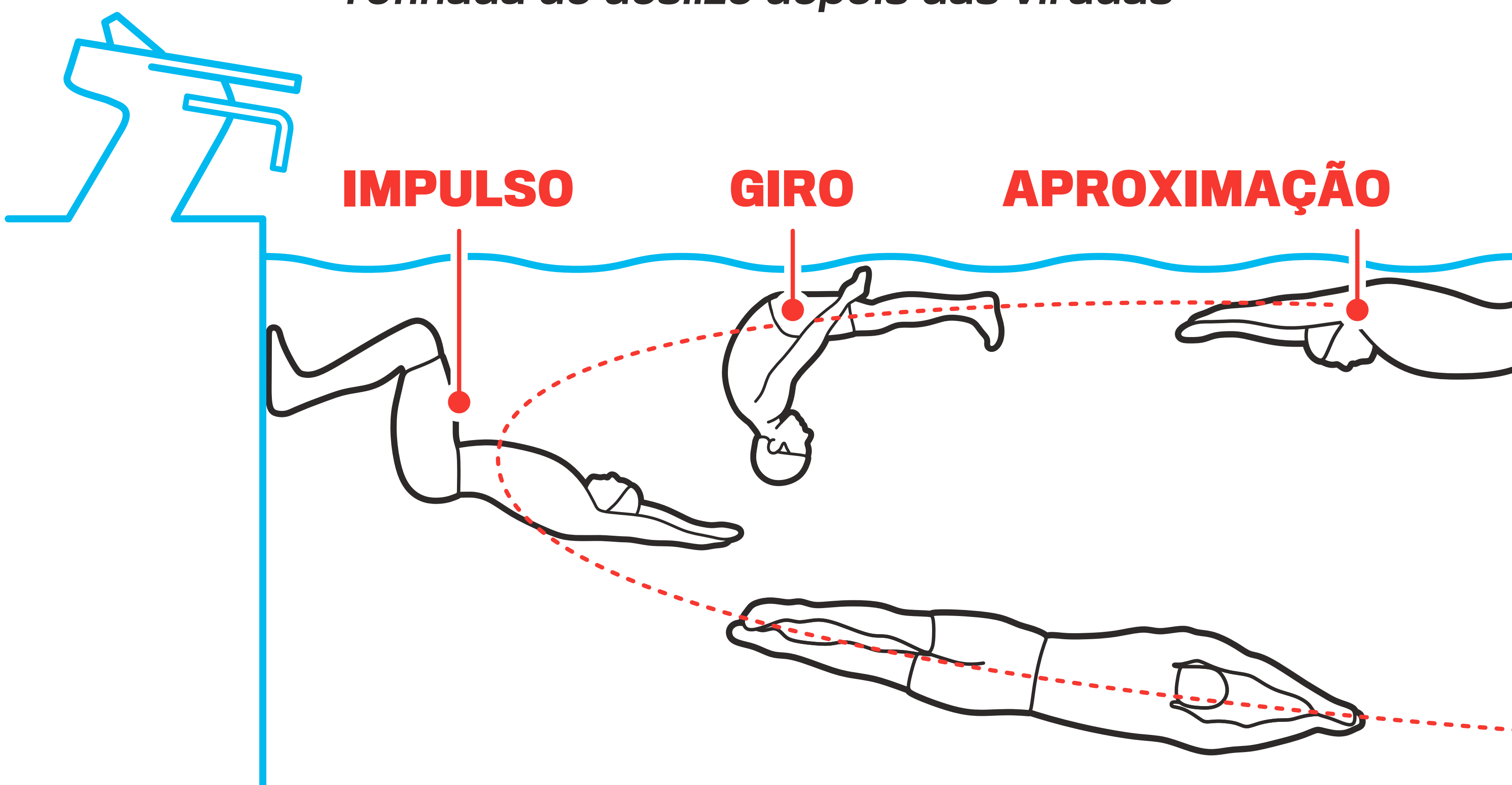
O doping nunca deixou de servir como contrafação para aumentar o desempenho dos atletas. Os avanços da tecnologia de equipamentos esportivos, especialmente os tênis mais leves e os solados que impulsionam as passadas, ajudaram a melhorar os tempos nas corridas. Na natação, os maiôs a simular as peles de tubarão tiveram infame tempo de glória — até serem banidos, em 2010. Como a malandragem é o que é, e a ciência não pode tudo na lida com materiais, a Olimpíada de Paris iluminou um movimento in-

OS TRUQUES NA PISCINA

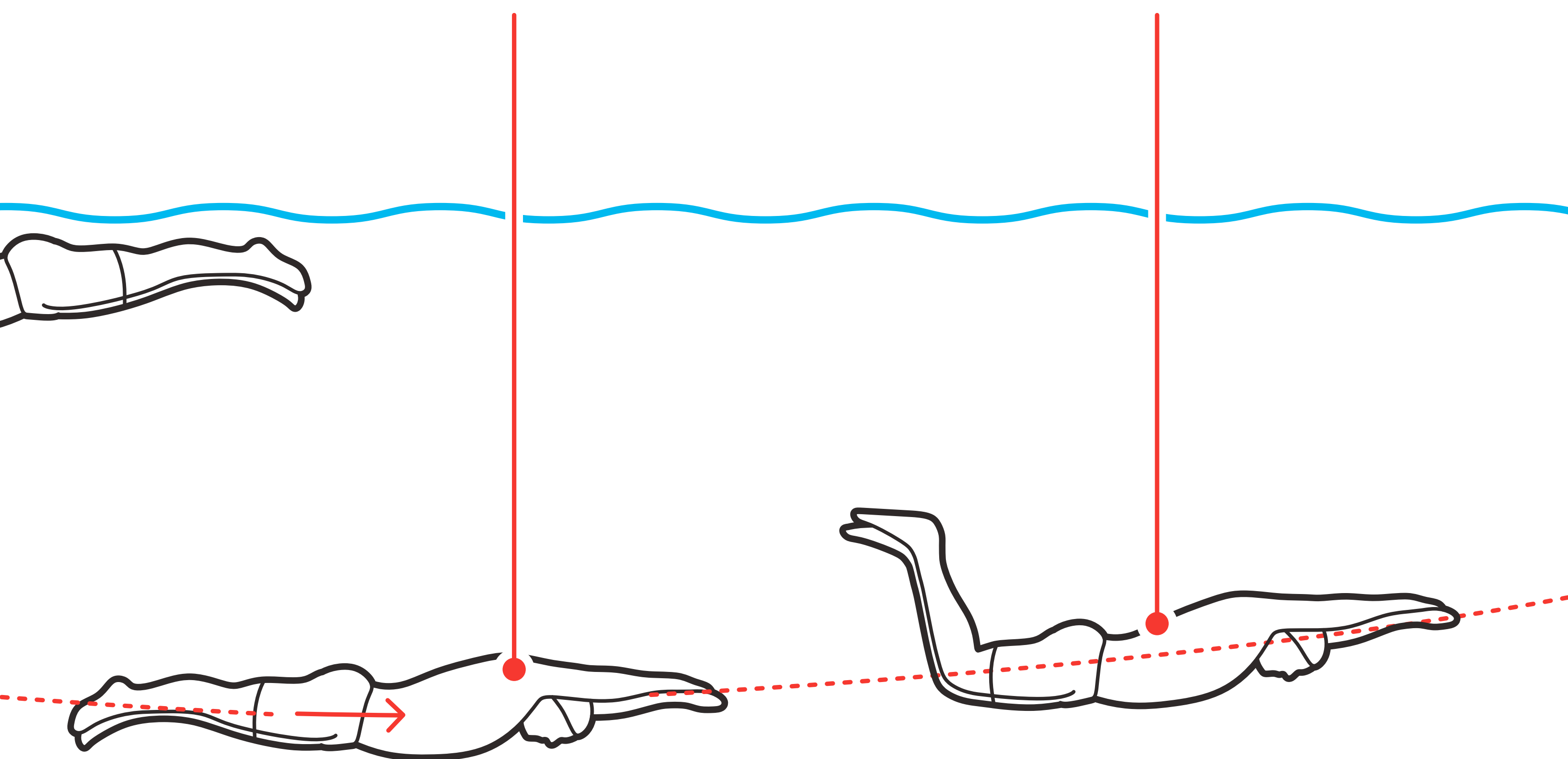
A 1 metro de profundidade, a resistência da água é 60% mais fraca do que na superfície. Por isso, o francês Léon Marchand desenvolveu uma técnica refinada de deslize depois das viradas

IMPULSO

GIRO

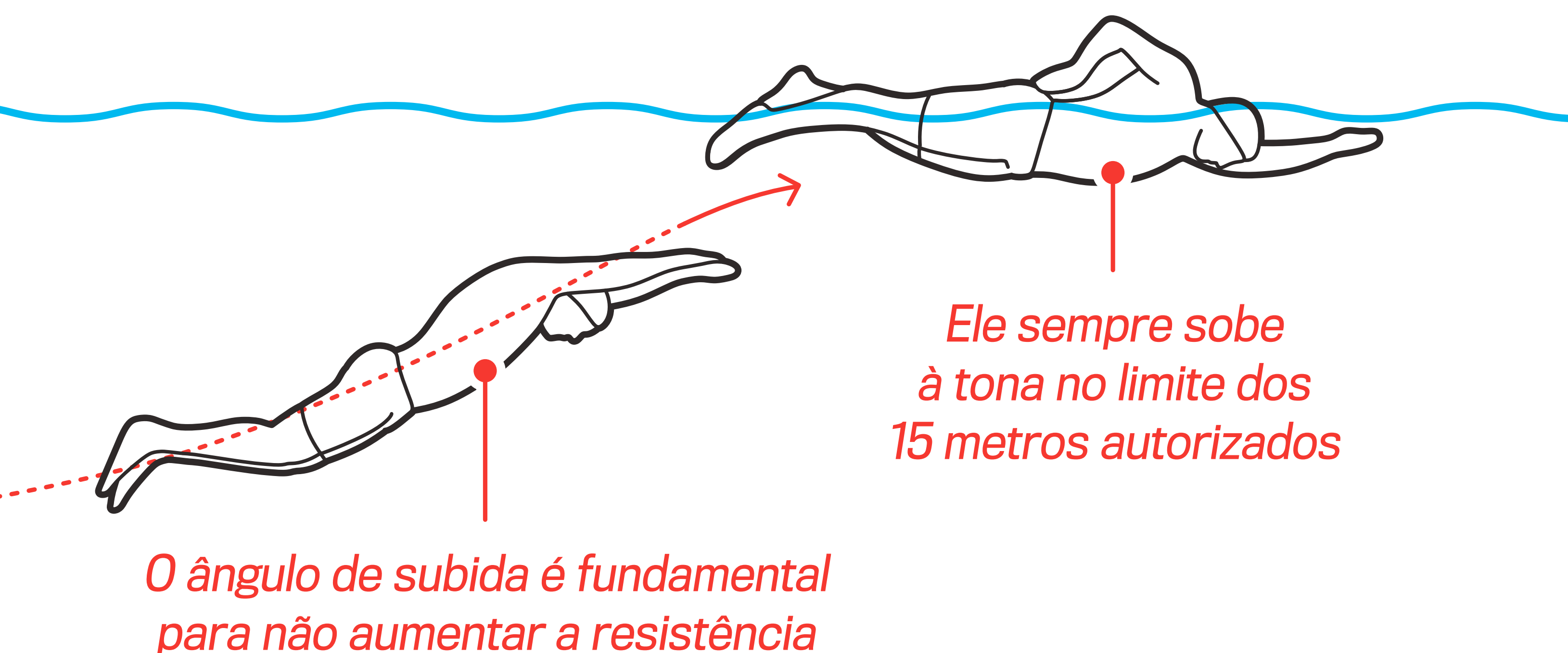
APROXIMAÇÃO

teressantíssimo para as vitórias: o aperfeiçoamento do estudo da mecânica dos corpos associado às leis da física. É como um retorno ao tempo da ingenuidade, mas agora com minucioso conhecimento da anatomia do ser humano diante das regras imutáveis da natureza.

O exemplo mais bem-acabado do bom uso desse recurso é o nadador francês Léon Marchand, de apenas 22 anos, dono de quatro medalhas de ouro nos 200 metros borboleta, peito e individual medley e nos 400 metros medley. É o sucessor de Michael Phelps, mas de cor-

po franzino comparado ao colosso dos Estados Unidos. Marchand tem 1,87 metro; Phelps, 1,93. Mas, então, como fazê-lo peixe? O treinador Bob Bowman — o mesmo do americano, aliás — decidiu apostar nas viradas do pupilo. Montou uma equipe de altíssimo nível, de Arquimedes modernos, e dá-lhe ganhar centésimos de segundo vitais. O truque, por assim dizer: Marchand desliza, vai fundo na água, mas não tão fundo que, ao voltar à tona, sofra força contrária exagerada *(veja no quadro)*. Em uma prova de 400 metros medley, ele fica submerso por cerca de 100

100 METROS

ELE PASSA SUBMERSO NOS 400 METROS MEDLEY; MICHAEL PHELPS, AO BATER O RECORDE MUNDIAL DA PROVA, NADOU 77 METROS DEBAIXO D'ÁGUA

Ele sempre sobe à tona no limite dos 15 metros autorizados

O ângulo de subida é fundamental para não aumentar a resistência

metros — Phelps, sublinhe-se, não passava de 80 metros. “As ‘golfinhadas’, como as que Marchand faz tão bem, já são consideradas como um quinto estilo na natação”, diz Nilson Garbarz, técnico e gestor de natação em águas abertas. É tática associada a uma evidência: a 1 metro abaixo da superfície, a resistência é 60% menor do que na linha do horizonte das raias. Mas por que outros nadadores não fazem como o gaulês? Porque ele tem dedos finos e mãos compridas, e o dorso musculoso, mas delgado.

Saiamos da piscina, olhos para o céu — e bem-vindos a outro casamento de gente de carne e osso com a pressão da gravidade. O sueco Armand Duplantis, de 24 anos, venceu a prova do salto com vara, em espetacular recorde mundial, com 6,25 metros, atrelado a uma coreografia delicada e estudada. Ele corre como um velocista, a 10,3 metros por segundo. Encaixa a vara alguns centímetros antes do ponto culminante da caixa e a solta milésimos de segundo à frente do que fazem os outros. Chegou a esse desenho observando uma, duas, 1 000 vezes a si mesmo, até alcançar a perfeição, ou quase, porque ele ainda quer bater outras marcas. É o Dream Team de uma pessoa só. “Tentei convencê-lo a soltar a vara de modo normal, mas ele não se adaptou”, diz Greg Duplantis, pai e treinador. O campeão olímpico transformou rapidez e força em elegância.

Marchand e Duplantis, em mar e terra, digamos assim, devolvem ao esporte a beleza romântica de uma

ANTONIN THUILLIER/AFP

PÁSSARO O sueco Armand Duplantis, do salto com vara: muita velocidade

criação como a de Richard “Dick” Fosbury, que inventou, em 1968, na altitude da Cidade do México, de enfrentar de costas o sarrafo do salto em altura, mudando o centro de gravidade do corpo a caminho do voo. Depois dele, todos fizeram igual. O nadador e o saltador de 2024 podem ter influência semelhante, é o que o tempo dirá. Eis a beleza de toda Olimpíada, com um quê de romantismo e nostalgia. ■

É ESPORTE OU NÃO É?

Estreante nos Jogos de Paris, o breaking atiça um animado debate sobre ser ou não merecedor de status olímpico e dá o ritmo na arena e nas ruas **MONICA WEINBERG,** de Paris

EMOLDURADO pelo que sobrou de uma arena do tempo dos romanos, em Paris, um enérgico grupo de crianças pula, gira, movimenta braços e pernas, tudo embalado por um rap que toca alto na caixa. Alguns dão uma escapulida para assistir no telão a uma partida de tênis de mesa jogada por um craque francês. A imensa maioria dos meninos e meninas ali , contudo, parece se divertir com seus primeiros passos no breaking, capitaneada por uma figura proeminente no meio — Sako Moussa, o "Coronel", de 31 anos. "É uma imersão numa cultura nova, um aprendizado muito bom para eles", avalia o b-boy, como são chamados os praticantes, mestre nas coreografias cujas raízes foram plantadas nos anos de 1970 por negros e latinos do Bronx, em Nova York, e se disseminaram pela periferia de diversos países, o Brasil entre eles. Agora, a dança de tirar o fôlego por seus radicais malabarismos alcançou novo patamar ao virar modalidade olímpica, estreante nos Jogos de Paris, agitando conhecidos cartões-postais e levantando discussão mercurial: afinal, é ou não é esporte?

A resposta: sim, é o que se veria nos dias 9 e 10 de agosto, sexta e sábado. Animadas competições de breaking a marcar o ritmo na Place de la Concorde, observadas pelo onipresente Obelisco de Luxor, o mais antigo monumento na cidade. A variada audiência: gente jovem, justamente a motivação do Comitê Olímpico Internacional (COI) ao alojar a dança em sua grade esportiva. Nos últimos anos, o COI vem lidando com o desafio de re-

RYAN PIERSE/GETTY IMAGES

TRIUNFO
A dança atlética: mais dinheiro e visibilidade

VIRADA RADICAL
O skate pegou: inclusão de modalidades para modernizar os Jogos

RICHARD CALLIS

novar o interesse pelos Jogos e, por isso, a cada edição amplia seu leque, que recentemente passou a abrigar surfe, escalada e skate —também disputado na mesma praça parisiense, com imenso sucesso. “A Olimpíada está fazendo mais pessoas prestarem atenção no breaking, e queremos incentivá-lo nos colégios, para as jovens gerações mexerem o corpo e ter contato com uma forma diferente de expressão”, diz Pierre Bonnat, à frente do Office du Mouvement Sportif, uma alçada que cuida da educação esportiva em Paris.

Por trás do espetáculo que arejaria a reta final da Olimpíada, há um ponto que convida a refletir sobre o que faz de uma atividade física humana um esporte. “O breaking é artístico, mas extremamente atlético. Fica na interseção entre as duas

coisas", afirma Claire Warden, estudiosa do tema na Universidade de Loughborough, na Inglaterra. Quando praticado livremente nas ruas, em rodas conhecidas como *cyphers*, é uma dança como tantas outras. Mas uma vez revestido de normas que balizam o olhar de juízes, aí, sim, pode adentrar o território esportivo. "Esporte é toda a atividade física competitiva com regras bem definidas, e a dança se encaixa bem no termo", diz José Bispo de Assis, o Bispo SB, gerente esportivo de breaking da Confederação Nacional de Dança Desportiva. Soa simples, porém não é. "Eu me vejo como dançarino, não como atleta", esclarece Coronel, que dá voz a uma ala dos adeptos.

Os juízes em Paris atribuem notas à performance dos 32 homens e mulheres às voltas com *freezes* (paradas acrobáticas repentinas) e *spin moves* (com muito giro envolvido), norteados por critérios delineados pela World Sports Federation que tomaram as feições olímpicas em 2021, estabelecidos pelo COI. São ao todo cinco, todos com idêntico peso — técnica, execução, musicalidade, vocabulário (em que é observada a gama de movimentos) e originalidade, esse é o item sobre o qual pesa mais controvérsia. Um grupo alega ser subjetivo demais, fonte para possíveis distorções na hora de julgar. "Há uma subjetividade aí, mas o mesmo pode se

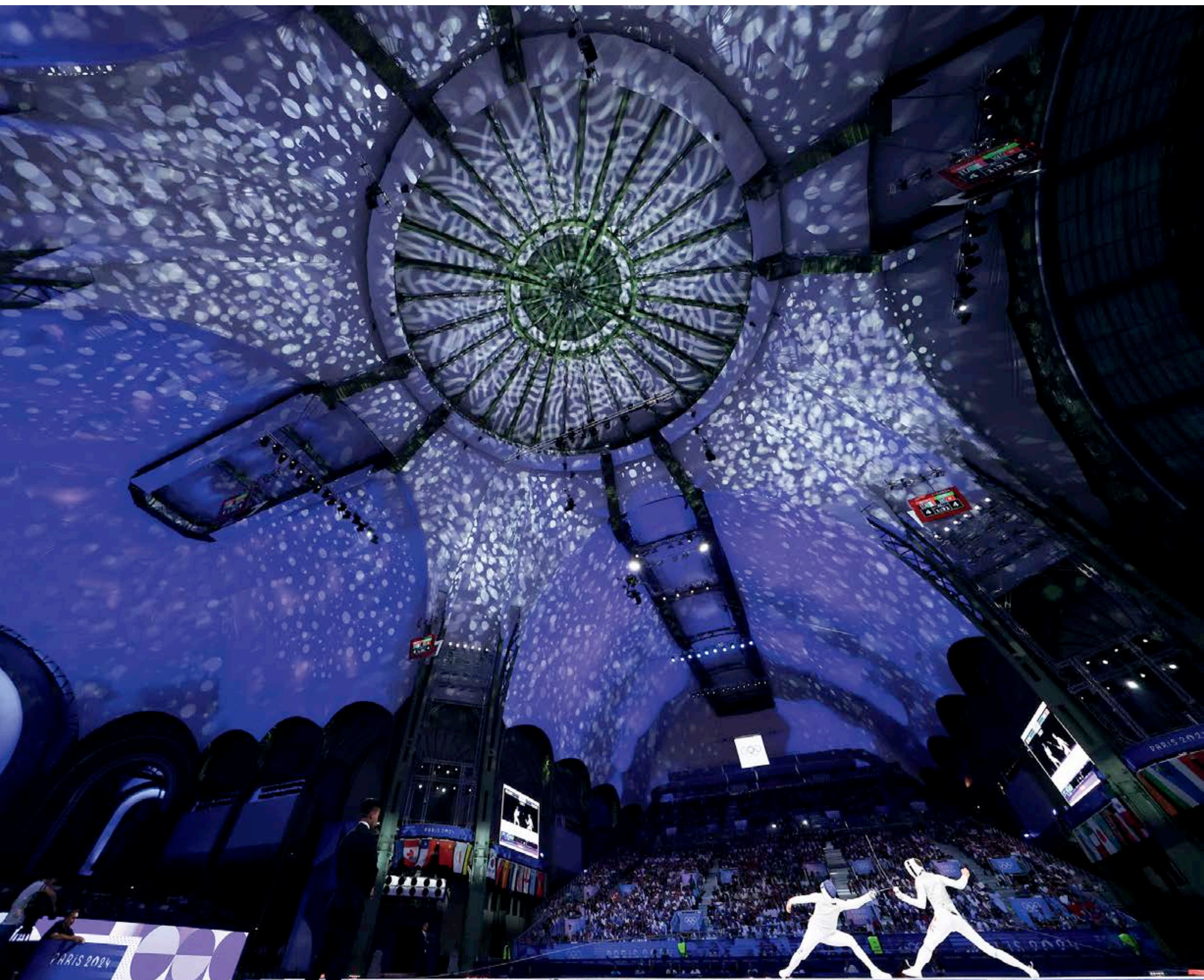
dizer da patinação artística ou da ginástica", pondera Warden, pondo mais fervura ao caldeirão. As apresentações de um minuto têm alta capacidade de improviso, ingrediente que traz mais emoção ao show. O dançarino-atleta não sabe de antemão qual a música que embalará sua exibição e precisa se adaptar em tempo real à batida. Mesmo quem boia no tema, caso de quase toda a plateia olímpica, tende a ser fisgado pela dinâmica do espetáculo.

Na origem, o breaking foi a trilha encontrada por pessoas que se viam nas franjas da sociedade para ter alguma voz. Agora, em sua embalagem para os Jogos, foi lançado com força ao mainstream, ganhou palco global e um apoio para lá de bem-vindo, já que tem muito b-boy e b-girl por aí à míngua. Grandes figuras do breaking brasileiro não conseguiram vaga na Olimpíada por falta de recursos. "Não é questão de talento, mas de estrutura mesmo", afirma Bispo, da Confederação de Dança Desportiva. Embora em países como os EUA mais dinheiro tenha afluído, a dança que ganhou fama com filmes como *Breakin'*, dos anos de 1980, não estará na próxima edição olímpica, em Los Angeles *(leia a reportagem " O toque francês").* Os organizadores avaliaram que outras novas modalidades, como críquete e squash, farão girar mais a máquina de patrocínios. Mesmo fugaz, porém, a passagem do breaking por Paris demonstra seu poder de fazer o mundo dançar. ■

Com reportagem de Caio Saad

O TOQUE FRANCÊS

Nunca uma Olimpíada soube usar tanto as instalações da cidade como Paris. Igualar tal feito será um imenso desafio para Los Angeles em 2028

FÁBIO ALTMAN E **MONICA WEINBERG,** de Paris

ESPETÁCULO A esgrima no fabuloso Grand Palais, erguido em 1900: como numa ópera

AL BELLO/GETTY IMAGES

NÃO DEVE ESTAR nada fácil a vida dos organizadores da Olimpíada de 2028, em Los Angeles. Os Jogos de Paris, do ponto de vista da costura do torneio com a cidade, levaram a barra para alturas inalcançáveis. Onde mais, no mundo, poderia haver uma cerimônia de abertura a percorrer a história de sangue e amor da civilização ocidental ao longo do Sena, à margem da Notre-Dame, do Louvre, para então culminar entre a Praça do Trocadéro e a Torre Eiffel? Um fanfarrão nas redes sociais chegou a propor uma nova modalidade de inauguração para a cidade californiana: entre os carros, no trânsito interminável, com paradas estratégicas entre caixões de concreto e ferro do Walmart e, vá lá, como pano de fundo, alguma estripulia da Pixar e da Disney a emoldurar as cenas — é provocação, claro, e ela desdenha de algumas das qualidades da metrópole do cinema.

A comparação, contudo, soa inevitável. Como repetir o drama teatral, de ópera, dos jogadores de esgrima a descer as escadarias do Grand Palais, joia da arquitetura da belle époque inaugurada para a Exposição Universal de 1900? O que dizer do espanto estético do vôlei de praia emoldurado pelo colosso do engenheiro Eiffel, um dos símbolos mais conhecidos do mundo, e que só pode ser posto na mesma prateleira do torneio disputado no Rio, em 2016, na areia de Copacabana? Em que lugar uma prova de ciclismo de estrada chegaria ao fim beijando as ruas do Quartier Latin, em alvoroço juvenil ao redor da placidez elegante do Jardin du Luxembourg? Bem, não custa lembrar, a título de ombrea-

MARTIN BUREAU/AFP

FOI UM RIO QUE PASSOU...
A largada para o triatlo no Sena: limpo mesmo?

mento, da disputa carioca, entre o mar e a Floresta da Tijuca, há oito anos. Los Angeles, reafirme-se, terá problemas para fazer acontecer. Paris, como nunca antes, soube usar seus cartões-postais diante das câmeras de TV, ainda que nem tudo tenha sido perfeito, como o chão recoberto de lama, depois da chuva, ao redor da arena de judô no Champ de Mars (uau!) e de hipismo em Versalhes (ufa!).

Em Paris, de modo a evitar os clássicos elefantes brancos de uso escasso depois da euforia, como sempre acontece, uma única instalação saiu do zero, a Arena Porte de La Chapelle, que abrigou as provas de badminton e ginástica rítmica. Todos os outros espaços já existiam ou foram adap-

tados. A piscina de La Défense, quintal de Léon Marchand, foi construída em uma casa de espetáculos que abrigava também partidas de rúgbi — desmontada, será reinstalada em regiões pobres, como Sevran e Bagnolet, na comuna de Seine-Saint-Denis, próximo ao Stade de France — ao lado da Vila dos Atletas, cujos 3 000 apartamentos calorentos vão virar moradia popular. “A escolha de uma área aonde o dinheiro não chega tem o objetivo de colocá-la no mapa”, disse a VEJA a prefeita de Paris, Anne Hidalgo. A ver se a promessa de inclusão será realmente concretizada.

E lá vem aquela palavrinha chata, um tanto sem significado, de toda Olimpíada: o legado. Sim, haverá 25 quilômetros de novas linhas de metrô, alimentadas pela chance do evento, mas talvez brotassem mesmo sem os Jogos. Não há como escapar, contudo, dos anúncios em torno do Rio Sena, que já foi dado como “biologicamente morto”, tamanha era a quantidade de imundície que se concentrava ali. Com o impulso dos Jogos, foram reservados 1,4 bilhão de euros para torná-lo balneável, e o resultado é uma virada de página, ainda que o sistema posto de pé para mantê-lo limpo não seja infalível — como se viu nas duas últimas semanas, quando treinos e provas de triatlo foram adiados depois de temporais que acabaram por turvar as águas. A peça-chave é um megarreservatório capaz de armazenar o equivalente a vinte piscinas olímpicas, medida que, aliada à regularização em massa de ligações clandestinas, já promoveu uma reviravolta ao longo dos 776 quilômetros do célebre curso.

A qualidade melhorou consideravelmente, mas, quando chove demais, o supertanque não dá conta, e o aguaceiro se mistura ao esgoto, na falta de redes coletoras separadas. Aí é preciso esperar La Seine (como os franceses chamam, no feminino) voltar a ser própria para banho, coisa de uns dois dias, em média. O plano é que, em 2025, os parisienses, naturalmente céticos em relação ao novo status do mítico acidente geográfico natural, possam dar um mergulhinho por lá em alguns trechos, em praia que brotaria no cenário urbano. “O Sena limpo é a maior contribuição no caminho de fazer de Paris uma vitrine verde para o mundo”, diz Hidalgo, que se comprometeu a mergulhar no rio e assim fez. “La Seine já está melhor que o Rio Tâmisa, em Londres.”

A cerimônia de encerramento, com Tom Cruise como garoto-propaganda de Los Angeles, inaugura o novo ciclo e estabelece uma missão impossível. Porém, nunca se deve desdenhar da força dos americanos em promover espetáculos. Não por acaso, as provas de natação acontecerão numa piscina instalada em um estádio de futebol americano com capacidade para 80 000 pessoas. Começou a contagem regressiva — aliás, para o presidente da França, Emmanuel Macron, também. O parêntese olímpico está fechado, e agora ele terá de lidar com o rolo armado ao dissolver a Assembleia Nacional, com novo Parlamento, primeiro-ministro demissionário e sem nome novo no horizonte. A quem apelar, agora que a chama apagou e só será acesa em Los Angeles? ■

TRÂNSITO LIBERADO

Indicada a oito em cada dez pacientes com entupimentos nas artérias do coração, a angioplastia entra agora na era da inteligência artificial para derrubar a ameaça do infarto **PAULA FELIX**

PADRÃO-OURO Desobstrução: a intervenção se consagra como principal método de tratamento da doença coronariana

BROWNIE HARRIS/THE IMAGE BANK/GETTY IMAGES

NO INÍCIO do século XX, o patologista alemão Felix Marchand (1846-1928) introduziu o termo “aterosclerose” para definir o acúmulo de placas de gordura nas artérias, uma condição que depois seria acusada de ser o principal fator por trás de um ataque cardíaco. Até 1977, a única maneira de destravar o fluxo sanguíneo obstruído nos vasos do coração era abrir o peito do paciente e operá-lo. Nesse ano, porém, outro alemão, o cardiologista Andreas Gruentzig (1939-1985), realizou, com êxito, o primeiro procedimento minimamente invasivo que serviria de alternativa a cirurgias como a ponte de safena. Acessando o sistema circulatório pela virilha, o médico introduziu um catéter com um balão, liberado e implantado na região comprometida a fim de evitar um infarto. Inaugurava-se, assim, a era da angioplas-

REVOLUÇÃO SEM FIM

Com quase cinquenta anos, método evoluiu como padrão-ouro para tratar infarto

Balão

Em 1977, foi realizada com sucesso a primeira angioplastia que utilizava um catéter com balão, que era inflado para desobstrução da artéria do coração

tia, um caminho sem volta na medicina, que viria a imprimir segurança e agilidade na reabertura das trilhas fechadas nas artérias e daria um salto nos anos 1980 com a criação dos stents, os dispositivos milimétricos que mantêm o tráfego liberado para o coração. Agora, a chamada cardiologia intervencionista ingressa em um novo momento, com a introdução de algoritmos treinados para planejar e guiar com precisão esses procedimentos cada vez mais populares.

Quem deu um passo à frente nessa história foi o Instituto do Coração (InCor), em São Paulo, centro de referência que é o primeiro da América Latina a utilizar a inteligência artificial na angioplastia. A tecnologia usada pela instituição integra uma cooperação internacional e se destaca por oferecer camadas profundas de detalhes das artérias que auxiliam a tomada de decisão dos médicos. Por meio de dados captados por um catéter dotado de infravermelho e conectado a um exame de tomografia, a equipe consegue ter à mão informações impossíveis de se obter com o cateterismo tra-

Stent flexível

Introduzido em 1986, o dispositivo que permite manter o fluxo de sangue pelo vaso antes comprometido se consolidou como principal técnica para essa finalidade

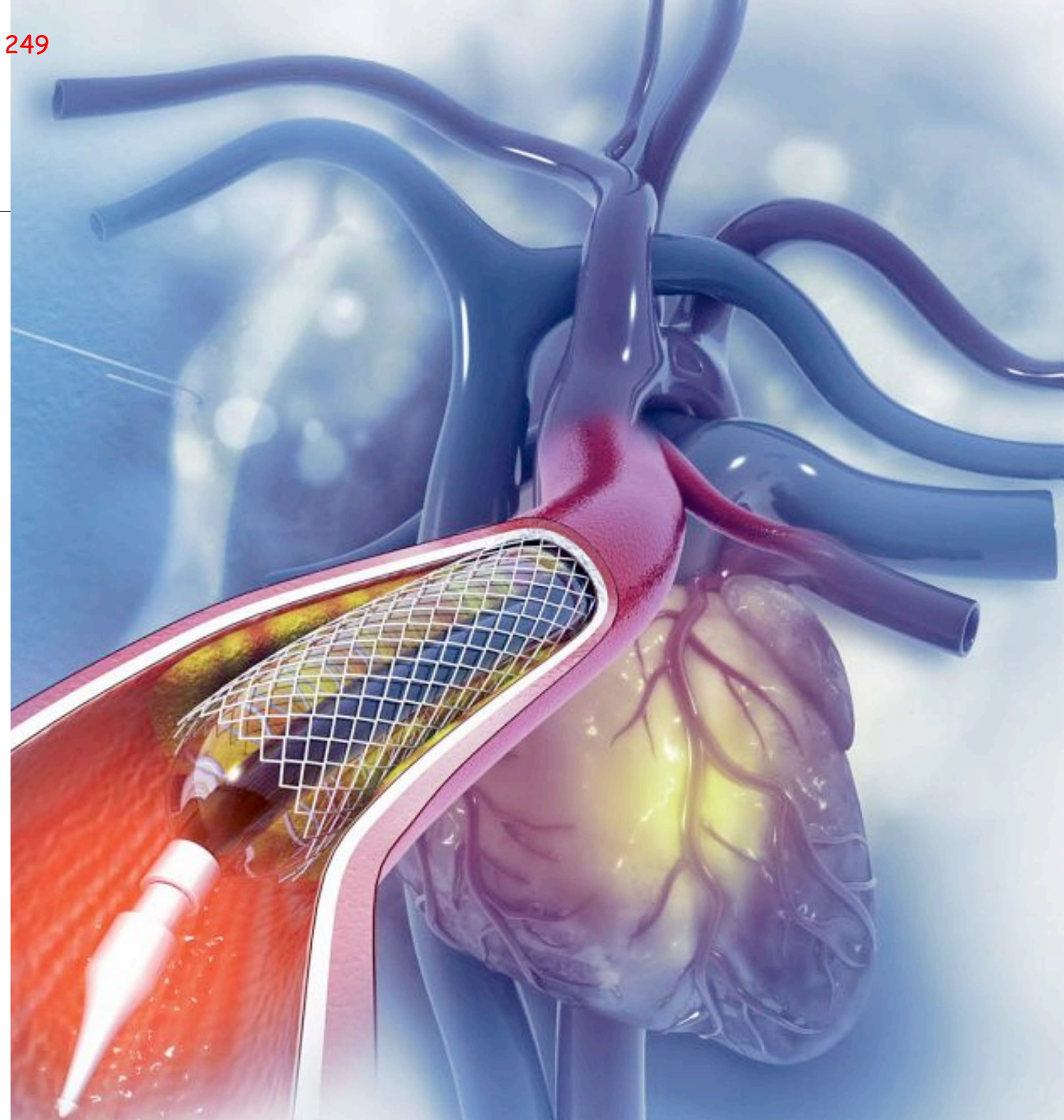
dicional, como a quantidade de cálcio na artéria ocluída. Além disso, o software consegue medir com acurácia o diâmetro do vaso impactado, aprimorando a escolha e a instalação do stent. “O sistema nos ajuda a avaliar todo o resultado, observar a expansão da artéria e se as hastes do stent estão bem posicionadas”, diz Alexandre Abizaid, diretor de cardiologia intervencionista do InCor.

Trata-se de um novo capítulo numa jornada de prevenção, diagnóstico e tratamento diante da maior causa de morte no planeta. Hoje, a angioplastia é considerada o padrão-ouro na desobstrução das artérias coronárias, aquelas que irrigam o coração, salvando milhões de vidas por ano. A guerra, porém, não dá trégua. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os problemas cardiovasculares são responsáveis por cerca de 17,9 milhões de óbitos todo ano. Nos Estados Unidos, uma pessoa infarta a cada 40 segundos. No Brasil, são 400 000 mortes por ano. Para evitar desfechos tão trágicos, os médicos lançam mão de medicamentos que controlam fatores

Stent revestido

Chegando ao mercado nos anos 2000, ele trouxe embutidas drogas que evitam episódios de reestenose, quando a região desobstruída pelo stent convencional volta a ter um estreitamento

de risco como hipertensão e colesterol alto, procedimentos minimamente invasivos e cirurgias, a depender do grau de comprometimento e complexidade. "Antes do advento do stent, a única opção era fazer uma ponte de safena ou mamária, com um tempo de recuperação de sete a dez dias e taxas de morbidade mais altas", afirma Weimar Barroso de Souza, presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

MOHAMMED HANEEFA NIZAMUDEEN/ISTOCK/GETTY IMAGES

ABRE-ALAS Avanços: stents se adaptam melhor aos vasos sanguíneos e ampliam as chances de recuperação

O avanço na angioplastia, que já permite que pacientes sejam tratados e recebam alta do hospital no mesmo dia, foi acompanhado de uma evolução nas técnicas, materiais, calibres e comprimentos dos stents, cada vez mais aptos a evitar

Stent bioabsorvível

Estudos têm se dedicado ao desenvolvimento e uso de modelos feitos de material biológico, sem nenhum elemento metálico. Projetam-se vantagens, mas ainda existem falhas a corrigir

o reentupimento do vaso e a liberar o sangue represado em situações de emergência. Nos anos 2000, a inovação se deu com dispositivos revestidos de medicamentos, hábeis na contenção da inflamação e do estreitamento local. Amparada em tecnologia e avalizada por dezenas de estudos, a angioplastia se tornou, assim, a primeira opção de tratamento a pacientes com doença coronária instaurada, resolvendo 80% dos casos. “Na última década chegamos ao estado da arte dos stents e, agora, estamos refinando processos com métodos auxiliares”, afirma Abizaid.

No entanto, nenhuma inovação, sozinha, poderá deter as condições que financiam os ataques cardíacos, como obesidade, diabetes e pressão alta. “Nossa maior arma deveria ser a prevenção, até porque sabemos que 50% das pessoas infartadas morrem antes de chegar ao hospital”, diz o cardiologista Roberto Kalil Filho, presidente do InCor. A medicina está fazendo sua parte. Cabe à sociedade se conscientizar e se engajar no autocuidado. ■

Stent com IA

O advento da inteligência artificial permite não só escolher o melhor modelo para cada paciente, mas também orientar a colocação em procedimento para elevar a acurácia

Fontes: *Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos; InCor; Sociedade Brasileira de Cardiologia*

“

A CIÊNCIA É INCLUSIVA

Autista, Alexandre Andrade, 17 anos, conta como ganhou 95 medalhas em Olimpíadas do Conhecimento

”

A CURIOSIDADE me move desde criança. Quando pequeno, lembro de ficar encantado com aulas sobre o sistema solar e a formação do arco-íris. Mergulhei de cabeça nos livros para entender como o mundo funcionava, sempre tirando boas notas no colégio. Não demorou para que meus professores percebessem meu talento. Assim, aos 10 anos, fui introduzido ao universo das Olimpíadas do Conhecimento. Participei de tudo que é competição: astronomia, matemática, química, física e biologia. Ganhei 95 medalhas. No meio desse período, recebi o diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA) e superdotação. Obter o laudo foi como encaixar a última peça de um quebra-cabeça. Quando as coisas não saem como planejado, fico perdido e frustrado. Finalmente entendi o motivo. Ao ampliar o autoconhecimento, consegui traçar metas mais precisas e, sete anos após a minha estreia, conquistei um

excelente desempenho: arrematei medalhas de prata na Olimpíada Internacional de Biologia e na Olimpíada Europeia de Física.

Ser autista não é fácil, mesmo estando em um grau leve do espectro. Já sofri preconceito que atribuo à falta de informação. Quando não há conhecimento sobre as diversas faces do TEA, os estereótipos depreciativos ganham espaço, infelizmente. Na minha escola, dei sorte e sou aceito do meu jeito. Meus amigos e professores compreendem que a rigidez faz parte de mim. Eles conhecem minhas necessidades e fazem de tudo para me incluir em seu círculo social. Também conto com a torcida estrondosa da minha mãe e sinto que fica feliz quando uso as minhas altas habilidades para representar nosso país nas competições. Não há espaço para discriminação nas Olimpíadas. Assim como meus rivais, tenho que me adaptar e encontrar soluções para os problemas. Nem sempre um experimento sai como o planejado. Com o tempo, a ciência me fez entender que está tudo bem se eu perder um pouco do controle. O que importa é saber como voltar aos trilhos depois.

Manter o foco é outro fator primordial. Tenho uma rotina de estudos, em que busco equilibrar as aulas preparatórias do colégio com os exercícios em casa. O nervosismo, claro, faz parte do processo. Mas, se fico seguro que aprendi, passo a ter a certeza de que estou dando o meu melhor em cada etapa. E isso basta. Foi com essa

mentalidade que aterrissei no Cazaquistão para a Olimpíada Internacional de Biologia, acompanhado de uma equipe brasileira, no mês passado. Fiz provas práticas e teóricas sobre assuntos que vão da anatomia à bioinformática. Na premiação, fiquei muito tenso, confesso. Todos os meus colegas já haviam sido chamados, menos eu. Ouvir meu nome ser anunciado em segundo lugar foi um daqueles momentos que nunca vou tirar da memória. Jamais imaginaria que repetiria o feito poucos dias depois na Olimpíada Europeia de Física, na Geórgia. Mas foi o que aconteceu.

Comparado a outros países, o Brasil ainda investe pouco em ciência e tecnologia, mesmo tendo renomados institutos de pesquisa, como o Butantan e a Fiocruz. É uma pena, poderíamos ter um número muito maior de jovens pesquisadores caso os alunos fossem devidamente estimulados desde a infância. Embora tenha vencido torneios no exterior, não quero deixar o meu país e sonho em cursar medicina na Universidade de São Paulo (USP). É o único curso que une todos os meus interesses, entrelaçando química, física e biologia. Não tenho dúvidas de que quero contribuir para a produção de conhecimento e tornar o mundo um lugar melhor. Talvez, quem sabe, também consiga mostrar, pelo exemplo, que a ciência é inclusiva. Afinal, sou muito mais do que um diagnóstico. ■

Depoimento a Paula Freitas

TROFÉU, COM ORGULHO

Nas redes sociais, onde tudo vira moda, multiplicam-se os vídeos de mulheres que glorificam a vida dedicada exclusivamente ao lar ou só a aparecer, toda linda, ao lado do marido **MAFÊ FIRPO**

À MODA ANTIGA
Dona de casa do passado: moldada para cuidar da casa

ISTOCK/GETTY IMAGES

QUANDO, em meados do século passado, a mulher deixou de ser unicamente dona de casa e integrou-se de vez ao mercado de trabalho, imaginou-se ser este um caminho sem volta, por liberá-las da dependência dos maridos e lhes permitir sentir o gosto inédito da liberdade de escolha. De fato, as mulheres nunca mais foram as mesmas. Mas, em tempos de redes sociais, com sua ânsia inesgotável por novidade e capacidade de agregar simpatizantes de tudo o que é causa, uma onda de retrocesso se pôs em marcha. Embaladas nela, senhoras de todas as idades se propõem a retomar o ideário conjugal dos anos 1950, de dedicação em tempo integral ao marido, aos filhos e aos afazeres domésticos — uma marcha à ré estampada na hashtag #tradwife (esposa tradicional), que conta atualmente com mais de 30 000 publicações. Espelhadas na canadense Cynthia Loewen, uma ex-miss que desistiu da medicina e mantém desde 2019 um canal no YouTube, em que exibe sua rotina de se embonecar, limpar a casa, cozinhar e cuidar dos dois filhos pequenos, *tradwives* no Brasil e no exterior utilizam os meios digitais para exaltar um modo de vida frequentemente aliado ao discurso de respeito à religião cristã e de submissão à liderança masculina.

A gaúcha Luiza Maciel, de 27 anos, era confeiteira quando decidiu se casar e se dedicar exclusivamente ao lar, no ano passado — um projeto de vida executado por iniciativa dela, diga-se. “Quando começamos nosso relacionamento, eu já sabia que queria ser uma dona de casa.

INÊS 249

ARQUIVO PESSOAL

ESTILO DE VIDA Iasmyn: decisão de se adaptar às necessidades do marido

Meu marido, que vem de uma família com valores tradicionais, gostou da ideia", relata Luiza. "Meu maior sonho era ser mãe, e seguir esse modelo foi conveniente para mim", acrescenta. A historiadora da Unicamp Gabriela Trevisan chama atenção para um fator incômodo nessa

volta ao passado: a tendência a julgar negativamente aquelas que não seguem o mesmo caminho. “O discurso da dona de casa é questionado pela modernidade. Mas a repercussão desses vídeos coloca a opção como algo inquestionável, irrepreensível tanto no âmbito moral quanto no religioso”, alerta.

Uma variação das *tradwives* tende a glorificar um conceito ainda mais extremo: as *trophy wives*, esposas bonitas e bem cuidadas cuja única obrigação é fazer boa figura ao lado do marido rico e poderoso. A expressão, que sempre teve caráter pejorativo, comparece devidamente reabilitada em vídeos nas redes sociais, compondo uma hashtag que congrega quase 40 000 publicações. “A popularização das mídias sociais e a cultura dos influenciadores e subcelebridades deram maior visibilidade a casais que exibem um estilo de vida luxuoso e desejado por outras pessoas”, destaca a psicóloga Juliane Callegaro Borsa, da UFRGS. “Essa forma de relacionamento estimula a dinâmica na qual a mulher oferece beleza e juventude e recebe em troca segurança financeira e status social.”

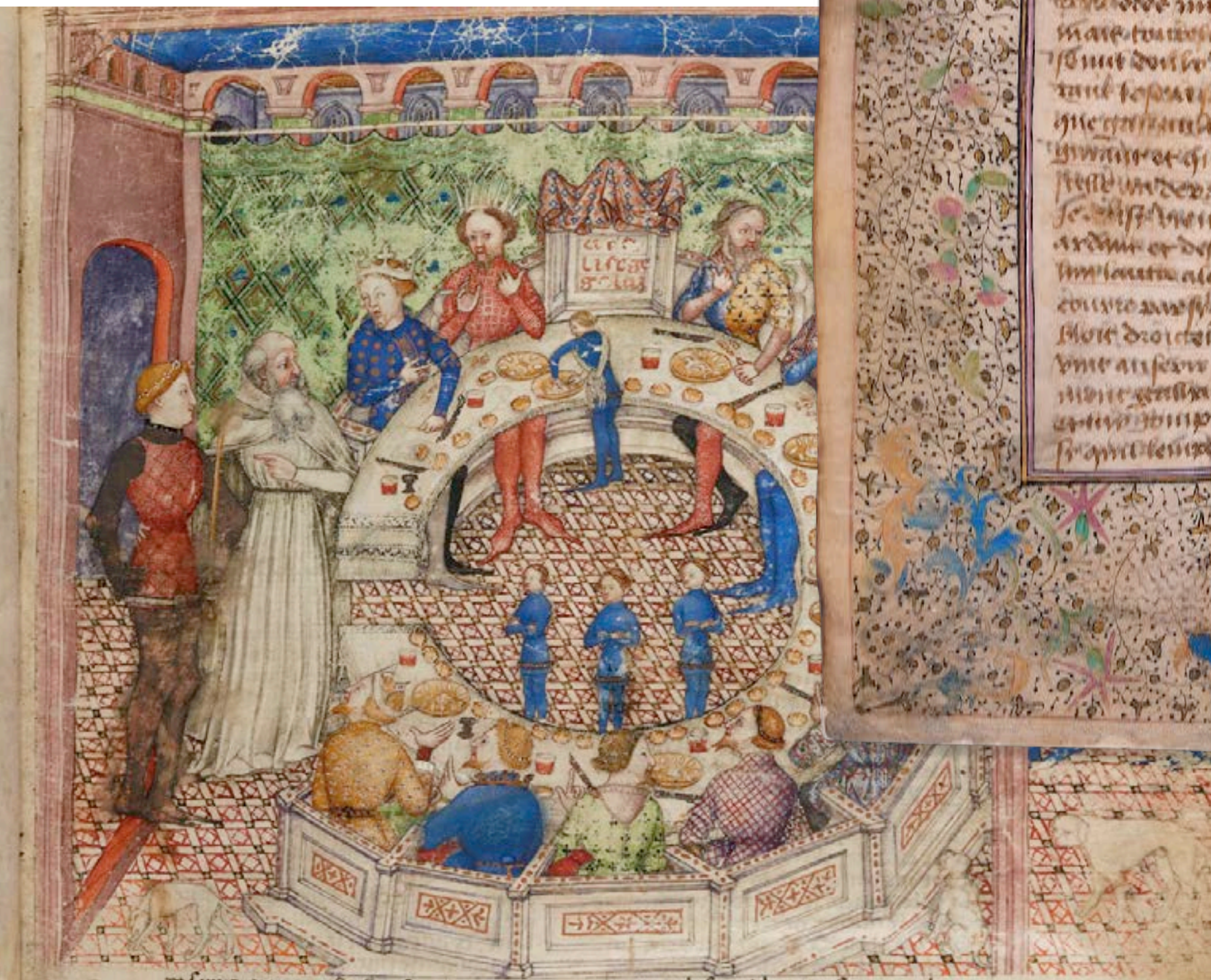
Para a catarinense Iasmyn Bernardes, 27 anos, a decisão de parar de trabalhar e abandonar os estudos se justificou pela necessidade de acompanhar o marido, cantor de música sertaneja que precisou se mudar para Goiânia. Iasmyn encara a nova vida como um investimento em si mesma. “Durante a semana minha rotina é ir para a academia, preparar de vez em quando um jantar e cuidar das nossas

redes sociais", explica. "Foi uma decisão minha ter esse estilo de vida. Se a gente vier a se separar, eu volto a trabalhar. Não me preocupo", afirma. Esse tipo de discurso é comum entre as esposas assumidamente troféus, que qualificam a escolha como uma forma de empoderamento, quando muitas vezes ela é o oposto disso: desprovidas de recursos financeiros próprios, elas acabam presas a um casamento infeliz por falta de alternativa. "Quem domina o dinheiro tem mais poder na relação, e se o homem mudar de ideia a mulher fica vulnerável, desamparada", explica Denise Figueiredo, especialista em terapia de casal.

O papel de "esposa troféu", como se sabe, pode ser complexo. A advogada Iara Sanny deixou a faculdade quando se casou, atrelou sua vida à do marido e se arrependeu. "Passava o tempo cuidando de mim fisicamente e acompanhando ele nos eventos", conta. Com o tempo, cansou-se do papel e resolveu voltar a estudar, e os desentendimentos se acumularam. "Ele não gostou, mas quando comecei a buscar minha independência, não voltei mais atrás", diz Iara, que se separou e precisou cuidar sozinha do filho. Como se vê, reverter conquistas pode até ser divertido por um tempo. Mas, a longo prazo, a maioria das mulheres prefere mesmo é ter uma relação de igualdade e respeito mútuo dentro de casa. ■

SAGA RESGATADA

Em um trabalho de detetive, pesquisador reconstrói fábula medieval até então perdida sobre um herói que integra o ciclo de narrativas do lendário Rei Artur

DIOGO SPONCHIATO

COLCHA DE RETALHOS Manuscritos de Segurant, o Cavaleiro do Dragão, em um torneio *(à dir.)* e na Távola Redonda: peças reunidas para contar a aventura

FOTOS EDITORA VESTÍGIO

FOI UM AUTÊNTICO quebra-cabeça que, para ser concluído, consumiu mais de uma década, investigações em sete países, leituras minuciosas de ao menos 28 manuscritos e o recrutamento de tecnologias de última geração para revelar textos antes ilegíveis em obras queimadas por um incêndio. Toda essa aventura, a cargo do paleógrafo franco-italiano Emanuele Arioli, está por trás da descoberta de uma história perdida que faz parte de uma das mais famosas lendas da Idade Média, a saga do Rei Artur e seus guerreiros. O romance, recuperado e reconstruído sete séculos depois de escrito, acrescenta um novo herói ao fabulário da Távola Redonda. Segurant, o Bruno, como ele foi batizado, é o protagonista de *O Cavaleiro do Dragão* (Editora Vestígio), livro em que Arioli resgata e traduz, para o leitor contemporâneo, um capítulo até então desconhecido do imaginário medieval.

O primeiro contato do pesquisador de 36 anos com a narrativa deu-se ainda em 2010, quando ele se deteve em um pergaminho conservado na Biblioteca do Arsenal, em Paris: um copista havia escondido episódios da lenda em meio a uma coletânea de profecias. “Mas o manuscrito parava no meio de uma frase”, disse Arioli a VEJA. “Então formulei a hipótese de que não se tratava de episódios isolados, e sim dos restos de um romance perdido.” Essa foi a pista que deu início a um trabalho de detetive que se estenderia por anos e em bibliotecas de outras nações, resultando inclusive em uma tese de doutorado pela prestigiada Universidade Sorbonne.

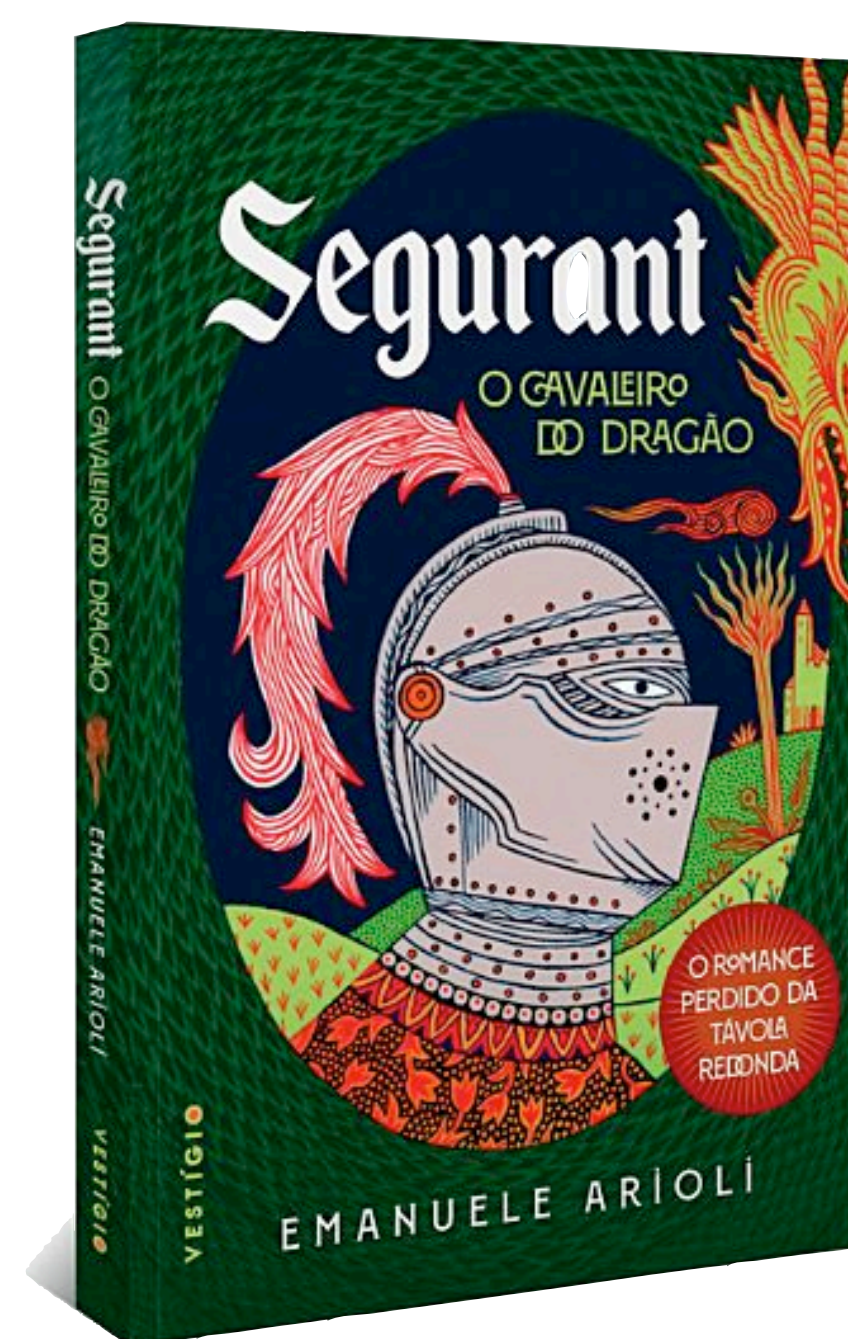
ARQUIVO PESSOAL

CAÇADOR DE MITOS Emanuele Arioli em ação: pesquisas em bibliotecas de sete países

Segurant é, seguindo à risca o roteiro típico da Idade Média, um dos cavaleiros mais fortes e valorosos de seu tempo. Após enfrentar e matar leões em sua terra natal, a Ilha do Não Saber, ele parte para os territórios do Rei Artur, onde irá encarar e vencer torneios. Até que uma bruxa, a cruel Morgana, lança um feitiço que conjura o aparecimento de um dragão ilusório, atrás do qual o herói partirá incansavelmente. A versão principal da história, escrita no

norte da Itália em francês antigo entre 1240 e 1273, se encerra por aí, mas relatos compostos até o século XV trataram de ampliar o enredo e dar-lhe um fecho à altura. E isso só foi possível graças à odisseia do jovem Arioli.

O maior desafio do estudioso ocorreu na Biblioteca de Turim, alvo de um incêndio em 1904. "Trabalhei no meio de milhares de manuscritos carbonizados, com palavras ilegíveis a olho nu", diz. Foi aí que a tecnologia operou seu passe de mágica. Arioli recorreu a um recurso chamado imagem multiespectral, que consiste na elaboração computacional de fotos tiradas com diferentes comprimentos de onda, do infravermelho ao ultravioleta. "Foi assim que consegui ler os textos e descobrir um episódio-chave da lenda: a luta de Segurant com o dragão", afirma.

Essa revelação instala uma peça até então oculta no mosaico de mitos e novelas da Távola Redonda, criados e alimentados a partir de uma mistura de valores cristãos com crenças pagãs de povos que viviam no que hoje seriam a Grã-Bretanha e o noroeste da França. E Segurant, embora não tenha se sentado à icônica mesa

OBRA DE FÔLEGO
Segurant – O Cavaleiro do Dragão: o livro exigiu mais de uma década de estudos em várias nações

do Rei Artur, ocupa um lugar inovador nessa rede de tramas. “Ele é um herói atípico, porque vive aventuras rocambolescas e persegue um dragão que é apenas uma alucinação”, diz Arioli. Aí estaria inclusive o poder literário da narrativa desvendada: a besta que o guerreiro quer destruir não passa de um demônio a iludir os sentidos. “Segurant já tem vários traços de Dom Quixote, o fidalgo que era louco pela cavalaria até perder a razão e perseguir quimeras, só que nasceu três séculos antes dele”, afirma o pesquisador, referindo-se ao livro de Miguel de Cervantes que, para muitos, inaugurou o romance moderno.

A lenda se tornou uma cruzada na vida do escritor franco-italiano. Além de decifrar e traduzir a narrativa para as línguas atuais, incluindo o português, ele encabeçou sua adaptação para um livro infantojuvenil, publicado pela Editora Yellowfante, e uma história em quadrinhos, recém-lançada no país pela Nemo. Sua saga também resultou em um documentário produzido pela televisão francesa e alemã, ainda inédito no Brasil. Inspirando-se no próprio trabalho de caçador de lendas, Arioli agora desenvolve o projeto de uma série de suspense sobre um historiador que resolve mistérios medievais e quer transformar as aventuras de Segurant numa animação. Quem sabe o autor, que também é ator — ele tem no currículo um filme que chegou ao Festival de Cannes —, não se empolga e leva a fantasia ao cinema. O quebra-cabeça, afinal, está montado. Só falta gravar. ■

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

O aquecimento global derrete geleiras em diversas partes do mundo, ao mesmo tempo que abre espaço para diferentes ecossistemas e formas de vida **MARÍLIA MONITCHELE**

MUDANÇA Argentière, na França: a região nos Alpes perdeu enorme quantidade de gelo

SEAN GALLUP/GETTY IMAGES

A PRIMEIRA MENÇÃO à cidade perdida de Atlântida aparece nos diálogos de Timeu e Crítias, escritos por Platão no século IV a.C. Na obra, o filósofo grego descreve uma ilha poderosa e rica, localizada além das Colunas de Hércules, provavelmente onde é hoje o Estreito de Gibraltar. Reza a lenda que teria sido destruída por uma catástrofe natural e submergido nas águas do Oceano Atlântico. Trata-se de uma alegoria sobre a prepotência das nações, que se recusam a olhar para a natureza com humildade e respeito. A tragédia mitológica deixou lições que não foram aprendidas pela humanidade. Como consequência do aquecimento global, geleiras centenárias e milenares estão derretendo. Se o padrão de degelo for mantido, o nível do mar poderá subir até 70 metros, engolfando grande parte das cidades litorâneas ao redor do mundo. Embora possa ser trágico, o movimento tem também um outro lado pouco comentado: o de multiplicar o número de organismos vivos.

A equação é complexa. Depois do derretimento, a primeira paisagem que surge é composta por camadas estéreis de rochas nuas e sedimentos. Um estudo recente publicado na prestigiosa revista *Nature* mostrou que esse cenário de aparência pós-apocalíptica pode dar lugar a ecossistemas complexos e diversificados, ajudando a impulsionar um sopro de vida no planeta. Durante dez anos, uma equipe multidisciplinar formada por 49 pesquisadores acompanhou a movimentação de 46 geleiras que sofreram o processo de degelo: do Himalaia aos Andes, do arquipélago ártico de Svalbard, na Noruega,

FRANCESCO FICETOLA

TUDO SE TRANSFORMA Svalbard, no Ártico: setenta anos para a recuperação

até o extremo sul da Nova Zelândia, passando até mesmo pelas geleiras tropicais do México. O objetivo era explicar o que surge quando esses mantos seculares de neve deixam de existir. A resposta? Um padrão surpreendentemente amplo de geração de novas formas de vida. “O encolhimento das geleiras continua sendo uma notícia terrível”, disse a VEJA o coordenador do estudo, o doutor em ciências ambientais italiano Gentile Francesco Ficetola, professor da Universidade de Milão. “Mas agora sabemos que podemos usar terrenos degelados para mitigar as consequências das mudanças climáticas em alguns componentes da biodiversidade.”

Num trabalho de campo bastante amplo, os pesquisadores coletaram 1 251 amostras de solo em paisagens glaciais que abarcavam regiões tropicais, temperadas e subpolares, com datas de exposição que variavam de 1 a 483 anos desde o derretimento do gelo. Para a datação dos ecossistemas, foram analisadas as propriedades e os nutrientes do solo e as evidências de captura de carbono pelas plantas, além de técnicas de amostragem de DNA ambiental para recolher rastros genéticos deixados por espécies animais e mapear a biodiversidade local. Assim, os cientistas puderam estabelecer uma relação entre o momento em que uma geleira começa a recuar e a chegada de novas espécies.

Evidentemente, tal processo tem maturação lenta. A transformação da paisagem árida acontece quase sempre de forma gradual, e o papel dos organismos vivos muda ao longo do tempo. No início, os microrganismos fazem praticamente todo o trabalho. Em uma labuta incansável, bactérias, protozoários e algas colonizam o solo e preparam o terreno para formas de vida mais complexas, como líquens, musgos e gramíneas, espécies capazes de resistir e prosperar em condições adversas e com poucos nutrientes. Esses grupos, aos poucos, enriquecem o solo e abrem espaço para que plantas especialistas em ambientes frios criem raízes e se desenvolvam. Por último, chegam os animais. Primeiro os herbívoros e, em seguida, predadores carnívoros.

O segredo para tal transformação é um só: tempo. “Ambientes completamente novos podem se desenvolver

ISADORA ROMERO/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

RESISTÊNCIA Cientista na Antártica: a natureza dá um jeito de sobreviver

em algumas décadas, sendo que setenta anos são suficientes para transformar sedimentos aparentemente estéreis em prados ou pequenas florestas", diz o professor Ficetola. Ele esclarece, porém, que a chegada de grandes animais pode levar mais de um século para ocorrer. O processo de lento renascimento não apaga a tragédia da acelerada morte das geleiras, nem atrasa o processo das mudanças climáticas e do aquecimento global. Mas mostra que, mesmo em meio à adversidade, a natureza persiste e floresce, reafirmando que a vida sempre encontra um caminho para prosperar. ■

HOBBITS DA VIDA REAL

Fósseis recém-descobertos trazem novas e surpreendentes revelações sobre seres de baixa estatura que antecederam os humanos modernos **LUIZ PAULO SOUZA**

TAMANHO NÃO É DOCUMENTO Representação do *Homo floresiensis:* seres hábeis e dotados de inteligência

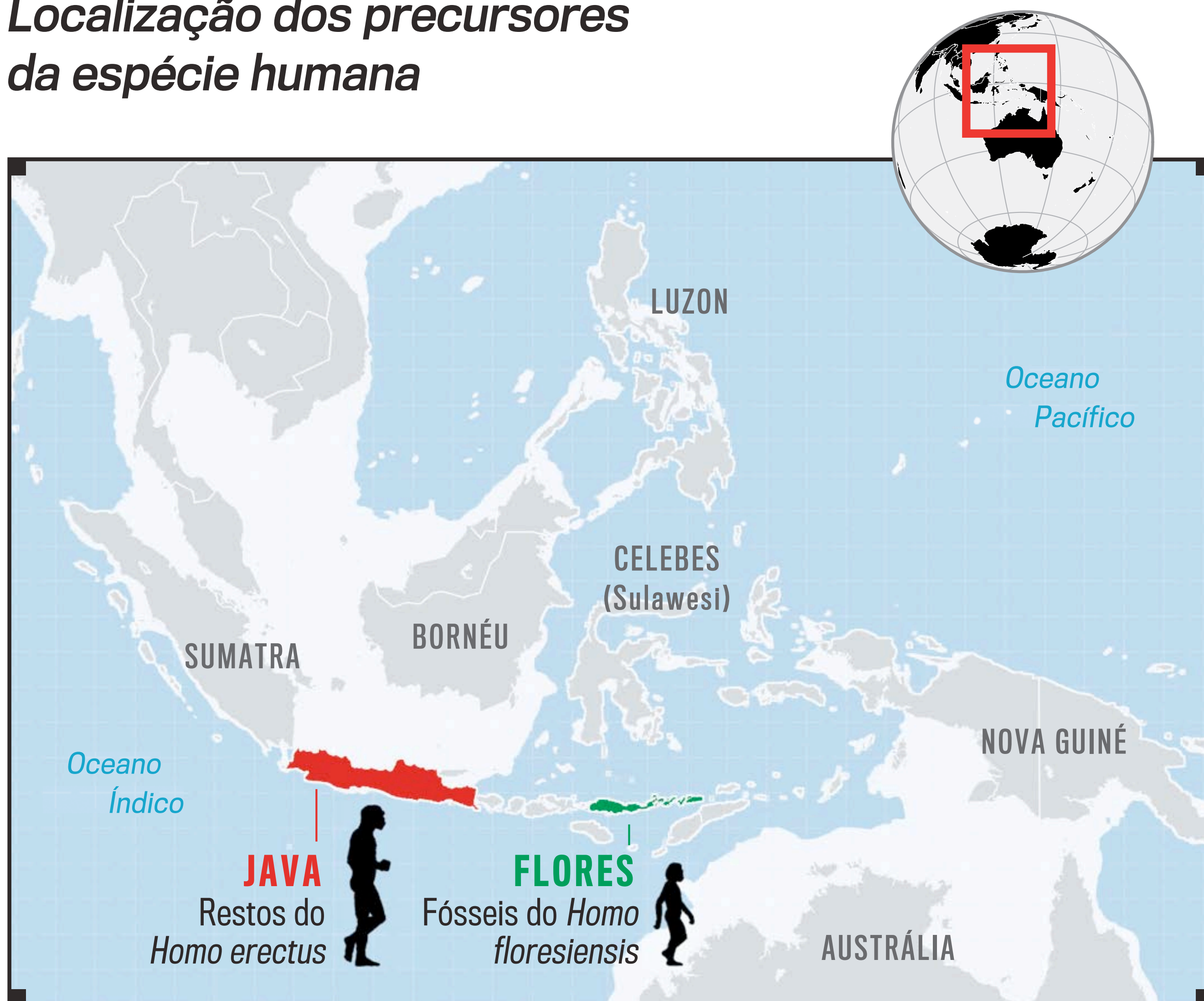
GPPHOTOSTUDIO/ALAMY/FOTOARENA

NO FAMOSO ensaio *A Decadência da Mentira*, de 1889, o poeta e romancista irlandês Oscar Wilde desafiou a teoria de Aristóteles ao escrever que "a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida". O autor do clássico *O Retrato de Dorian Gray* não considerou descobertas científicas que revelam as origens da humanidade e surpreendem por serem mais fantásticas do que a ficção. Foi exatamente o que aconteceu em 2003, quando um grupo de arqueólogos desenterrou fósseis de uma espécie que antecedeu em milhares de anos os humanos modernos. Com metade da altura de um indivíduo contemporâneo, crânio pequeno, braços longos e os pés desproporcionalmente grandes, esses seres se pareciam muito com os hobbits que habitam o épico *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien.

Os ossos foram encontrados na Indonésia, em uma caverna na Ilha de Flores. A equipe de pesquisadores acabou batizando a espécie de *Homo floresiensis*, em homenagem à localidade onde descansavam os fósseis. A crônica da descoberta conta que dois outros nomes foram considerados, *Homo hobbitus* e *Homo floresianus*. Este último foi descartado por induzir a uma percepção errada, e o primeiro porque os cientistas achavam que a referência aos personagens de Tolkien seria banalizar demais o achado. Agora, mais de vinte anos depois, novas evidências lançam luz sobre nossos ancestrais. "Qualquer novo fóssil de hominídeos é como um tesouro científico", disse a VEJA o arqueólogo Adam Brumm, coautor do estudo

INÊS 249

ONDE NASCERAM OS ANCESTRAIS

Localização dos precursores da espécie humana

publicado na *Nature Communications*. “Há mais de dez anos, estávamos atrás desses ossos.”

A equipe, da qual Brumm faz parte, descobriu os novos vestígios desses ancestrais na caverna de Mata Menge, a cerca de 70 quilômetros de onde os ossos do *Homo floresiensis* foram encontrados. Essas evidências confirmam que a espécie prosperou naquele local por muito mais tempo do que se imaginava. Enquanto os primeiros fósseis tinham cerca de 55 000 anos, os mais recentes remontam a

700 000 anos atrás, sugerindo que os indivíduos perambularam pela região por mais do que o dobro de tempo que o *Homo sapiens* perdura — 300 000 anos. E sempre foram pequenos: a nova evidência, um úmero, osso da parte superior do braço, pertenceu a um adulto com 1,08 metro de altura, bem menor que os descobertos anteriormente, com até 1,21 metro.

YOUSUKE KAIFU/GEOMAPAPP/DIVULGAÇÃO

ACHADO Fragmento do úmero: indivíduo teria 1 metro de altura

No meio científico, o debate esquentou. Altura reduzida em indivíduos que habitam ambientes insulares é algo esperado devido à escassez de recursos. Ferramentas encontradas no local há mais de uma década sugeriam que seres habilidosos ocuparam essa parte da Indonésia há pelo menos 1 milhão de anos. Até agora, no entanto, ainda não havia certeza sobre a origem deles. Quando o *Homo floresiensis* foi encontrado, suspeitou-se que era apenas humano comum com alguma alteração genética, enquanto outra tese defendia que se tratava de descendente de uma espécie ainda desconhecida. “Os dentes

descobertos pelos pesquisadores favorecem muito a interpretação de que esse grupo, na verdade, derivava da espécie *Homo erectus* que vivia na Ilha de Java", afirma o antropólogo Danilo Vicensotto Bernardo, professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Ainda não há unanimidade no meio acadêmico. "É um ótimo trabalho, mas são evidências muito escassas, baseadas em apenas dois dentes", disse o arqueólogo Walter Neves, conhecido como o "pai de Luzia", o fóssil mais antigo das Américas. "Não é suficiente para descartar a ideia de que o *Homo floresiensis* pode ser descendente do *Homo habilis*." Seja como for, a diversidade foi importante para a perpetuação do *Homo sapiens*. Por isso, temos muito o que aprender com os nossos ancestrais. ■

A REINVENÇÃO DOS CHEFS

Para se manter no topo e fisgar públicos alternativos, grandes cozinheiros recriam suas receitas – e, às vezes, até abandonam o que fizeram no passado **ANDRÉ SOLLITTO**

CHURRASCO "VERDE" Mallmann: preparo de legumes e frutas nas chamas

CHRISTOPHE SIMON/AFP

DESDE QUE começou a ser celebrado no cenário da gastronomia internacional, o chef argentino Francis Mallmann cultivou uma imagem sedutora. Com suas técnicas de preparo de carnes no fogo, ao ar livre, trouxe um elemento inusitado para o churrasco. Mais recentemente, passou a levantar a bandeira dos vegetais e frutas grelhados nas chamas, algo pouco usual entre cozinheiros estrelados. Para quem não acompanha sua trajetória, parece apenas uma jogada de marketing. Pode até ser isso, mas não só. Em seu novo livro, *Fogo Verde* (Companhia das Letras), Mallmann assegura que abrir mão da carne — ao menos em algumas refeições — é uma forma de se conectar com o público jovem, mais preocupado com a sustentabilidade e o futuro do planeta. A virada de Mallmann é prova inegável de que os grandes chefs são capazes de se reinventar constantemente, atentos às transformações do mercado e às mudanças nas preferências do público.

A decisão de tirar a carne das receitas é pragmática. “Eu recebia centenas de milhares de mensagens de pessoas que diziam adorar a minha cozinha e meu estilo de cozinhar, mas não comiam carne”, disse Mallmann a VEJA. “Achei que devia algo a essa gente.” Era a oportunidade que esperava para refletir sobre o consumo de alimentos. “O mundo está mudando”, afirma. “Devemos deixar de matar tantos peixes, é preciso repensar a forma desastrosa como o frango que comemos é produzido.” Hoje em dia, o argentino engrossa movimentos afeitos à nova era

ambiental, como a luta contra a criação em larga escala de salmão em cativeiro, e diz que todo chef é um pouco ativista.

Mallmann é exemplo de um movimento crescente no panteão dos grandes cozinheiros que passaram a incorporar novos elementos no preparo dos alimentos, mas sem perder o reconhecimento. O suíço Daniel Humm se consolidou como o responsável pelo Eleven Madison Park, restaurante em Nova York que foi considerado o maior templo da alta gastronomia pelos críticos. Em 2017, o espaço recebeu três estrelas no *Guia Michelin* e ocupou a primeira posição no ranking dos principais destinos gastronômicos do planeta. Ainda assim, quase faliu na pandemia, mas Humm reergueu o restaurante com um menu à base de vegetais. A decisão foi considerada ousada, mas rendeu frutos — o Eleven Madison Park se tornou o primeiro estabelecimento do mundo a conquistar três estrelas no guia

EUGENE GOLOGURSKY/GETTY IMAGES

SEM CARNE Daniel Humm, do Eleven Madison Park: menu vegetal

INSTAGRAM @LUIZFILIPE

NO BRASIL Luiz Filipe Souza: toque nacional à cozinha de base italiana

francês servindo apenas vegetais. De acordo com Humm, a virada foi feita para valorizar a sustentabilidade na cadeia de fornecimento e servir de exemplo para outros chefs no mundo.

Os brasileiros seguem a mesma tendência. Após desistir da carreira no mercado financeiro, o agora chef Luiz Filipe Souza tornou-se discípulo de Salvatore Loi, que comandou o restaurante Fasano. Souza passou dez anos na cozinha do luxuoso hotel e acompanhou Loi em outros empreendimentos bem-sucedidos. Com o passar do tempo, ganhou sólida base de culinária italiana. Ao abrir o restaurante Evvai, adicionou elementos brasileiros e tornou-se reconhecido como um dos grandes nomes da alta gastronomia nacional, com duas estrelas no *Guia Michelin*. Além do repertório sofisticado, a receita de sucesso de um grande chef passa pela capacidade de se reinventar, mas sem deixar de lado sua própria assinatura. ■

INSTAGRAM @FRANCISMALLMANN

CONSELHO Mallmann: mudança e desobediência são fundamentais

"NÃO PODEMOS DESTRUIR O PLANETA"

Poucos chefs sul-americanos ganharam tanto destaque na alta gastronomia internacional quanto o argentino Francis Mallmann. Premiado pelo *Guia Michelin* por suas carnes suculentas, Mallmann agora está numa cruzada para valorizar os vegetais. Confira na entrevista a seguir.

A sociedade comerá menos carne no futuro próximo? Não tão cedo. Vamos certamente ter regras mais eficientes para medir a rastreabilidade e controlar o tratamento do gado de corte. Além disso, há projetos muito interessantes de produção de

carne em laboratório a partir das células dos animais, depois cultivadas com proteínas, açúcares e gordura. Eu mesmo ajudo uma empresa de Singapura a desenvolver a produção de carne de frango dessa maneira.

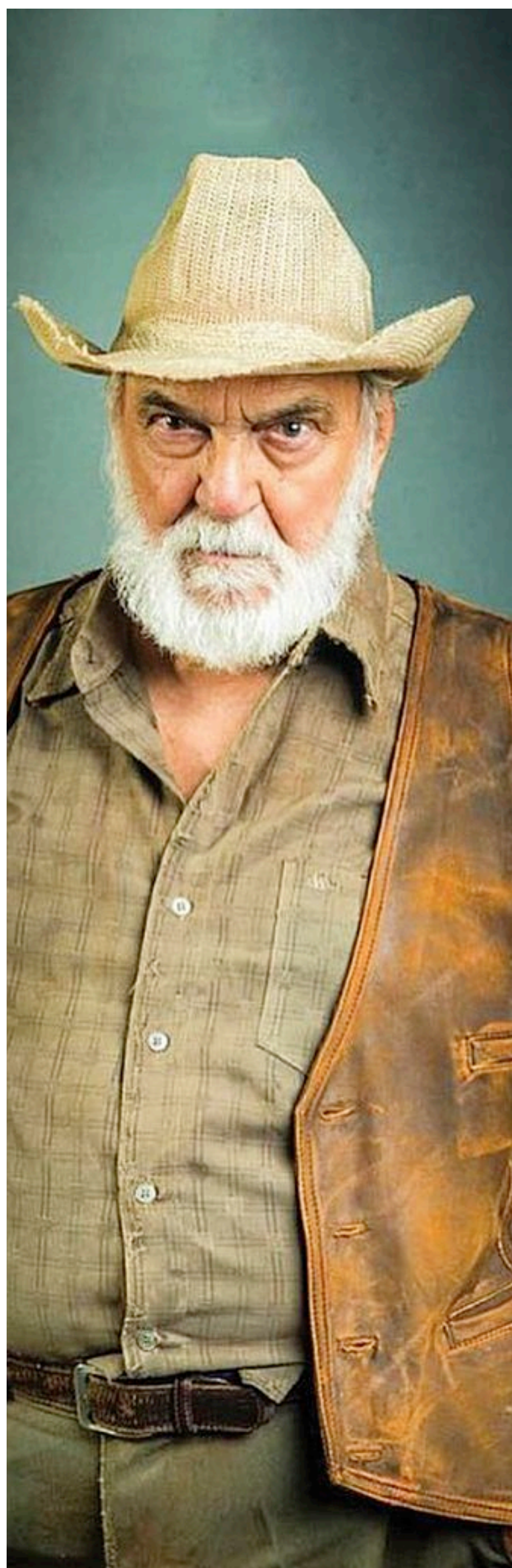
Ela é tão saborosa quanto a verdadeira? Não. Mas a tecnologia é rápida e sabemos que logo avançará. Com a carne de laboratório, se perde o romance, sem dúvida. Mas o planeta está destruído, e nosso dever é zelar por ele. São alternativas que provocam imensa transformação. Temos de ouvir os desobedientes.

O senhor é um desobediente? Claro. Temos de quebrar regras e mudar, senão morremos na comodidade e na rotina. Ser desobediente nos mantém vivos.

O senhor foi pioneiro em mostrar as técnicas do fogo ao ar livre. Agora, há muitos outros chefs que citam seu trabalho como inspiração. É algo muito lindo. Fico contente porque sinto que nossa linguagem de cozinha tem uma voz forte e universal. Quando comecei, nos anos 1990, muitos riam de mim. Mas eu, com meus ferros, madeiras e fogos ao ar livre, acreditava naquilo que fazia.

Qual o futuro da gastronomia? Com certeza não serão mais as tendências que duram anos ou décadas. Acredito em algo multifacetado. Os jovens, novamente eles, estão muito mais bem informados. E sabem quando algo é verdadeiro ou não.

DENTRO E FORA DAS TELAS

Depois de trabalhar em Paris com Karl Lagerfeld, o paraense Rog Vasques volta ao Brasil para conquistar famosas e mulheres comuns com suas peças modeladas em couro **VALÉRIA FRANÇA**

DAS NOVELAS PARA O MUNDO Fashion: figurinos para atores como Juliana Paiva e Lima Duarte e coleções exitosas

FOTOS DIVULGAÇÃO

FOI UM TRABALHO de formiguinha. Enquanto marcas desapareciam do mercado e eventos do universo fashion perdiam o glamour, um estilista inaugurava, em 2014, um pequeno ateliê, sem nenhum luxo, no bairro nobre dos Jardins, em São Paulo, e passava a vender roupas modeladas em couro, material naturalmente difícil de dar caimento. De peça em peça e cliente em cliente, o reconhecimento e a projeção vieram. Uma década depois, as roupas do paraense Rog Vasques, 46 anos, passaram a vestir famosos, viraram figurinos de novelas e, mais recentemente, ganharam o cinema. Vasques assina o vestuário do aguardado *O Auto da Compadecida 2,* filme que estreia no fim deste ano, com seus vestidos e jaquetas que parecem esculpidos e costurados diretamente no corpo.

O estilista caiu no gosto de artistas e produtores. Seu primeiro trabalho na TV ocorreu em *Verdades Secretas,* da Globo, em 2015. "Um amigo comentou sobre as minhas criações com a figurinista, que me procurou", afirma. Logo na sequência, começou a receber pedidos para desenvolver os trajes dos personagens. Em *O Tempo Não Para,* de 2019, elaborou as roupas de época que expressavam uma mulher à frente de seu tempo para a protagonista Juliana Paiva. As saias compridas e os espartilhos de couro fizeram sucesso. E, a cada nova produção, Vasques mergulhava numa pesquisa diferente, que incluía a identidade dos retratados na trama.

Para fazer o macacão e as luvas de Rosinha, interpretada por Virginia Cavendish em *O Auto da Compadecida 2,*

o designer seguiu passos típicos da alta-costura. Tirou as medidas da atriz para recortar um molde em algodão, exclusivo para prova. “Foram três sessões só para ajustá-lo ao corpo”, diz Cavendish. Só depois dessa etapa veio a modelagem em *chamois,* aquele tipo de couro recoberto por uma leve pelagem. O processo impressionou a atriz, que virou cliente e amiga. Marieta Severo foi outra estrela que se encantou com as roupas, tanto que apareceu com uma delas em público, o que rendeu ao paraense mais pedidos de famosas. Até os homens vão atrás, para encomendar tanto um paletó como um colete de couro, como o exibido por Lima Duarte em mais uma novela no currículo de Vasques, *O Outro Lado do Paraíso.*

DIVULGAÇÃO

FILA DE CLIENTES Rog Vasques: “Tenho problema só com as ativistas”

A propaganda, feita no boca a boca, é a melhor referência que o profissional pode ter. “O acabamento dele é primoroso”, afirma a advogada Ana Fábia Ferraz Martins, que o conheceu em Curitiba em uma loja parceira. O trabalho do estilista teve forte influência de um gigante da moda. Antes de

começar seu negócio, Vasques trabalhou em Paris com o alemão Karl Lagerfeld, no período de 2007 a 2011. Foi assim que aprendeu os diferenciais da alta-costura. O capricho envolve até o avesso da roupa. Não existem linhas soltas, arremates ou traços desalinhados. O brasileiro usa justamente o acabamento interior para dar identidade à sua marca, a Maison Revolta.

Todas as peças de couro têm forro de tule na cor pink. Ao dar uma cara diferente ao avesso do traje, Vasques faz com que a grife seja reconhecida, do mesmo modo que os sapatos Louboutin chamam a atenção pela sola vermelha. Mas não se trata só de marketing: o tule tem elasticidade, propriedade que facilita a adaptação do couro no corpo. Em geral, nas confecções convencionais, o avesso das roupas é feito de cetim, material nobre, mas nada maleável. “Com isso, Rog Vasques consegue trazer contemporaneidade e valorizar a curva da mulher”, diz Lucio Fonseca, stylist e consultor criativo.

Na loja da Maison Revolta, longe do clima de novela ou cinema, o paraense recebe turistas que vão a São Paulo a negócios. São mulheres comuns, com medidas muitas vezes avantajadas. Ele atende pessoalmente cada uma delas e ajusta as peças de acordo com as preferências das clientes. “Tenho problema só com as ativistas, que entram aqui protestando contra o uso do couro”, diz. Apesar dos olhares atravessados, ele garante que o material é certificado. Na moda, é difícil agradar a todo mundo. ■

LUCILIA DINIZ

TRABALHO PREMIADO

Quem disse que não podemos conciliar vida pessoal e profissional?

PEÇO LICENÇA para fazer uma reflexão a partir de um acontecimento pessoal. Acabo de receber uma homenagem do Tribunal Superior do Trabalho, em Brasília. Não é por vaidade que trago esse episódio, mas porque me honra e emociona participar de uma celebração ligada ao mundo profissional. Talvez nunca na história humana o trabalho tenha sido tão central. Ele sempre foi, sim, indispensável à existência. Mas, do século XX em diante, para mais e mais pessoas tornou-se também o principal espaço de realização.

Não sou exceção. Para mim, contudo, a atividade profissional foi além da concretização de objetivos. Foi também nela que encontrei a saúde. E, num apaixonado vaivém, a saúde se tornou o cerne do meu trabalho.

Tenho a sorte de poder viver aquilo que prego. No entanto, essa não é a realidade da maioria. Muitos são os que vivem a realidade descrita nos versos iniciais de *Elegia 1938,* do poeta Carlos Drummond de Andrade, aqueles que falam de trabalhar “sem alegria para um mundo caduco”.

Não precisa ser assim. Se o trabalho me motivou a manter hábitos saudáveis, hoje parte importante do que faço é mostrar que cuidar do corpo é trabalhar melhor. Isso é especialmente importante quando pensamos que, em pesquisas de opinião, um dos motivos mais frequentes para não se cuidar é a falta de tempo. Por causa do trabalho!

Cuidar do corpo não é roubar tempo do emprego. Basta pensar que fazer da saúde física uma prioridade traz mais concentração, criatividade e memória, ajuda a aprender mais rápido, a experimentar menos cansaço mental e, por fim, a se sentir menos estressado. Trata-se, portanto, de premiar o trabalho com o nosso melhor.

Não é achismo. Décadas de estudos comprovam. Já há dez anos pesquisadores de Leeds, na Inglaterra, examinaram o efeito do exercício sobre funcionários que tinham acesso a uma academia no escritório. Ficou claro que,

"Foi na atividade profissional que encontrei a saúde. E, num vaivém, a saúde se tornou o cerne do meu trabalho"

quando frequentavam o espaço, se sentiam mais eficientes e produtivos, além de mais tranquilos no trato com os colegas. Mais ou menos na mesma época, eu já expunha essa convicção quando era chamada a falar em empresas sobre o equilíbrio entre saúde e trabalho.

Numa dessas ocasiões, fui convidada a dar uma palestra aos operadores de uma companhia de energia. O estresse desses funcionários é comparável ao dos controladores de voo, por exemplo. Afinal, uma pequena desatenção pode deixar às escuras cidades inteiras. Eles experimentavam um fenômeno comum em ambientes de trabalho tensos: comiam demais e, pior, diante do computador. Felizmente, os gestores estavam atentos aos malefícios dessa combinação e promoveram o programa de alimentação saudável do qual fui madrinha.

É muito importante que o ambiente de trabalho seja propulsor do cuidado com o bem-estar. No "mundo caduco" do poema de Drummond, "as formas e as ações não encerram nenhum exemplo". E exemplo é algo de que nós, seres sociais que somos, precisamos. Se nossos colegas se engajam em metas de qualidade de vida, puxam o interesse dos demais. É com o corpo que tudo começa. Ele é a nossa casa e, não importa a função que desempenhamos, nosso primeiro e mais cotidiano instrumento de trabalho. Sem olhar para ele, todo o resto é inútil. ■

FANTASMA DA NAÇÃO

Uma nova leva de filmes brasileiros retrata dramas reais vividos na ditadura militar — temática prolífica do cinema nacional que ganha releitura em tempos de polarização política e desinformação sobre os horrores do regime

RAQUEL CARNEIRO

OPOSTOS Shi Menegat e Valentina Herszage em *O Mensageiro:* empatia em meio ao horror

DIVULGAÇÃO

O soldado Armando e a dona de casa Maria em nada se parecem, exceto por partilharem da mesma fé: ambos são católicos fervorosos. Outro ponto capcioso os conecta. A filha de Maria, a estudante Vera, está desaparecida — e Armando faz parte do Departamento de Operações de Informações, o DOI-Codi, do Rio de Janeiro, onde Vera está presa e sendo torturada. O ano é 1969, período de chumbo da ditadura militar brasileira. Tomado pela culpa — afinal, seria ele um bom cristão entre torturadores? —, Armando cuida da prisioneira escondido dos colegas de farda e se arrisca a levar notícias dela para a mãe preocupada. Com Shi Menegat na pele do soldado e Georgette Fadel e Valentina Herszage interpretando mãe e filha, o filme ***O Mensageiro*** (Brasil, 2023), que estreia nos cinemas na quinta-feira 15, bebe de uma história real peculiar. Por dois meses, a diretora Lúcia Murat foi presa e torturada pelos militares — os quais negavam para a família que ela estivesse no batalhão. Um soldado da guarda lhe ofereceu ajuda, servindo de ponte entre ela e os pais. “Foi um ato de generosidade em meio ao horror”, disse a cineasta de 75 anos a VEJA. Contra as expectativas, o militar e a mãe de Lúcia desenvolveram um laço. “Ela foi até madrinha do casamento dele”, revela a diretora — que, na ocasião, havia sido oficialmente presa, ficando encarcerada até 1974.

O exercício de Lúcia para humanizar seu algoz reforça o penoso processo de cura da cineasta, que voltou a sentir as

ALILE DARA ONAWALE/DIVULGAÇÃO

TRAUMA Elenco de *Ainda Estou Aqui*: Walter Salles de olho no Oscar

dores do trauma quando parte dos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro pediu o retorno da ditadura. “A desinformação sobre o período cresceu de forma alarmante”, diz a cineasta carioca. Mais que um retrato do passado, *O Mensageiro* se revela, então, uma inevitável resposta ao presente — missão que ele não assume só. Uma nova e robusta leva de filmes ganha realce nos cinemas neste mês de agosto, todos com um prisma particular sobre o regime. Em *Entrelinhas*, longa do diretor paranaense Guto Pasko que entra em cartaz no dia 22, uma jovem é presa e torturada injustamente em

NATASHA DURSKI/DIVULGAÇÃO

PÓS-VERDADE Gabriela Freire em *Entrelinhas*: jovem presa injustamente

Curitiba, enquanto seus pais lutam para reavê-la. No dia 29 estreia *Zé,* do cineasta mineiro Rafael Conde, que acompanha o período que o militante José Carlos Novais da Mata Machado (1946-1973) passou com a esposa e duas crianças na clandestinidade — até ser traído por um parente. Enquanto isso, no tradicional Festival de Veneza, que começa no dia 28, Walter Salles apresenta *Ainda Estou Aqui*, com Fernanda Montenegro, Fernanda Torres e Selton Mello.

Uma das forças dos novos filmes é resgatar histórias reais e emblemáticas da ditadura. O longa de Salles, por

exemplo, é a adaptação do livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva e narra o drama verídico da mãe do autor, que encarou a vida com cinco filhos após seu marido, o deputado Rubens Paiva (1929-1971), ser assassinado pelos militares. A depender de como for recebido em Veneza, uma relevante vitrine para o Oscar, *Ainda Estou Aqui* pode se tornar um concorrente brasileiro na premiação. O assunto, aliás, já chamou a atenção da Academia de Hollywood: *O que É Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto, disputou a estatueta nos anos 1990.

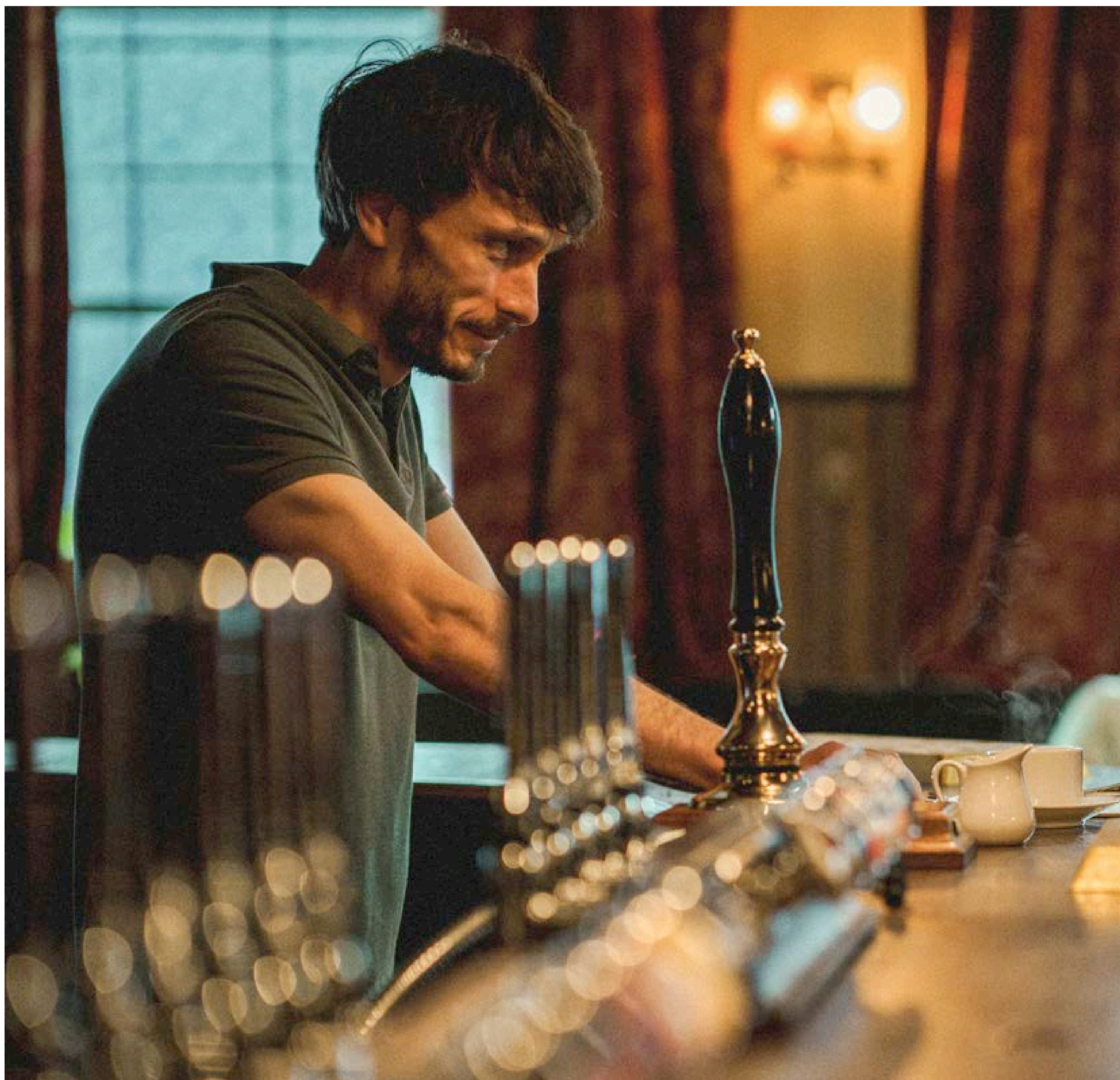
Para além da causa coletiva, tema usual em obras sobre o período, nesta nova safra saltam ao primeiro plano famílias e pessoas comuns envolvidas na guerra ideológica da época. O recorte ilumina aspectos pouco explorados da opressão ao colocar em cena indivíduos imersos num exame moral complexo — que convida quem assiste ao filme a fazer o mesmo. Ao recontar a vida do ativista interpretado por Caio Horowicz, *Zé* busca reproduzir seu terror psicológico: a família vive escondida e troca de nomes, sempre cercada pelo medo de ser capturada. "O que não se mostra assusta mais que aquilo que é explícito", analisa Conde. O mesmo acontece em *Entrelinhas*, que utiliza um recurso parecido com o do ótimo longa britânico *Zona de Interesse:* a protagonista, Ana Beatriz Fortes (Gabriela Freire), não vê a tortura, mas escuta da cela os gritos dos demais presos. O diretor vai além e, para não expor o corpo feminino, transpôs para

DIVULGAÇÃO

CLANDESTINOS Caio Horowicz *(no centro)* em *Zé:* clima de terror psicológico

um homem a única cena em que há um interrogatório violento: na vida real, foi Ana Beatriz quem sofreu a tortura. "Meu filme é imparcial, todo baseado em documentos que mostram os absurdos da arbitrariedade daquele período. Ao fim de dez dias de tortura, Ana foi devolvida para a família com a seguinte frase: 'Desculpem, foi engano'", conta Pasko.

Em *O Mensageiro*, o sofrimento da estudante Vera é relatado nas palavras dela em um julgamento — assim como a própria Lúcia fez à Comissão da Verdade, em 2013. Questionada se perdoou seus torturadores, a cineasta é direta: "Eu perdoaria, contanto que fosse em um tribunal". O fantasma da ditadura ainda assombra a nação — e falar sobre os horrores do passado é o melhor jeito de exorcizá-lo. ■

ED MILLER/NETFLIX

O PREÇO DA VERDADE

No centro de um processo milionário contra a Netflix, a série *Bebê Rena* ilustra novas nuances de um velho dilema: na era do streaming, o apetite pela vida real nas telas às vezes sacrifica os fatos

GUERRA DE VERSÕES

Os protagonistas de *Bebê Rena:* mocinho e vilã?

UM HOMEM perseguido por uma mulher obcecada. Essa é a premissa de *Bebê Rena,* sucesso da Netflix que caminha no limiar entre ficção e realidade: escrita e protagonizada por Richard Gadd, a trama é baseada na vida do autor, mas "certos personagens, nomes, incidentes, locais e diálogos foram ficcionalizados",

alertam os créditos. Batizada na série de Martha (Jessica Gunning), a *stalker* de Donny (Richard Gadd) não atende por esse nome na vida real — nem tem condenação criminal, como se vê na série, admitiu recentemente a Netflix após ser processada pela advogada Fiona Harvey, que alega ser inspiração da perseguidora. O imbróglio em torno de *Bebê Rena* ilustra uma questão premente. Num tempo em que o selo "baseado em história real" virou trunfo para o streaming e garantia de barulho nas redes, a verdade se tornou objeto de glamorização às vezes desmedida, o que impõe novos dilemas à dramaturgia.

Bebê Rena é um desses casos em que a acurácia factual aparentemente foi sacrificada em nome do roteiro. Harvey não teve o nome divulgado pela Netflix, e Gadd alega que Martha é uma personagem fictícia. Mesmo assim, Harvey diz ter sido identificada nas redes e recebido até ameaças de morte. Alvo de uma ordem judicial por suas interações com Gadd, ela não foi condenada nem presa na vida real e acusa a plataforma de difamação e violação de direitos. Por isso, pede 170 milhões de dólares em indenização, num processo que descreve a produção como "uma mentira projetada para atrair mais espectadores".

Essa, claro, não é a primeira vez que histórias com raízes na realidade afetam em maior ou menor grau os envolvidos. Também sucesso da Netflix, *Dahmer* dramatiza a trajetória sombria do serial killer que assassinou dezessete jovens — e foi recebida com protestos por parentes das víti-

mas reais. No Brasil, *Dom*, do Prime Video, que levou para as telas a vida do criminoso Pedro Dom (1981-2005), incomodou a família materna do bandido carioca: a mãe e a irmã se opuseram à série e acusaram a trama de romantizar o policial Victor Dantas (1944-2018) — o pai do criminoso, que estava envolvido na produção.

NETFLIX

PASSADO SOMBRIO
Dahmer na produção: retrato de um assassino

As saídas para problemas assim não são simples. No momento, está em debate na Inglaterra uma nova lei que, em tese, daria à *stalker* de *Bebê Rena* a chance de exigir respeito à sua história. Quando se trata da vida real, é preciso ter responsabilidade nas telas, decerto. Mas também cuidado para que isso não se torne uma ameaça à liberdade de retratar histórias de interesse, dando origem a narrativas chapa-branca. Nesses casos, cautela e bom senso são ainda o melhor remédio. A verdade não tem preço. ■

Amanda Capuano

SONY PICTURES

RELAÇÃO TÓXICA Ryle (Justin Baldoni) e Lily (Blake Lively): conto de fadas vira pesadelo em trama de inspiração pessoal

O DOM DE ENVOLVER

O filme *É Assim que Acaba* repete com eficácia a fórmula do best-seller mundial da americana Colleen Hoover: mesclar temas caros ao feminismo com clichês açucarados **KELLY MIYASHIRO**

A MEMÓRIA mais antiga da americana Colleen Hoover, atualmente com 44 anos, é de quando tinha 2 anos e meio e viu seu pai arremessar uma televisão contra sua mãe, Vannoy Fite, que caiu no chão com o impacto. Após uma série de agressões perdoadas — antes de Colleen completar 3 e a filha mais velha chegar aos 5 —, a mulher decidiu abandonar o marido abusivo e recomeçar sua vida como mãe solo, mesmo que isso signifi-

casse passar por dificuldades financeiras e sobreviver de macarrão e feijão enlatados. Curiosamente, o pai da escritora nunca encostou um dedo nela e em sua irmã, e a americana nascida na cidade de Sulphur Springs, no Texas, hoje considera o genitor um bom pai — algo que só foi possível porque sua mãe rompeu o ciclo de violência antes que as rebentas tomassem como referência de amor o relacionamento tóxico que ela vivia.

Com toques rocambolescos e arcos romantizados, a história da mãe inspirou Colleen a escrever *É Assim que Acaba,* romance publicado em 2016 que hoje figura no topo do ranking de best-sellers do *New York Times* e está há 150 semanas nos Mais Vendidos de VEJA. De acordo com a *Forbes,* a obra já teve 6 milhões de cópias comercializadas no mundo. "Eu quis escrever esse livro como forma de honrar a história da minha mãe", explicou Colleen em entrevista a VEJA (*leia no final da matéria*).

As vendas devem ser ainda turbinadas com a estreia de sua adaptação para as telas. Já em cartaz nos cinemas, ***É Assim que Acaba*** traz Blake Lively e Justin Baldoni como intérpretes de Lily Bloom e Ryle Kincaid. Na história, Lily, aos 30 e poucos, processa ao mesmo tempo o luto da morte do pai, que batia na mãe, e o trauma das agressões presenciadas na infância. Com o dinheiro da herança deixada por ele, a mocinha abre uma floricultura em Boston, onde espera reencontrar o amor da adolescência, Atlas (Brandon Sklenar), mas acaba conhecendo o charmoso neurocirurgião Ryle, por quem se apaixona. Após viver um conto de fadas e se casar com o médico rico, vem a revira-

volta: com um ciúme doentio, o príncipe encantado se prova tão abusivo quanto o pai dela, e a protagonista se vê em uma encruzilhada ao perceber que está repetindo os comportamentos submissos da mãe — e está grávida.

Assim como o livro, o filme bebe de diálogos rasos e cenas constrangedoras, mas ambos cumprem sua função básica: a de captar atenção com uma história adocicada que flerta com temas caros à agenda feminista. O artifício de ganchos provocativos que fazem o leitor devorar seus livros é comumente usado pela autora em suas obras, como na sequência *É Assim que Começa* e em *Verity*. Para além desse apelo, suas obras bombaram de vez graças a uma tendência nascida na pandemia. Em 2020, quando o fenômeno *booktok* surgiu no TikTok, influenciadores literários passaram a indicar em peso os livros de Colleen. "Não quero dizer que algo bom saiu da pandemia, mas o fato de que pessoas estão lendo mais é uma coisa boa", analisa a autora, que hoje ostenta uma fortuna estimada em 10 milhões de dólares só com a venda de livros e desbancou J.K. Rowling, autora de *Harry Potter*, como escritora preferida entre jovens adultos.

Apesar do inegável triunfo comercial, as obras de Colleen não são lá um primor em matéria de literatura, óbvio. Suas histórias são um corolário de clichês: há pencas de homens complicados de beleza surreal, romances mornos — e, o pior, dilemas que floreiam temas sérios como luto e agressão à mulher. Ainda assim, seus fãs mais renhidos — autointitulados *cohorts* — a enaltecem por fazê-los voltar a ler. Se o dom de envolvê-los vai se repetir no filme, é pagar para ver. ■

“ESCREVER ME CUROU”

Aos 44, Colleen Hoover é uma das escritoras mais bem-sucedidas da atualidade e fala a VEJA sobre a receita que atrai tantos jovens mundialmente.

Por que seus livros se tornaram um fenômeno global? Gostaria de ter uma resposta, porque muitos escritores me questionam qual é o segredo — e, honestamente, eu não sei responder. Mas acredito que a pandemia da covid-19 e o TikTok criaram um público totalmente novo para esse gênero de romance adulto, despertando novos leitores.

JEMAL COUNTESS/GETTY IMAGES

PODEROSA
A autora americana: “Estou orgulhosa do filme”

Não quero dizer que algo bom saiu da pandemia, mas o fato de que pessoas estão lendo mais é uma coisa boa.

Seu livro mais vendido, *É Assim que Acaba,* fala de violência doméstica por meio da florista Lily (Blake Lively no filme), agredida pelo marido, o médico Ryle. O que a inspirou a escrever essa obra? Eu tendo simplesmente a entrar em um livro querendo escrever a história que tenho vontade de contar, mas não estabeleço um objetivo específico. *É Assim que Acaba* terminou sendo muito pessoal para mim, porque quis escrever um livro que achei que faria justiça à história da minha mãe.

Como assim? Esse livro foi vagamente baseado na vida dela *(a mãe de Colleen sofreu violência doméstica do pai da autora até conseguir romper o ciclo do abuso quando ela tinha quase 3 anos, e sua irmã, 5)*. E eu sinto que escrevê-lo me curou de certa forma, então espero que, quando as pessoas assistirem ao filme, elas tenham a mesma sensação que o livro lhes deu.

Quando recebeu a proposta de transformar o livro em um filme, qual foi sua primeira reação? Estava bem ner-

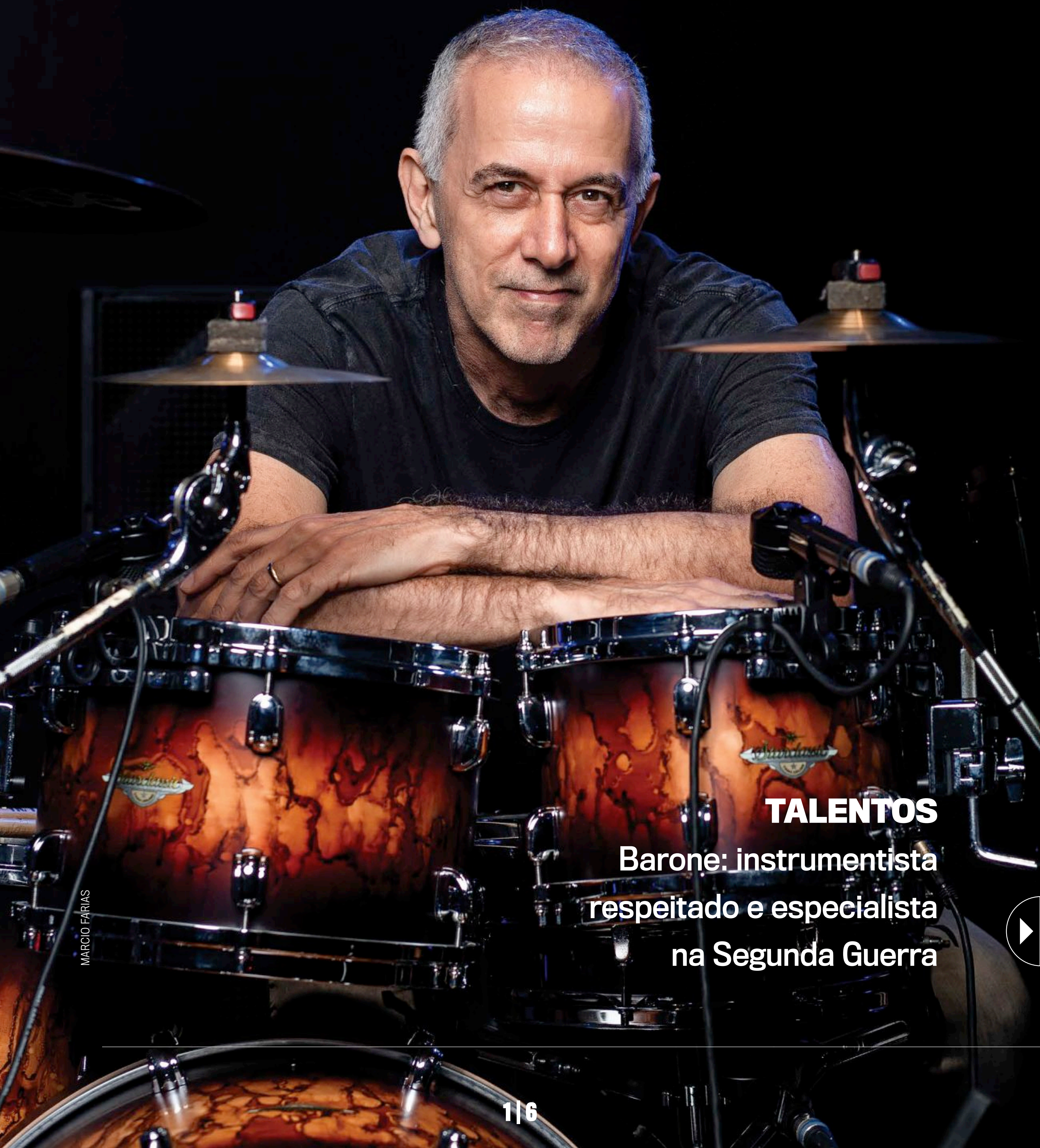
vosa, não vou mentir. É muito assustador entregar seu livro a alguém que pode fazer o que quiser com ele. Então, minha esperança era que o filme permanecesse fiel à história e fizesse os leitores felizes. E acho que a produção manteve isso como um dos objetivos o tempo todo. Eu estava preocupada, mas agora estou orgulhosa do resultado.

Depois de *É Assim que Acaba* você escreveu *É Assim que Começa,* falando do romance da protagonista, Lily, com seu verdadeiro amor, Atlas. Já considerou a possibilidade de escrever um terceiro livro dessa saga? Eu nunca digo nunca. Nunca pensei que escreveria o segundo livro – e acabei escrevendo. Mas, sobre um terceiro, eu diria que isso não está nos meus planos atualmente.

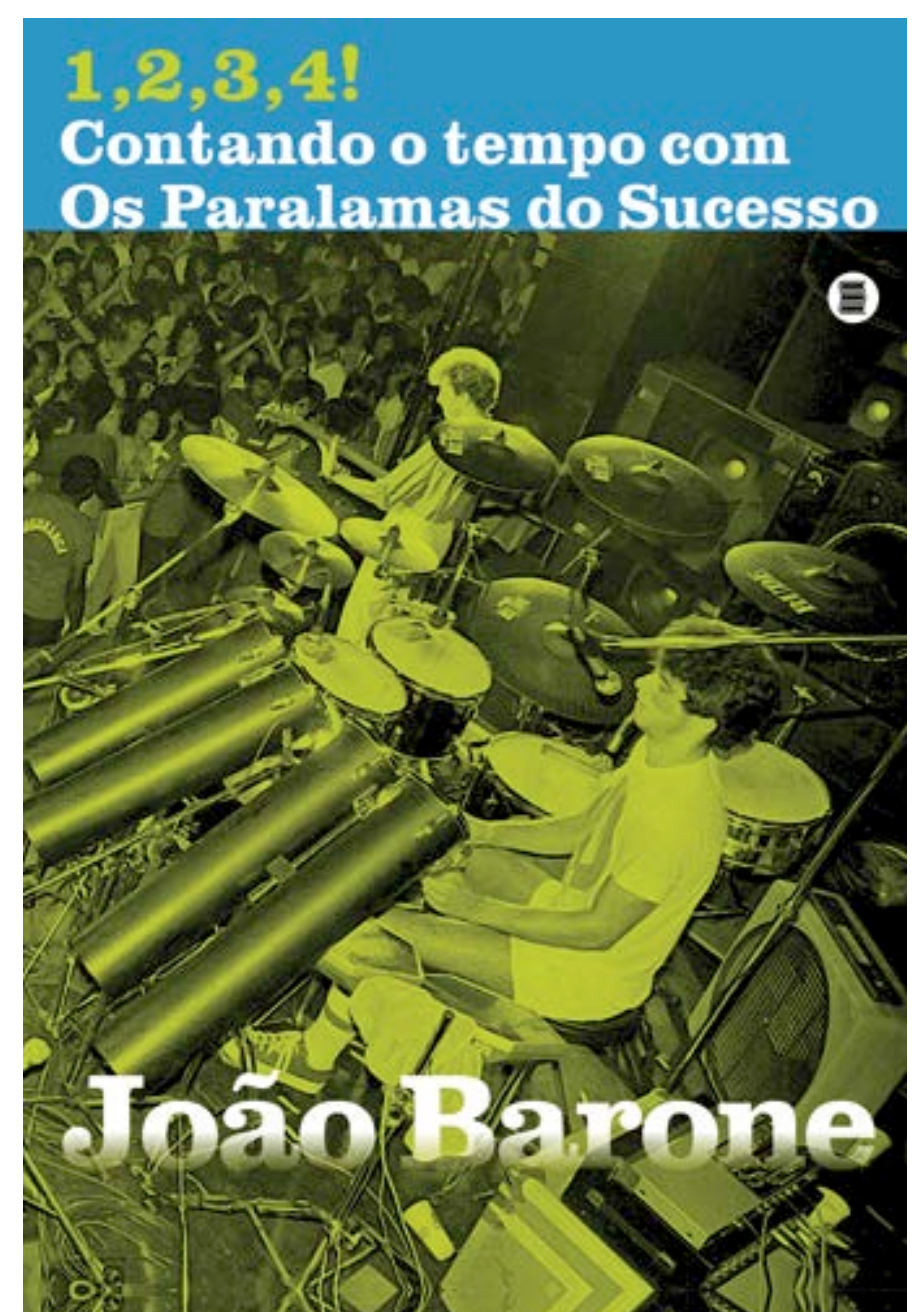
Como foi ver o seu maior sucesso literário materializado nas telas do cinema? Foi bem surreal. Poder ver a floricultura da Lily ganhar vida, andar pelo set de filmagem e ver as coisas que descrevi brevemente no livro como objetos na vida real foi maluco. Foi como testemunhar um sonho se tornar realidade.

NO OLHO DO FURACÃO

Em um livro afiado, o baterista João Barone revê a trajetória dos Paralamas do Sucesso, da ascensão ao acidente com Herbert Vianna, e expõe bastidores do rock nacional **FELIPE BRANCO CRUZ**

MARCIO FARIAS

TALENTOS
Barone: instrumentista respeitado e especialista na Segunda Guerra

TITULAR das baquetas nos Paralamas do Sucesso, João Barone saca uma piada do anedotário do rock para explicar a "importância" de sua função em uma banda. "Sabe qual foi a última frase dita por um baterista antes de ser demitido? 'Pessoal, fiz uma música'", disse ele a VEJA. Apesar do rasgo de modéstia, Barone jamais teve sua competência questionada nos 43 anos de trajetória dos Paralamas. Ao contrário: sempre foi um pilar essencial no trio formado com Herbert Vianna e Bi Ribeiro. De quebra, mostrou-se um compositor capaz de criar sucessos: é de sua autoria um dos hits do grupo, *Melô do Marinheiro*. Agora, na recém-lançada biografia ***1,2,3,4! Contando o Tempo com Os Paralamas do Sucesso,*** revela-se outra faceta do músico. Protagonista de um dos maiores fenômenos da música nacional, ele narra a história da banda desde sua ascensão, no começo dos anos 1980, até o trágico acidente de ultraleve que, em fevereiro de 2001, deixou o vocalista Vianna com sequelas motoras e neurológicas e vitimou sua esposa, Lucy. Observador atencioso e de verve afiada, Barone, aos 62 anos, vai além:

1,2,3,4!
Contando o tempo com
Os Paralamas do Sucesso
João Barone

1,2,3,4! CONTANDO O TEMPO COM OS PARALAMAS DO SUCESSO,
de João Barone
(Máquina de Livros; 416 págs.; 89 reais e 49 reais em e-book)

GUITO MORETO/AGÊNCIA O GLOBO

PÓS-ACIDENTE Herbert, Barone e Ribeiro hoje: tragédia e reinvenção

em seu livro, resgata histórias impagáveis dos tempos heroicos (ou nem tanto, dependendo do personagem) do rock nacional.

A entrada de Barone nos Paralamas já é, em si, uma saga hilária. No final de 1981, os amigos Ribeiro e Vianna procuravam um kit de bateria emprestado para o então percussionista Vital Dias tocar no primeiro show que o grupo faria, na Universidade Federal Rural do Rio de Ja-

neiro, em Seropédica. Barone era um dos poucos estudantes que tinham o instrumento e topou cedê-lo. Na hora marcada, porém, Vital não apareceu — e Barone tocou em seu lugar. “Foi um encontro às cegas. Sem nunca terem me visto na vida, me pediram para substituí-lo, e nunca mais saí da banda”, relembra. O baterista demitido teve seu consolo: foi imortalizado em *Vital e Sua Moto,* primeiro hit dos Paralamas.

Embora não se considere historiador, apenas um entusiasta, Barone aproveita sua expertise como autor de livros e documentários sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra ao recontar a história da banda. Dono de uma memória prodigiosa e de grande acervo de fotos e vídeos, ele recria diálogos e situações que marcaram a longa jornada do grupo. Lembra como o trio estabeleceu laços com os principais roqueiros da geração 80. Às vezes com turbulências: a amizade com Lobão, por exemplo, azedou em razão de uma treta que virou folclore nos bastidores da música. Tudo eram afagos entre os Paralamas e o colega até 1984, quando Herbert Vianna mostrou a ele uma canção ainda inédita, chamada *Me Liga*. Após ouvir alguns versos, Lobão esbravejou e acusou-os de plagiar uma música dele que estava saindo do forno — a hoje manjadíssima *Me Chama*. E saiu do camarim de um show batendo a porta. A rusga durou anos. “Na época, ficamos decepcionados com a forma tão vil de ele falar de nós, moleques que éramos fãs. Hoje, o Lobão já ficou de bem com o mundo. Quando o Her-

JOÃO BARONE/ARQUIVO PESSOAL

FESTA Baú da banda: o trio no palco em 1991, no casamento de Herbert

bert ainda estava no hospital após o acidente, uma das primeiras músicas que ele tocou foi *Me Chama*. Lobão ficou tocado ao saber disso", diz Barone.

O estouro da banda se deu em 1985, após uma apresentação histórica no Rock in Rio. Dali em diante, o grupo se jogaria na estrada, fazendo até dois shows por dia. O ápice foi o lançamento de *Selvagem?*, em 1986, quando o trio investiu em uma sonoridade mais brasileira, criando hits co-

mo *Alagados* e *A Novidade.* O álbum vendeu cerca de 700 000 cópias, um assombro para a época, quando apenas Roberto Carlos conseguia alcançar números superiores. Ao longo da carreira, lançaram quinze álbuns de estúdio e venderam cerca de 5 milhões de discos.

Barone recheia o livro com fotografias de bastidores e aventuras da estrada, como a turnê pela Europa em 1993, na qual tocaram com Brian May, do Queen. Meses depois, o glamour deu lugar a uma apresentação no porão precário de um clube em Madri, na Espanha. O calor era tanto que os três tiveram de parar no meio para tomar uma ducha e depois retornar — em sopa — ao palco. “Era a única maneira de ir até o fim”, conta.

Em contraste com as passagens divertidas e luminosas, Barone dedica a parte final do livro ao relato de como a banda recebeu a notícia do acidente com Vianna e dos dias de apreensão ante a possibilidade de ele morrer ou jamais voltar a ter movimentos e tocar. A narrativa termina logo após a tragédia — apesar de a banda atualmente ter mais tempo com Herbert já na cadeira de rodas do que antes, em uma reinvenção que foi desafiadora não só para o cantor, mas também para Barone e Ribeiro. “Nossa história não acaba onde termina o livro, mas eu tinha de dar um final para, quem sabe, lançar um segundo volume falando desses 23 anos pós-acidente”, afirma. Para quem viveu no olho do furacão do rock, segurar o ritmo hoje é fichinha. ■

INÊS 249

SIMON RIDGWAY/HBO SIMON RIDGWAY/HBO

DRAMA CORPORATIVO Kit Harrington *(à dir.)* na série: dramaturgia intensa sobre o mundo dos negócios

TELEVISÃO INDUSTRY – TERCEIRA TEMPORADA

(episódios semanais aos domingos na HBO e na Max)

Nos bastidores de um dos maiores bancos da Inglaterra, um grupo de recém-graduados equilibra o glamour da vida à la Faria Lima com os hormônios da juventude e a rotina de trabalho altamente estressante — resultando em dramaturgia intensa, que só tem melhorado desde a estreia. Na terceira temporada de *Industry,* o alvo dos roteiros é a pretensão ambientalista marqueteira no mundo corporativo, chamada de "greenwashing". Prestes a lançar uma nova startup de tecnologia verde, o empresário Henry Muck (Kit Harrington) impõe desafios inéditos aos principais banqueiros da trama e logo se mescla à complicada teia interpessoal que os conecta. Além de ser próxima à realidade, a série impressiona pela excelente construção de personagens — combustível para atuações acima da média.

DIVULGAÇÃO

HUMANISMO TJ (Dave Turner) e Yara (Ebla Mari): uma aula de tolerância

CINEMA

O ÚLTIMO PUB ***(The Old Oak,* Reino Unido/ França/Bélgica, 2023. Em cartaz no país)**

Num vilarejo minerador da Inglaterra, TJ (Dave Turner) mantém aberto um pub que sobrevive a duras penas à crise econômica local. Abandonada à própria sorte, a vila recebe certo dia um contingente de refugiados sírios alocados na região pelo governo. Em meio ao drama dos moradores, a chegada dos novos vizinhos causa revolta e preconceito. Com realismo incômodo, o longa do veterano Ken Loach, de 88 anos, tem sua marca humanista: por meio da amizade de TJ com a jovem síria Yara (Ebla Mari), ele mostra que a intolerância pode não só ser vencida, mas dar lugar ao progresso mútuo.

LIVRO

O ÚLTIMO SONHO,

de Pedro Almodóvar (tradução de Miguel Del Castillo; Companhia das Letras; 192 págs.; 74,90 reais e 39,90 em e-book)

Uma mulher caminha determinada até um colégio católico para enfrentar o padre que traumatizou seu irmão. Ela é extravagante: o figurino que acentua suas curvas e o salto alto logo se materializam na mente de quem lê o conto escrito pelo cineasta espanhol. Assim como em seus filmes, Almodóvar abusa de cores quentes e reflexões humanas nesta coletânea de doze contos, classificada por ele de autoficção: os temas vão da relação conflituosa com a religião ao amor pela mãe e aos bastidores de seu ofício. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 150#] GALERA RECORD

2 **O LIVRO DO BILL**
Alex Hirsch [6 | 2#] UNIVERSO DOS LIVROS

3 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [3 | 87#] GALERA RECORD

4 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [2 | 109#] BERTRAND BRASIL

5 **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [0 | 8#] BUZZ

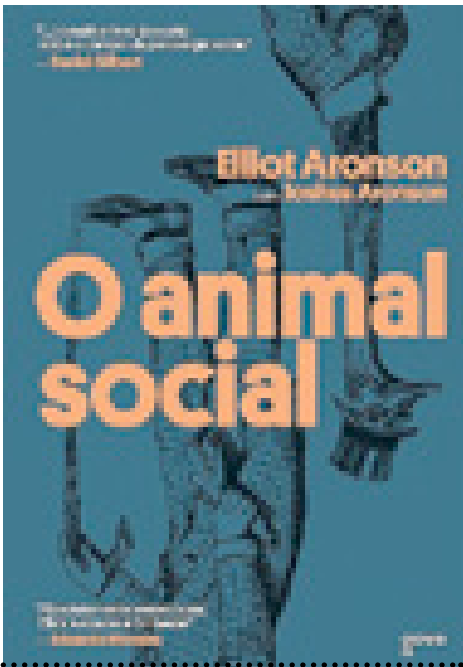
6 **FAHRENHEIT 451**
Ray Bradbury [4 | 48#] BIBLIOTECA AZUL

7 **VERITY**
Colleen Hoover [5 | 120#] GALERA RECORD

8 **FOGO E SANGUE**
George R.R. Martin [9 | 24#] SUMA DE LETRAS

9 **BAMBINO A ROMA**
Chico Buarque [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

10 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [7 | 97#] RECORD

NÃO FICÇÃO

1 **O ANIMAL SOCIAL**
Elliot Aronson e Joshua Aronson [1 | 8#] GOYA

2 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [3 | 58#] VÁRIAS EDITORAS

3 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [2 | 51#] VESTÍGIO

4 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [7 | 366#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

5 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [0 | 66#] VOZES

6 **AS SEIS LIÇÕES**
Ludwig von Mises [0 | 8#] LVM EDITORA

7 **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [0 | 23#] COMPANHIA DAS LETRAS

8 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [5 | 50#] VÁRIAS EDITORAS

9 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [9 | 198#] ROCCO

10 **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
Vários autores [0 | 42#] CAMELOT EDITORA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [5 | 180#] HARPERCOLLINS BRASIL

2 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [2 | 32#] VÉLOS

3 **TEMPO, DINHEIRO E ATENÇÃO**
Guilherme Junqueira [0 | 1] GENTE

4 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [1 | 46#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **A ERA DA CRIPTOECONOMIA**
Bruno Diniz [0 | 2#] GENTE

6 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [6 | 30#] ROCCO

7 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [7 | 60#] ALTA BOOKS

8 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [4 | 129#] SEXTANTE

10 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [0 | 254#] CITADEL

INFANTOJUVENIL

1. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 430#] VÁRIAS EDITORAS

2. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [4 | 435#] ROCCO

3. **MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS**
Holly Jackson [0 | 25#] INTRÍNSECA

4. **E FOI ASSIM QUE TUDO MUDOU**
Thais Bergmann [0 | 2#] ASTRAL CULTURAL

5. **CONECTADAS**
Clara Alves [0 | 17#] SEGUINTE

6. **CORALINE**
Neil Gaiman [0 | 78#] INTRÍNSECA

7. **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [0 | 37#] VR

8. **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [5 | 19#] OUTRO PLANETA

9. **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [6 | 38#] OUTRO PLANETA

10. **EMOCIONÁRIO**
Cristina Núñez Pereira [3 | 17#] SEXTANTE

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página,
Vila Velha: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

TRAIÇÃO

O CALENDÁRIO é implacável: faltam apenas oito semanas para as eleições municipais. É tempo de rupturas, dissidências, infidelidades, deslealdades, falsidades, fingimentos, hipocrisias, imposturas e perfídia — a lista de sinônimos pode ser exaustiva conforme a situação, o personagem e o culto aos dicionários.

Traição, provavelmente, é o traço mais permanente na vida política. Transparece na irônica pincelada de Leonardo da Vinci no afresco da Santa Ceia e na mordacidade de William Shakespeare com Marco Antônio discursando no funeral de Júlio César: "Venho para sepultá-lo, não para elogiá-lo. O mal que os homens fazem sobrevive-lhes. O bem costuma ser sepultado com os seus ossos. Que seja assim com César...".

Menos sutil era Manoel Antônio Pereira Borba, ex-prefeito de Goiana, deputado federal e senador, que governou Pernambuco entre 1915 e 1919. Virou ídolo na família do ex-presidente José Sarney. No livro *Galope à Beira-mar,* Sarney resgata um conselho do avô Assuéro sobre o método Borba para lidar com traições. Na véspera de uma eleição, o governador enviou telegrama com singela mensagem a todos os prefeitos pernambucanos: "Quem tiver o que perder não vote contra a chapa do governo!".

Políticos sobrevivem na desconfiança. "Aprendi em Brasília que traições são comuns", repete a deputada federal Tabata Amaral, do PSB, sobre a frustrada parceria eleitoral com José Luiz Datena, do PSDB, na disputa pela prefeitura de São Paulo. Datena tem atravessado os dias de campanha explicando duas coisas: 1) não traiu a ex-parceira, agora adversária; 2) não pretende trair seu partido abandonando a disputa municipal — como já fez quatro vezes —, mas quer se candidatar ao Senado em 2026.

Temporada eleitoral é primavera de decepções. A luta pelo poder fratura famílias tradicionais na política do sertão do nordestino. Em Massapê, a 250 quilômetros de Fortaleza, os Albuquerques se dividiram. O deputado federal Antônio José destituiu o pai do comando do PP e se aliou ao PT. O patriarca José, deputado estadual, foi parar no palanque da filha Aline, prefeita em busca da reeleição pelo Republicanos. A 800 quilômetros ao sul, em Belo Monte, Alagoas, implode uma antiga aliança dominante na região. Outro clã Albuquerque, também do Republicanos, desfez laços com os Feitosas, do MDB.

No Rio, o governador Cláudio Castro, do PL, sentiu necessidade de fazer uma declaração pública de fidelidade a Jair Bolsonaro. Prometeu-lhe lealdade "até o último dia do mandato". Os mais céticos, ou cínicos, suspeitam que a garantia de Castro tem prazo de validade: até a meia-noite da quinta-feira 31 de dezembro de 2026.

“Temporada de decepções e ressentimentos na luta pelo poder”

Em Brasília, Bolsonaro renega acordos. Trocou um fiel aliado do PP em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, por um antigo adversário local, do PSDB. Repetiu-se em Foz do Iguaçu, Paraná, ao trocar a candidatura de Paulo Mac Donald Ghisi (PP) pelo apoio a Joaquim Silva e Luna (PL), que no seu governo foi presidente da Itaipu e da Petrobras. Dois anos atrás, Silva e Luna deixou a Petrobras dizendo-se traído pelo então presidente: “Não vendo minha alma”. Aparentemente, se reconciliaram no palanque. Bolsonaro, no entanto, deixou um rastro de incertezas sobre o futuro da coalizão de direita que o sustentou no governo durante quatro anos.

Lula fez diferente. Atropelou aliados numa série de decisões sobre candidaturas nos maiores colégios eleitorais. O personalismo fomentou rebeldia no Partido dos Trabalhadores e satélites sobre as escolhas em cidades como Maceió, Manaus, Belém, Salvador e Belo Horizonte. Por isso, ele resolveu se resguardar na leveza das colunas de mármore, projetadas como penas pousando no chão, que dissimula o clima de conspiração permanente no Palácio do Planalto. Só

deve participar de comícios em São Paulo, onde o PT se divide no apoio à chapa Guilherme Boulos-Marta Suplicy.

Temporada eleitoral é estuário de ressentimentos. Ex-prefeito de Campo Grande, Marcos Trad anuncia vingança contra líderes do PSDB. Ele renunciou à prefeitura para se candidatar ao governo estadual em 2022, mas foi interrompido por denúncias de assédio contra sete mulheres. Com o arquivamento do processo na semana passada, Trad planeja uma revanche contra quem acha que "armou" contra a sua aventura eleitoral.

Vai ser assim até o fim da eleição. E depois também, porque todo candidato derrotado acha que o eleitor não passa de um traidor. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA

JBS

Eleita a melhor empresa do setor de alimentos e bebidas, pelo 3º ano consecutivo.

Institutional Investor

Confiança é base de qualquer relacionamento. Do consumidor ao investidor.

Receber a mais alta distinção na premiação anual da Institutional Investor reforça nosso compromisso diário com a excelência, em tudo o que a gente faz. Um exemplo concreto é que, nos últimos 5 anos, a JBS entregou um retorno médio anual de 25% a.a. em reais e 17% a.a. em dólares aos acionistas. Esse desempenho fortalece toda uma rede de confiança. E promove o reconhecimento contínuo de consumidores, clientes, colaboradores, comunidades e investidores que têm apostado na JBS ano após ano.

2024 LATIN AMERICA EXECUTIVE TEAM
MOST HONORED COMPANY
JBS

1ª Empresa Mais Reconhecida / #1 Most Honored Company

Melhor CEO - 1º lugar - *3º ano consecutivo*

Melhor CFO - 1º lugar - *3º ano consecutivo*

Melhor Profissional de RI - 1º lugar - *SellSide*

Melhor Time de RI - 1º lugar - *4º ano consecutivo*

Melhor Programa de RI - 1º lugar - *3º ano consecutivo*

Melhor Conselho - 1º lugar - *2º ano consecutivo*

Friboi Seara Swift Maturatta Friboi Doriana Delícia

Hans 1953 Friboi Incrível! Pilgrim's Primo Moy park